

**MARIA DO CARMO MENDONÇA SILVA**

**RENÚNCIA À VIDA PELA MORTE VOLUNTÁRIA:  
O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA NO RECIFE DOS ANOS 1950**

Recife-PE.  
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**RENÚNCIA À VIDA PELA MORTE VOLUNTÁRIA:  
O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA NO RECIFE DOS ANOS 1950**

**MARIA DO CARMO MENDONÇA SILVA**

Recife-PE.

2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

**RENÚNCIA À VIDA PELA MORTE VOLUNTÁRIA:**  
**O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA NO RECIFE DOS ANOS 1950**

**MARIA DO CARMO MENDONÇA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Christine Rufino Dabat.

Recife-PE.

**2009**

**Silva, Maria do Carmo Mendonça**

**Renúncia à vida pela morte voluntária : o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950 / Maria do Carmo Mendonça Silva. – Recife: O Autor, 2009.**

**141 folhas: il., fig., tab., quadros.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009.**

**Inclui: bibliografia e anexos.**

**1. História. 2. Suicídio. 3. Teoria social. 3. Imprensa – Recife (1950). I. Título.**

**981.34  
981**

**CDU (2.  
ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2009/52**

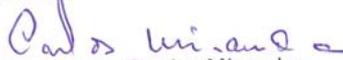


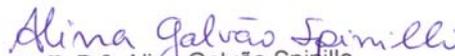
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MARIA DO CARMO MENDONÇA  
SILVA.

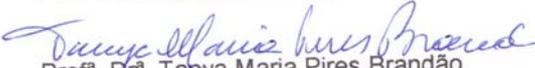
Às 14:00h do dia 03 (três) de março de 2009 (dois mil e nove), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Maria do Carmo Mendonça Silva** intitulada **“Renúncia à Vida pela Morte Voluntária: o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito **“APROVADA”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Christine Paulette Yves Rufino Dabat (orientadora), Carlos Alberto Cunha Miranda e Alina Galvão Spinillo. Assinam, também, a presente ata a Coordenadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tanya Maria Pires Brandão e a Secretária da Pós-Graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 03 de Março de 2009.

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Christine Paulette Yves Rufino Dabat.

  
Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda.

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alina Galvão Spinillo.

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tanya Maria Pires Brandão.

  
Sandra Regina Albuquerque

“A todos

De minha morte não acusem ninguém, por favor. O defunto odiava isso.

Mãe, irmãs e companheiros, me desculpem, este não é o melhor método (não recomendo a ninguém).

Mas, não tenho saída.

Caso encerrado, o barco do amor espatifou-se na rotina.

Acertei as contas com a vida.

Inútil a lista

de dores,

desgraças

e mágoas mútuas.

Felicidade para quem fica”.

Vladimir Maiakóvski

## **RESUMO**

O estudo do suicídio desencadeia toda uma discussão que perpassa por várias áreas do conhecimento humano, sobretudo por apresentar diversas origens ou explicações, cabendo análise detalhada e sob várias abordagens. Neste sentido, procurou-se estudar o problema do suicídio através das perspectivas apresentadas pela Psiquiatria, pela Sociologia e pela Psicanálise. A partir de pesquisas realizadas nos jornais – Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Jornal Pequeno – realizou-se um estudo dos casos coletados sob a ótica de uma análise estatística descritiva, que apontou alguns resultados que confirmaram uma tendência mundial, como por exemplo, mais homens tentam e conseguem se matar. Por outro lado, a pesquisa mostrou que no Recife dos anos 1950, mais casados se suicidavam, enquanto nas tentativas o maior número de casos ficou entre os solteiros. À medida em que os dados eram analisados, ia sendo observada a forma como a imprensa tratava os casos de suicídio e das tentativas, o que permitiu a abordagem do tema através da visão jornalística da época. Dentro dessa perspectiva de estudo, o fenômeno do suicídio foi tratado e analisado no presente trabalho, o que possibilitou traçar um quadro dos casos de suicídio e das tentativas acontecidos no Recife dos anos 1950.

Palavras-chave: Suicídio; Recife; anos 1950.

## **ABSTRACT**

The study of suicide leads to an entire discussion that involves many areas of human knowledge, particularly by presenting different origins or explanations, with detailed analysis and under various approaches. In this sense, we tried to study the problem of suicide through the psychiatry, the sociology and psychoanalysis perspectives. From surveys conducted in the newspapers - Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio and Jornal Pequeno - a study was performed on the cases collected by a descriptive statistical analysis perspective which showed some results that confirmed a global trend, eg more men trying to commit suicide. Moreover, the research showed that in Recife of the 1950s, more married people commit suicide while in attempts the highest number of cases was among the singles. The more the data were analyzed, it was observed how the press treated the cases of suicide and attempts, allowing the approach of the subject to be performed through the journalistic view of the time. Within this perspective of study, the phenomenon of suicide was treated and analyzed in this work, which has set a table of cases of suicide attempts occurred in Recife in the 1950s.

Keywords: Suicide ; Recife ; 1950's.

## AGRADECIMENTOS

E a pergunta que me vem em tom de agradecimento é: por que será que é preciso agradecer?

Agradecer é palavra essencial e ajuda palavra-chave, uma vez que sem ela impossível seria a confecção deste trabalho.

À professora e orientadora Christine Rufino Dabat pela certeza e confiança a mim passadas nos momentos em que eu mesma duvidava que fosse capaz de conseguir a realização do objetivo. Agradeço também pela liberdade e efetiva orientação durante todo o processo de construção deste trabalho.

Ao professor Carlos Alberto C. Miranda que ao tomar conhecimento da decisão de trabalhar o suicídio, de imediato se empolgou e o seu incentivo me motivou a trocar o projeto original.

À Professora Alina Galvão Spinillo pelas considerações e sugestões apresentadas durante a realização do exame de qualificação.

Ao amigo, compadre e psicanalista Luis Martinho Maia pelo acompanhamento durante a análise da teoria freudiana e pelas dicas e contribuições fundamentais para a elaboração do trabalho.

A todos os professores do curso pelo saber e conjunto de informações que em muito contribuíram na condução e efetivação deste projeto.

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano pelo atendimento prestado quando da realização das pesquisas.

Aos funcionários de todas as bibliotecas consultadas, da UFPE, pela presteza e disposição no atendimento.

Ao Memorial da Justiça, não só pelo seu acervo, mas também aos seus funcionários pela cordialidade e atenção dispensadas.

Ao funcionário responsável pelo atendimento do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História (LAPEH) o meu agradecimento.

À minha família: minhas filhas Marcela e Máisa e meu marido Ivan Pedro da Silva, pela paciência e incentivo nas horas de desânimo e nervosismo. Um agradecimento

especial a Máisa pela prestimosa ajuda prestada na realização da análise estatística dos dados. Aos meus pais (i.m.) a minha eterna gratidão por me terem dado a vida.

### **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: “Prossegue intensa a onda suicídios no Recife”. Diário de Pernambuco, 30/11/58.

Figura 2: “Morreu para encontrar Lúcia Maria na eternidade”. Diário de Pernambuco 21/10/58.

Figura 3: “Por causa de Tiza” – “Enforcou-se o popular aos 60 anos de idade”. Diário de Pernambuco, 30/11/58.

Figura 4: “Suicidou-se Getúlio Vargas com um tiro no coração” Diário de Pernambuco, 24/10/58.

Figura 5: “Com um tiro no coração, Cilene destruiu uma vida marcada por uma seqüência de tragédias”. Diário de Pernambuco, 31/10/58.

Figura 6: “Comerciante disparou um tiro no ouvido, tendo morte imediata”. Diário de Pernambuco, 21/11/58.

Figura 7: “Praça Rio Branco, bairro do Recife”. Acervo: Museu da Cidade do Recife.

Figura 8: “Alagado e Mocambo do Recife”. Acervo: Museu da Cidade do Recife.

Figura 9: “Mais outro suicídio foi registrado ontem, no Recife” – “Foi abandonada pelo amante e suicidou-se”. Diário de Pernambuco, 22/11/58.

Figura 10: “Adeus ao mundo envolta em chamas”. Jornal Pequeno, 20/11/52.

Figura 11: “Histograma do estado civil dos suicidas”.

Figura 12: “Histograma dos que tentaram o suicídio”.

Figura 13: “Suicidou-se a doméstica”. Diário de Pernambuco, 24/10/58.

Figura 14: “Morro do Recife: Alto do Pascoal/Bairro de Casa Amarela. Acervo: Museu da Cidade do Recife.

Figura 15: “Seduzida e abandonada, tocou fogo nas vestes”. Diário de Pernambuco, 29/11/58.

Figura 16: “Suicidou-se o menor de 17 anos, com um tiro de fuzil no ouvido”. Diário de Pernambuco, 12/11/58.

Figura 17: “Histograma do turno em que ocorreu o suicídio”.

Figura 18: “Histograma do turno em que ocorreram as tentativas”.

Figura 19: “Histograma dos anos em que ocorreu o suicídio”.

Figura 20: “Histograma dos anos em que ocorreram as tentativas”.

Figura 21: “A namorada deu-lhe o fora e Arnaldo procurou a morte”. Jornal Pequeno, 18/11/52.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: “Tabela do sexo dos suicidas e dos que tentaram suicídio”.

Tabela 2: “Tabela da idade dos suicidas”.

Tabela 3: “Tabela da idade dos que tentaram suicídio”.

Tabela 4: “Tabela da profissão dos suicidas e dos que tentaram suicídio”.

Tabela 5: “Tabela do bairro dos suicidas e dos que tentaram suicídio”.

Tabela 6: “Tabela dos meios utilizados pelos suicidas e pelos que tentaram suicídio”.

Tabela 7: “Tabela da cidade onde ocorreram os suicídios e as tentativas”.

Tabela 8: “Tabela do local onde ocorreram os suicídios e as tentativas”.

Tabela 9: “Tabela dos motivos dos suicidas e dos que tentaram suicídio”.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: O SUICÍDIO AO LONGO DA HISTÓRIA .....	11
1.1 – A HERANÇA ANTIGA: O PENSAMENTO GREGO E O PENSAMENTO ROMANO .....	12
1.2 – A IDADE MÉDIA: ENTRE A LOUCURA E O DESESPERO.....	18
1.3 – RENASCIMENTO: INDIVIDUALISMO E CONTESTAÇÃO DOS VALORES TRADICIONAIS.....	20
1.4 – O DEBATE NO SÉCULO DAS LUZES.....	21
1.5 - O SUICÍDIO NO BRASIL .....	26
CAPÍTULO II: SOBRE O SUICÍDIO: AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS TRABALHADAS PELA PSIQUIATRIA, PELA SOCIOLOGIA E PELA PSICANÁLISE.....	42
2.1 - A TEORIA PSIQUIÁTRICA .....	43
2.2 - AS TEORIAS SOCIOLÓGICAS .....	47
2.3 - A EXPLICAÇÃO PSICANALÍTICA: FREUD E O SUICÍDIO .....	58
2.4 – DEFININDO O SUICÍDIO.....	66
2.5 – OS MOTIVOS QUE LEVAM AO SUICÍDIO.....	68
2.6 – COMO O SUICÍDIO PODE SER TRATADO E PREVENIDO.....	70
CAPÍTULO III: A MORTE VOLUNTÁRIA NO RECIFE DOS ANOS 1950.....	75
3.1 – A CIDADE SE APRESENTA: BELA E SUDUTORA OU CRUEL E DESUMANA?.....	76
3.2 – DEU NO JORNAL: O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA .....	82
3.3 – A PESQUISA REVELA A FACE DO SUICÍDIO .....	88
3.4 - CONCLUSÃO .....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
BIBLIOGRAFIA.....	117
ANEXOS.....	122

## INTRODUÇÃO

“Prossegue, intensa, a onda de suicídios no Recife”.<sup>1</sup>

Com esta manchete, na seção de Fatos Diversos, o Diário de Pernambuco noticia mais uma morte, por suicídio, num dos anos com maior número de casos, o ano de 1958.



Figura 1 - “Prossegue intensa a onda de suicídios no Recife”. Diário de Pernambuco, 30/11/58.

<sup>1</sup> Diário de Pernambuco – 30/11/58, p. 5.

O interesse pelo estudo do cotidiano do Recife, nos anos 1950, surgiu durante a realização do trabalho de monografia para conclusão do bacharelado em História, pela UFPE, no ano de 2004. Na ocasião, os inúmeros casos de suicídios detectados durante as pesquisas realizadas nos principais jornais da cidade – Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Jornal Pequeno – possibilitou a exploração deste assunto ainda tão pouco estudado. O fenômeno do suicídio, que havia despertado a atenção e o interesse pelo tema, conduziu o presente trabalho a focar, dentro do cotidiano, tal problema. A partir deste contato com os jornais e de estudos complementares sobre a morte voluntária, duas questões foram se delineando e convergindo, simultaneamente, como objeto do presente estudo: primeiro, a forma como esses jornais tratavam os casos, o que possibilitava estudar o suicídio aos olhos da imprensa; e, segundo, a relação entre suicídio e loucura fortemente enfatizada pelos jornais.

O recorte temporal justifica-se, naturalmente, como consequência do mesmo período da monografia, além de um interesse particular sobre os anos 1950. A opção pela mídia impressa como principal fonte de pesquisa foi proposital em virtude do ineditismo do tema. Os processos originados dos inquéritos policiais instaurados quando dos casos de suicídios e das tentativas, muito mais completos de informações e, por conta disso, requerendo um tempo maior para serem analisados, foram deixados para um futuro trabalho.

Um primeiro ponto se impôs para a consecução do objetivo do trabalho: a rara literatura brasileira existente sobre o assunto, principalmente na área de História. Isto não foi motivo de desânimo, pelo contrário, foi um incentivo para este trabalho prosseguir e procurar em outras áreas do conhecimento subsídios para esta análise.

Segundo o historiador Georges Minois<sup>2</sup>, a morte voluntária é pouca citada nos estudos que marcaram a historiografia dos anos 1970 e 1980 acerca da morte, em outros tempos.<sup>3</sup> Esta lacuna resultaria de causas documentais, pois, diferentemente das mortes naturais, ela não estaria registrada nos famosos registros paroquiais – ao suicida era negado o direito ao enterro religioso. Assim, o historiador deveria recorrer aos arquivos

---

<sup>2</sup> MINOIS, Georges; *História do Suicídio-A sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editora Teorema, 1995, p. 7.

<sup>3</sup> De acordo com Minois, nos grandes estudos de Michel Vovelle (1983) François Lebrun (1971), Pierre Chanu (1977), Phillipe Ariés (1977), John Mac Manners (1981) e muitos outros sobre o assunto, observa-se que a morte voluntária quase nunca aparece ao longo destes estudos.

judiciais (uma vez que esta morte era considerada como um crime) e, também, a outras fontes variadas, a exemplo de jornais, literatura, memórias e crônicas. Por outro lado, além das razões metodológicas, uma outra se impõe: a morte voluntária é um tipo de óbito cuja significação não é de ordem demográfica (como as grandes epidemias mundiais), mas filosófica, religiosa, moral e cultural, onde o silêncio e a dissimulação que a tem envolvido durante muito tempo criaram um clima incômodo a seu respeito.

A metodologia com a qual pretende-se trabalhar, tentou expor as diferentes abordagens que são dadas ao tema através das teorias psiquiátricas, psicanalíticas e sociológicas.

A teoria psiquiátrica foi a primeira a tentar explicar as causas do suicídio. O debate, iniciado desde fins do século XVII por médicos e alienistas, já associava o suicídio com a loucura ou a melancolia.<sup>4</sup> Grande nome da época, Thomas Willis (1621/1675), colocou em evidência o ciclo “maníaco-depressivo” e demonstrou que a melancolia pode degenerar em furor e provocar crises suicidárias.

“Depois da melancolia, é preciso tratar a mania que com ela tem muitas afinidades porque esses males muitas vezes se confundem um com o outro”.<sup>5</sup>

A explicação de Willis teve grande repercussão no mundo científico e até judiciário.

Pouco a pouco, foi surgindo uma explicação médica e somática das tendências suicidárias, fazendo com que aqueles que se suicidavam se tornassem mais vítimas do que criminosos. Assim, os tratados de psicopatologia começaram a influenciar a justiça já a partir do Século XVIII, com os juristas se mostrando sensíveis a essas correntes médicas e manifestando uma disposição para excluir de responsabilidade moral e penal os suicídios cometidos por melancolia.

Em 1810, no seu *Traité médico philosophique sur l'alienation mentale*, Pinel falava de uma melancolia com tendência ao suicídio, associando-a a defeitos mentais, que levaria os indivíduos a exagerar eventos desagradáveis em suas vidas. Ele dizia, por

---

<sup>4</sup> Segundo CORRÊA, Humberto/BARRERO, Sergio (2006) Hufeland definiu a *melancholia suicidum*, enquanto Boissier de Sauvages descreveu a *melancholia anglica*. Pinel vai falar de uma melancolia com tendência ao suicídio.

<sup>5</sup> WILLIS, Thomas in MINOIS, Georges. *História do suicídio*. p. 392.

exemplo, que um choque violento poderia ser benéfico para curar alguém com tendências suicidas.<sup>6</sup>

Em 1827, Esquirol, com seu livro *Les monomanies*, sistematizava a teoria psiquiátrica do suicídio.

“O suicídio possui todas as características das alienações mentais” (...) “O homem só atenta contra a própria vida quando está mergulhado no delírio: logo os suicidas são alienados”.

Partindo desse princípio, ele concluiu que o suicídio, sendo involuntário, não deveria ser punido pela lei.<sup>7</sup> Até o Século XIX, a morte voluntária era punida severamente através de sanções religiosas e sanções civis. Assim, execuções de cadáveres e prisões por tentativas de suicídio ocorreram até a segunda metade do século.

A teoria psiquiátrica esteve sempre presente, após a sua fundação por Esquirol, no pensamento médico e particularmente no psiquiátrico, sendo consensual entre eles a importância das afecções mentais como causa do suicídio e a defesa da discriminação desse ato.<sup>8</sup>

A teoria sociológica do suicídio surgiu no final do Século XIX através de Émile Durkheim. Procurando focalizar os efeitos prejudiciais que a sociedade exerce sobre os indivíduos, este autor, no seu livro *O Suicídio*, procura estabelecer um modelo para as investigações do suicídio, tentando mostrar que as causas do auto-extermínio têm fundamento social e não individual. Para Durkheim, não são os homens que se suicidam, mas a sociedade através deles, postulando que o número de casos ocorridos numa determinada sociedade dependeria do nível de integração social e das regulações existentes. Neste caso, o suicídio revelaria algumas causas sociais o que permitiria dividi-lo em três categorias: o **egoísta**, em que o indivíduo se afasta dos seres humanos; o **anômico**, originário por parte do suicida da crença de que todo o mundo social, com seus valores e regras, desmorona-se em torno de si; e o **altruísta**, por lealdade a uma causa.

---

<sup>6</sup> PINEL in MINOIS, Georges, *História do suicídio*, p. 393.

<sup>7</sup> Esquirol in DURKHEIM, Émile; *O suicídio*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. p. 30.

<sup>8</sup> CORRÊA, Humberto/BARRERO, Sergio. *Suicídio uma morte evitável*. São Paulo, Editora Atheneu, 2006, p. 38.

A teoria sociológica foi completada por Maurice Halbwachs, em 1930. O seu livro *Les causes du suicide* estabelece a solidão como ponto comum de todos os tipos de suicídio...

“O sentimento de uma solidão definitiva e sem recurso é a única causa do suicídio”.<sup>9</sup>

A principal contribuição de Halbwachs deve-se à tentativa de resolver o conflito individual x coletivo, pois, enquanto Durkheim argumentava que não há suicídios quando o indivíduo está bem ancorado em seu meio social, Halbwachs, na reflexão que faz dos aspectos desse conflito, se aprofunda nos fatores que poderiam levar a esta falta de ancoragem, contribuindo para uma melhor compreensão dos aspectos sociológicos do suicídio.

Baseado em análises estatísticas, a obra de Durkheim revela conclusões, embora muito criticadas inclusive por Halbwachs que conservam uma grande força explicativa, tornando-se referência obrigatória quando se estuda o suicídio. Mais de cem anos depois de sua primeira edição, em 1897, seu livro permanece leitura indispensável a todos que desejem aprofundar-se no campo da suicidologia, com sua teoria sobre a integração social do indivíduo permanecendo atual e importante, apesar de algumas ressalvas que possa sofrer das outras abordagens sobre o tema.

Contrapondo-se a esta abordagem, Freud, nas suas elaborações para explicar psicanaliticamente o suicídio, o considerou de um ponto de vista individual, isto é, no que se passa na alma do indivíduo. Embora num primeiro momento suas obras não tenham tratado da questão, contribuições significativas para a compreensão do tema foram iniciadas através da análise de casos de pacientes que haviam tentado o suicídio. É importante frisar que até 1915, Freud não se dedicou diretamente a esta questão por considerar não ter meios ainda para fazer tal abordagem e responder à questão principal do suicídio: como o indivíduo pode renunciar à sua auto-preservação (pulsão de vida) em favor da destruição? Em 1917, na série dos seus trabalhos metapsicológicos, o texto *Luto e Melancolia* faz referência ao suicídio, com Freud afirmando que no sadismo encontrado no melancólico estaria a solução do problema.

---

<sup>9</sup> HALBWACHS, Maurice in MINOIS, Georges. *História do Suicídio*, p. 397.

“É exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante e perigosa”.<sup>10</sup>

O sadismo é resumido como um exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto. Quando esse sadismo se volta contra o próprio eu, ele se expressa por meio da autopunição e da melancolia.

“Quando a culpa inconsciente predomina, o processo de luto se complica, torna-se patológico, e a necessidade de punição, de castigo, pode conduzir a idéias suicidas”.<sup>11</sup>

A correlação entre luto e melancolia seria justificada pelas causas dessas duas condições. O luto pode ser compreendido como a reação à perda de algo ou de alguém, principalmente de forma brusca, levando o indivíduo a um estado de sofrimento superado após um certo tempo. A sensação de desequilíbrio, ocasionado por ela, leva a alma a precisar de tempo para poder acostumar-se, readaptar-se e saber o que fazer com a energia livre. O objeto ou a pessoa perdida toma conta da mente fazendo com que a pessoa relute em admitir a perda, criando fantasias, lembrando e dialogando com o morto ou perdido, como se ele ainda existisse. Aos poucos, porém, essas imagens e pensamentos vão se esvaindo e o indivíduo volta a se interessar pelo mundo, por outras pessoas, retomando a sua vida normal. Para Freud...

“(…) embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele”.<sup>12</sup>

A melancolia também seria uma reação à perda de um objeto, porém de natureza mais ideal, onde não se pode ver claramente o que foi perdido. O que no luto era uma perda em nível de objeto, na melancolia transforma-se em perda do eu. O mal-estar processa-se em nível inconsciente, ou seja, o enlutado não sabe o que realmente está ocorrendo em sua mente. Ademais, o melancólico exhibe outra coisa ausente no luto...

---

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund; *Luto e Melancolia*; v. 2. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 110.

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Ibid, p. 103.

“Uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego”.<sup>13</sup>

Em 1920, com a publicação de *Além do Princípio do Prazer*<sup>14</sup>, o problema da destrutividade faz seu primeiro aparecimento explícito. A introdução do conceito de pulsão de morte pôde explicar a destruição do próprio eu, como é o caso do suicídio. A sua investigação no sentido de traçar uma distinção nítida entre os “instintos do ego” e os “instintos sexuais”, e a visão de que os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida, leva a uma virada do dualismo pulsional: não mais pulsões do eu x pulsões sexuais e, sim, pulsão de vida x pulsão de morte.

“Os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente”.<sup>15</sup>

No suicídio, ao que tudo indica, a pulsão de morte deixa de lado a sua atuação discreta e silenciosa, assume o controle da situação, levando o indivíduo à sua própria destruição, embora ambas as pulsões estejam sempre presentes.

No Brasil, o tema continua tabu, embora atualmente comece a ser encarado, pelo Ministério da Saúde, como um problema de saúde pública, ganhando, por conta disso, ações preventivas. Desde princípios do Século XX, o suicídio não figura mais nos códigos penais brasileiros como crime, embora o assunto seja tratado, até hoje, como um caso de polícia. No período abordado neste trabalho, os anos 1950, inquéritos policiais eram instaurados e depois de concluídos, encaminhados à justiça, com parecer do delegado encarregado do caso recomendando o arquivamento do processo desde que ficasse claro nas investigações efetuadas tratar-se de um caso de vontade própria. Quando ficava comprovado que o ato fora praticado por indução, ou seja, quando a vítima tinha sido induzida a praticá-lo, o responsável teria que ser punido.

---

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund; *Luto e Melancolia*, p. 105.

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund; *Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920/1922)*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1969

<sup>15</sup> *Ibid*, p. 74.

Em sua tese em Medicina Legal, de 1927, o médico baiano Quintino Castelar da Costa focaliza...

“(...) O magno problema do suicídio, grande entre os maiores, pois que, além de lançar o indivíduo que o pratica no abysmo de uma noite quase eterna, projecta sobre os parentes e amigos, a desolação e a dor acerba, oriundas não só da saudade que sempre deixa o que parte, como também do conhecimento que todos possuem, veladamente embora, dos males que esperam o desertor da vida”(sic).<sup>16</sup>

Para este médico, as causas do suicídio podem ser divididas em predisponentes e determinantes. Entre as primeiras, ele cita a herança genética, as condições atmosféricas, o sexo, a idade, o estado civil e a alienação mental. Entre as causas determinantes, são apontadas: a embriaguez, a miséria, a influência da política, o amor, a imitação contagiosa, as alucinações e o espiritismo, este último acusado de causar muitos suicídios na época. Por outro lado, por ver o problema por um ângulo religioso, ou seja, por achar que “tudo é uma questão religiosa”, Costa acreditava que...

“(...) pouco importa a espécie de sofrimento físico ou moral, real ou imaginário, pois salvo raríssimas exceções, o indivíduo comete o suicídio para fugir de um pretenso mal, aparentemente insuportável”.

Prosseguindo, Costa afirma que o suicídio é um dos piores pecados do mundo e, por conta disso...

“(...) a pessoa cometeria um dos maiores crimes perante o juiz supremo, o criador do mundo”.

Em vista desse raciocínio, a sua profilaxia é quase toda espiritual e baseada em leis repressoras.

Num trabalho mais recente, a psicóloga paulista Maria Luiza Dias<sup>17</sup> realiza uma pesquisa em torno de cartas, vídeos e bilhetes deixados por suicidas, onde as vítimas buscam projetar a sua existência para além do futuro, para além de suas mortes. Fica claro que uma grande quantidade de pessoas não quer de fato morrer, mas se livrar de algum

---

<sup>16</sup> COSTA, Quintino Castelar da; Do suicídio e sua profilaxia. Tese em Medicina Legal. UFBA, Bahia, 1927.

<sup>17</sup> DIAS, Maria Luiza; *Suicídio: testemunhos de adeus*. São Paulo, Brasiliense, 1997.

problema. A partir de Freud, em *Luto e Melancolia*, e de como o melancólico reintrojeta o objeto perdido e passa a se identificar com ele, a autora escreve que...

“O indivíduo, no impulso de livrar-se do mal que o perturba, acaba por destruir-se por inteiro”.

Neste caso, o suicídio seria um “homicídio disfarçado” (termo usado por Freud), onde o indivíduo que mata é também a própria vítima.

Visando contribuir com a historiografia referente a um tema ainda pouco explorado – a morte voluntária - este trabalho se propõe a realizar uma análise dos casos coletados, baseando-se nas perspectivas teóricas expostas. Este exercício foi realizado através da pesquisa feita nos principais jornais pernambucanos da época – Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Jornal Pequeno – que apresentam farto material jornalístico sobre o assunto, detalhando minuciosamente os casos acontecidos nos anos 1950. Estes jornais, instrumentos capazes de fornecer dados valiosos para nossa pesquisa, a exemplo de sexo, idade, estado civil, profissão, bairro de moradia, hora do ocorrido, local, meio utilizado e o motivo, dados estes que vão compor esta análise, assumem um papel importante no presente trabalho, pois a eles estão ligadas as possibilidades de análise do tema.

Numa primeira reflexão a respeito das teorias apresentadas, considera-se que elas não podem ser olhadas como excludentes entre si. Pelo contrário, a questão do suicídio só poderá ser compreendida através de suas respectivas contribuições.

Dentro dessa proposta, o trabalho foi estruturado em três capítulos:

- I. **O suicídio ao longo da História**, aborda o comportamento suicida em sociedades do Ocidente mostrando como o tema foi mudando ao longo do tempo e de como o suicídio foi tratado, até o Século XVIII, pelo viés filosófico-moral-religioso.
- II. No segundo capítulo, **Sobre o suicídio**, serão apresentadas as perspectivas teóricas trabalhadas pela Psiquiatria, pela Sociologia e pela Psicanálise. Da análise desenvolvida por estas três abordagens, busca-se definir o que é o suicídio, os motivos que conduzem um indivíduo a querer se matar e como este fenômeno pode ser tratado ou prevenido.

III. E no terceiro capítulo, **A Morte voluntária no Recife dos anos 1950**, procura-se trabalhar com os dados coletados nos jornais pernambucanos.

Dentro do que foi exposto, percebe-se que o estudo do suicídio constitui tema importante e instigante, o que leva a crer que o presente trabalho estimulará outras análises sobre o tema, enriquecendo a historiografia brasileira sobre um assunto ainda tão pouco abordado.

Além disso, trabalhos como este podem ajudar a despertar nos profissionais que lidam com o tema e na sociedade como um todo, uma maior atenção e respeito para com o fenômeno do suicídio, algo violento, complexo e merecedor de uma ampla discussão.

## CAPÍTULO I

### O SUICÍDIO AO LONGO DA HISTÓRIA

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da Filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; é preciso primeiro responder. E se é verdade, como quer Nietzsche, que um filósofo, para ser estimado, deve pregar com o seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, por que ela vai anteceder o gesto definitivo. São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torná-las claras para o espírito”.<sup>18</sup>

A inquieta afirmação de Camus empurra o ser humano a refletir sobre as razões de viver. Através do mito de Sísifo, que aborda a questão do suicídio como um problema de reflexão para os filósofos, ele mostra o dilema humano: a vida vale ou não vale a pena ser vivida? Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma pedra até o alto da montanha, de onde ela tornava a cair, caracterizando um trabalho inútil e sem esperança, o que bem poderia exprimir a situação em que se encontrava o mundo, em plena Segunda Guerra Mundial, no ano de 1942, quando da publicação do livro. Para Camus, o mundo não tem razão, a vida é absurda, a monotonia do cotidiano precisa de um sentido, o Universo está “repentinamente privado de ilusões e de luzes” e “o homem se sente um estrangeiro”.<sup>19</sup> O divórcio entre o homem e a sua vida é o sentimento do absurdo.

“É justamente esta razão entre o absurdo e o suicídio, a medida exata em que o suicídio é uma solução para o absurdo”.<sup>20</sup>

Por achar que o suicídio sempre foi tratado como um fenômeno social, Camus se propõe a tratar da relação entre o pensamento individual e o suicídio, pois...

---

<sup>18</sup> CAMUS, Albert; *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008, p. 17.

<sup>19</sup> Ibid, p. 20.

<sup>20</sup> Ibid, p. 20.

“(…) um gesto desses se prepara no silêncio do coração” (…) a sociedade não tem muito a ver com esses começos”.<sup>21</sup>

Portanto, é no coração do homem que se deve procurar e encontrar esse verme.

O comportamento suicida sempre existiu e relatos sobre o tema são encontrados em todos povos desde os mais remotos tempos da humanidade. A forma de encarar o ato é que vem mudando ao longo do tempo: em algumas culturas ele vai ser incentivado, em outras, condenado como se crime fosse, em outras, tratado com indulgência, dependendo das circunstâncias.

No Ocidente, até o Século XVIII, o suicídio foi tratado, principalmente, por um viés filosófico-moral-religioso. Enquanto os filósofos gregos e romanos questionavam se o suicídio seria aceitável, honroso ou prejudicial à sociedade, nos primórdios do Cristianismo o suicídio exercia uma certa atração: era visto como indistinguível do martírio e uma forma de alcançar o Paraíso. As primeiras gerações de cristãos, para fugirem das perseguições, entregaram-se voluntariamente ao martírio, no que são incentivados através de várias passagens do Novo Testamento, onde os fiéis são convidados a detestar a vida terrena e a fazer o sacrifício da própria vida para assim se aproximar de Deus e da vida eterna. Mesmo que o sexto mandamento diga que “Não matarás”, ele não especifica que isso se aplica à própria vida.

“O Cristianismo nasce e desenvolve-se, pois, numa atmosfera ambígua, afirmando que esta vida terrena, no “mundo”, é horrível e é necessário aspirar à morte para se aproximar de Deus e da vida eterna”.<sup>22</sup>

## **1.1 – A HERANÇA ANTIGA: O PENSAMENTO GREGO E O PENSAMENTO ROMANO**

A pluralidade de opiniões marca a posição dos gregos perante a morte voluntária. Cada escola filosófica tinha sua própria opinião sobre a questão, que ia desde a oposição categórica dos pitagóricos à aprovação dos epicuristas. Algumas cidades, como Atenas, Esparta e Tebas, previam sanções sobre os corpos dos suicidas, enquanto noutras a prática

---

<sup>21</sup> CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*, pp. 18/19.

<sup>22</sup> MINOIS, Georges. *História do suicídio*, p. 36.

parecia ser mais indulgente, o que demonstra que essa diversidade de opiniões encontrava-se também no Direito. A História grega está cheia de suicídios impressionantes, autênticos ou lendários, pelos motivos mais variados. O pensamento grego sempre colocou a questão fundamental do suicídio filosófico, com os cirenaicos, os cínicos, os epicuristas e os estóicos reconhecendo o valor supremo do indivíduo e sua liberdade para decidir por si mesmo sobre a sua vida e a sua morte. A vida só merece ser conservada se for um bem, se proporciona mais satisfação do que males e se está de acordo com a razão e com a dignidade humana. Do contrário, conservá-la seria uma loucura. Por outro lado, os pitagóricos eram contrários ao suicídio por dois motivos: primeiro, porque a alma deve realizar a sua expiação até o fim em virtude de estar mergulhada num corpo oriundo de um pecado original; segundo, alma e corpo, associados, são regidos por relações numéricas e o suicídio poderia quebrar esta harmonia.

Platão e Aristóteles, embora muitas vezes divergindo em seus pensamentos, consideravam o homem, acima de tudo, um ser social inserido numa comunidade, que não devia pensar em razão do seu interesse pessoal, mas sim levando em conta os seus deveres para com a divindade que o colocou no seu posto (Platão) e para com a cidade, onde tem um papel a desempenhar (Aristóteles). A posição de Platão é mais flexível, mais incerta e hesitante, e o seu pensamento teria sido deturpado pelos pensadores cristãos. Isto pode ser comprovado numa passagem das *Leis*, onde declara ser preciso recusar a sepultura...

“(...) àquele que se matou a si mesmo, àquele que à força frustra o destino da sorte que é a sua”.

Platão esclarece também que isso não se aplica a quem se matou...

“(...) por mandado da cidade, nem pelos sofrimentos agudos de um mal accidental a que não pôde escapar, nem sequer por a sorte que o espera ser uma ignomínia inviável e sem saída”.<sup>23</sup>

No segundo diálogo do *Fédon*<sup>24</sup>, a questão do suicídio é abordada com Sócrates discutindo com os seus amigos antes de beber a cicuta e procurando mostrar-lhes que o

---

<sup>23</sup> PLATÃO; *As Leis*, IX, 873,c.

<sup>24</sup> PLATÃO; *Fédon ou da alma*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural Ltda., 1996.

suicídio não pode ser desejável, mas que a morte é inteiramente desejável se tal for a vontade do filósofo, passando uma mensagem cheia de ambiguidades.

Para Aristóteles, o suicídio seria totalmente condenável por ser uma injustiça cometida contra si mesmo e contra a cidade, resultante de um ato covarde diante de nossas responsabilidades e que se opõe à virtude. O nosso dever seria enfrentar as vicissitudes da vida, permanecendo em nosso posto até o fim. Mesmo assim, na *Ética*, Aristóteles declara que o mais importante...

“(…) não é suportar a própria vida, porque pensa que a vida não merece ser mantida a qualquer preço”.<sup>25</sup>

Entre os antigos romanos, de modo geral, o suicídio foi visto de uma forma mais favorável, por vezes positiva, embora as opiniões variassem de um período a outro, assim como de acordo com as categorias sociais e o meio sócio-político. Dessa forma, duas categorias sociais estavam impedidas de praticar o suicídio em razão de interesses econômicos e patrióticos: os escravos e os soldados. Nos primeiros, era considerado um ato contra a propriedade privada, enquanto no segundo, estavam previstas penas no exército para quem sobrevivesse de uma tentativa de suicídio.

A sociedade romana, desde as suas origens, estava dividida entre a admiração e a hostilidade para com este gênero de morte. Benevolência à chamada “morte romana” (forma honrosa de suicídio, muito comum em Roma) e rechaço a este tipo de conduta marcaram a opinião dos romanos durante toda a sua história.

A Lei das Doze Tábuas não proibia a morte voluntária e os funerais dos suicidas se realizavam normalmente. O romano dispunha de sua vida por não considerá-la um dom dos deuses, nem um sopro sagrado, nem um direito do homem. Para Cícero, por exemplo, o suicídio não seria nem bom, nem mal, apenas uma atitude intermediária, cujo valor dependeria do motivo. Desse modo, o suicídio de Catão seria modelo de liberdade, pois ao se matar sem estar com a vida ameaçada, ele tinha se colocado acima do destino. Por outro lado, outros suicidas foram condenados por Cícero: na sua interpretação do platonismo, cita o *Fédon* para dizer que Platão condena quem se mata antes da imposição dessa necessidade pelos Deuses e na *República* diz que não temos o direito de fugir do papel a

---

<sup>25</sup> ARISTÓTELES; *Ética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural, 1995.

nós destinados por esses mesmos Deuses. Virgílio também divide o suicídio conforme o motivo deste ato: de um lado se encontram os suicídios por patriotismo, coragem e afirmação da própria liberdade e, do outro, os que por desgosto da vida desejam regressar à sua existência miserável. Aos últimos, estaria reservado o inferno.

Um sem-número de suicídios marca a História antiga romana, principalmente os suicídios de cunho político, freqüente nos anos da Guerra Civil e no começo do Império. Estes suicídios, relatados com admiração pelos historiadores romanos, a exemplo de Tácito, são considerados heróicos e ilustrariam a suprema liberdade dos indivíduos, superiores ao próprio destino. Catão, Cássio, Bruto, Antonio, Cleópatra tornam-se modelos lendários constantemente citados por humanistas e filósofos dos séculos XVII e XVIII. O direito romano da época imperial deixa que cada um escolha livremente a sua morte. Assim, todos os tipos de suicídio são permitidos, exceto o caso dos acusados e dos condenados, que tentavam evitar à família a confiscação dos seus bens. A popularidade do estoicismo nas classes abastadas da época contribuiu para banalizar esse gesto fatal. “Que te importa o caminho pelo qual entras no Hades? Todos eles servem”, diz Epicteto, enquanto o imperador Marco Aurélio recomenda que se parta desde que não se possa ter o tipo de vida desejado.<sup>26</sup>

A partir do Século II, a legislação romana endurece, juntamente com o declínio do estoicismo. A evolução do Direito e das idéias filosóficas condenam o suicídio, embora continuem algumas exceções. Por exemplo, para Plotino o suicídio perturbaria a alma do morto o que a impediria de se liberar e alcançar as esferas celestes, porém admite a prática desde que seja para se livrar de sofrimentos físicos, males da velhice e provação em cativeiro. Já Porfírio, depois de tentar o suicídio e de ter sido salvo por seu mestre, condena toda forma de suicídio. Por outro lado, as autoridades civis, diante da pressão bárbara sobre um território sub-povoado, reforçam o controle sobre o livre direito de morrer, enquanto os suicídios no exército passam a serem reprimidos severamente. A partir do Século III, sanções são impostas àqueles que se matam sem uma boa razão e a condenação ao suicídio instala-se, progressivamente, no Império Romano.

Após a conversão do império ao Cristianismo, a Igreja herda uma situação hesitante e só pouco a pouco pode elaborar uma posição coerente através de debates complexos e

---

<sup>26</sup> MINOIS, Georges. *História do suicídio*, p. 73.

prolongados em virtude da questão do Martírio. O Cristianismo nasce e desenvolve-se numa atmosfera ambígua: a vida terrena é horrível, por isso é necessário desejar a morte para se aproximar de Deus e da vida eterna. Ao caminhar deliberadamente para a morte e nada fazendo para a evitar, Jesus se mata a si mesmo, sendo posteriormente seguido pelos mártires cristãos. O advento fundador do Cristianismo será a sua morte voluntária. Apesar de nem todos concordarem com este lado assassino de Cristo e dos mártires cristãos, acreditando que eles apenas não evitavam a morte por acharem que não valeria a pena viver sem os seus ideais, a ambiguidade permanece. Assim, a morte de Cristo, vista como um suicídio (com o significado e a dimensão que não tem o suicídio vulgar) e os escritos dos discípulos exaltando o sacrifício voluntário, levaram as primeiras gerações cristãs a se entregarem ao martírio voluntário. Paulo, Mateus, Tiago, Pedro, Lucas e João, em seus ensinamentos convidavam os fiéis a detestar a vida terrena. Para São Paulo, por exemplo, a vida não tem qualquer valor. Para São João, “ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”. O cristão é convidado a sacrificar a própria via para imitar o Mestre.

“Quem quiser a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por Minha causa, encontrá-la-á”.<sup>27</sup>

A habilidade teológica dos pensadores cristãos, juntamente com medidas canônicas dissuasivas, tornou-se necessária para criar uma moral que proclamasse a interdição do suicídio. A luta contra as correntes heréticas é que vão desencadear o endurecimento das posições doutrinárias e disciplinares. A reação contra o Donatismo que exalta o martírio leva o concílio de Cartago, em 348, a condenar a prática da morte voluntária e em 381, o bispo de Alexandria, Timóteo, proíbe orações em favor dos suicidas.

Este endurecimento se torna nítido em Santo Agostinho que na sua obra *Cidade de Deus* define o que se tornará a doutrina da Igreja.

“Nós dizemos, declaramos e confirmamos de qualquer forma que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem; isso seria cometer um pecado mais grave, porque, a falta de um outro não seria

---

<sup>27</sup> Bíblia Sagrada; Atos dos Apóstolos, O Evangelho segundo São João e o Evangelho segundo São Mateus. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008, pp. 1405, 1413, 1285.

aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, porque são, sobretudo, os que pecaram que mais necessidade têm da vida para nela fazerem a sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, porque os que se mostram culpados da sua própria morte não terão acesso a essa vida melhor”.<sup>28</sup>

Apoiada sobre o sexto mandamento, que diz “Não matarás”, a interdição atinge todos os tipos de suicídio e é devida à influência platônica e à reação ao donatismo. Ao interpretar o “não matarás”, Santo Agostinho busca interpretar a ambiguidade que envolve o sexto mandamento entendendo que “não matarás nem a si mesmo”. Sendo a vida um dom sagrado de Deus, só ele poderá dispor dela e os que eram culpados de sua morte não teriam acesso à vida eterna, pois o suicídio é o grande pecado. Dessa forma, os heréticos donatistas, ao defenderem o martírio voluntário, revelavam-se criminosos.

Paralelamente às teorias filosóficas, medidas práticas foram tomadas conjuntamente pela Igreja e pelo Direito Civil para a preservação da vida humana, a partir do Século IV. Estas medidas elaboradas pelos dois poderes – que desde Constantino colaboravam conjuntamente – visavam promover e proteger a vida humana: confisco de bens por parte de suicidas, revalorização do casamento, condenação a toda forma de contracepção e aborto, proibição do infanticídio. Em 452, O Concílio de Arles proclama que o suicídio é um crime, resultado de uma fúria demoníaca e, por isso, precisa ser punido, condenando todos os escravos e criados, uma vez que a vida desses homens pertence ao seu senhor.

“O criado que se mata rouba o seu senhor, que é de facto o seu dono; o acto que pratica é comparado com uma revolta e em si mesmo revelador de um furor diabólico”.(sic)<sup>29</sup>

Em 533, o Concílio de Orleães proíbe os rituais aos suspeitos que se matam antes de serem julgados. Este arsenal repressivo e dissuasivo contra o suicídio, juntamente com a situação econômico-social e política, criam uma moral que faz do suicídio um crime contra Deus – Dono de nossa vida – contra a Natureza – uma vez que vai de encontro à vida e ao amor-próprio – e contra a sociedade – pois todos têm um papel a desempenhar na comunidade em que vivem.

---

<sup>28</sup> SANTO AGOSTINHO; *A cidade de Deus*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

<sup>29</sup> MINOIS, Georges. *História do suicídio*, p. 42.

Na época dos reinos bárbaros, autoridades civis e religiosas continuam atuando conjuntamente. O Concílio de Braga, em 563 e o de Auxerre, em 578, condenam não só todos os tipos de suicídio como também recusam ritos cristãos aos suicidas, com punição para os que sobrevivem ao ato. Em 693, o Concílio de Toledo estabelece o tipo de castigo para quem tentasse se matar, bem como determina a excomunhão para todos os sobreviventes de tentativas de suicídio.

## **1.2 – A IDADE MÉDIA: ENTRE A LOUCURA E O DESESPERO**

Entre os Séculos VIII e X, a penitência vai exercer um papel importante na prevenção do suicídio. Conforme o senso comum alimentado pela Igreja, só havia duas explicações para uma pessoa desejar se matar – loucura ou possessão. No primeiro caso, por acreditar que não havia o que fazer, muitas vezes só restava absolver o infeliz, eximindo a sua família de culpa. No segundo caso, ao desprezar a penitência para fazer parar o seu desespero, o indivíduo estava desprezando o poder da Igreja, colocando em risco a autoridade eclesiástica, só podendo estar possuído pelo diabo. Numa época em que a Igreja começava a exigir a prática da confissão individual dos pecados, reforçando o seu poder sobre as almas, aquele que se suicidava por desespero não merecia perdão porque pecava, ao mesmo tempo, contra Deus – por duvidar de Sua misericórdia – e contra a Igreja – por contestar o seu papel no perdão das faltas através da absolvição – Igreja esta intermediária entre Deus e os homens. As medidas religiosas e civis avançavam contra aqueles que se suicidavam motivados pelo medo de condenações judiciais e por causas desconhecidas (suspeitos de não ter uma consciência tranquila), enquanto os Sínodos franceses endureciam ainda mais o tom: Châlons (613), Paris (829) e Valence (855) entenderam a morte em duelo como suicídio, proibindo orações e sepultura cristã para as vítimas. No Século X, o Papa Nicolau I decretou que todos os suicídios seriam interditos e todos os suicidas estavam condenados; enquanto aos bispos a exigência era para que se informassem de todos os casos ocorridos nas suas paróquias. No período da pré-cruzada contra os muçulmanos, com a volta do martírio voluntário, as autoridades eclesiásticas opuseram-se contra esta prática.

A habilidade teológica dos pensadores cristãos apoiados por medidas canônicas dissuasivas, cria uma moral que proclama a interdição do suicídio, que passa a ser proibido e punido com penas morais de grande severidade. Além disso, é ensinado que no Além-túmulo começa uma nova vida, em que os homens serão castigados por suas más ações, dentre elas o suicídio. As proibições assumem um caráter divino e sua autoridade emana de Deus.

Entre os Séculos XI e XIV as medidas punitivas são sistematizadas através das grandes sínteses escolásticas, dos tratados de Direito Canônico e os de Direito secular. Entre os teólogos a concordância é unânime: desde Abelardo no Século XII que no seu *Sic et Non* utiliza argumentos platônicos para condenar todos os suicídios, até São Tomás de Aquino que na *Suma Teológica* retoma o problema, fornecendo raciocínios lógicos contra a morte voluntária. Baseado no sexto mandamento que proíbe matar seja a quem for, São Tomás apresenta seus argumentos...

“(...) suicidar-se é injusto em relação a Deus e à sociedade; ninguém se pode julgar a si próprio; matar-se não permite evitar maiores males”.

Por conta disso o grande remédio contra o desespero e o suicídio seria a confissão, pois através dela se obtém o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus.

O Direito secular reforça as medidas punitivas e dissuasivas do Direito Canônico. Minois cita um dos textos mais antigos sobre o assunto: no Século XIII, a municipalidade de Lille prevê que o cadáver seja arrastado até a forca, se for homem, ou queimado, se for mulher, o mesmo ocorrendo em Anjou e no Maine. Na Inglaterra, desde o Século VII, o Concílio de Hartford proíbe funerais cristãos aos suicidas, enquanto no Século XI o rei Edgar ratifica esta decisão e assemelha os suicidas aos assassinos e ladrões. Também estava previsto o confisco dos bens. A atitude medieval perante o suicídio decerto não é benevolente com os suicidas: crença popular, religião oficial e poder civil partilham de um mesmo sentimento sobre um ato que é, ao mesmo tempo, contra a Natureza, contra a sociedade e contra Deus, somente podendo ser explicado pela intervenção do diabo ou da loucura. No primeiro caso, a igreja oferece o auxílio da confissão e da penitência; no segundo, por não ser responsável pelo seu ato, o infeliz poderia ser salvo.

### 1.3 – RENASCIMENTO: INDIVIDUALISMO E CONTESTAÇÃO DOS VALORES TRADICIONAIS

Com a retomada dos valores greco-romanos na Renascença, uma nova compreensão da individualidade humana passa a ser considerada, bem como um maior respeito pela dignidade humana. Antigos heróis que se mataram, a exemplo de Catão, Brutus, Sêneca, Sócrates, Cleópatra, reaparecem glorificados, sem mais o pavor e o ódio devotados aos suicidas da Idade Média. A condenação imposta pela Igreja católica começava a ser questionada.

Graças à tipografia, a cultura escrita tornou-se mais acessível, influenciando e refletindo os sentimentos de camadas mais amplas da população que agora tinha à sua disposição textos que escapavam da ortodoxia medieval. Em 1511, no seu *Elogio da Loucura*, Erasmo de Roterdan defendeu o suicídio para se escapar de uma vida insuportável. Michel Montaigne, nos seus escritos entre 1588 e 1599, procurou examinar a solução do suicídio sem preconceito, explicando a autonomia humana, afirmando que “quanto mais a morte é voluntária, tanto mais é bela”; “Deus conferiu-nos tanta liberdade que, quando isso está em causa, viver é pior do que morrer”; e “a vida depende da vontade de outrem, a morte só depende de nós”. O poeta inglês John Donne,<sup>30</sup> em seu poema *Biathanatos*, de 1610, defende o direito ao suicídio. Donne, que além de poeta era doutor em Teologia e capelão anglicano do rei, inocentava o suicídio de pecado, assim transformado por ser baseado em evidências falsas pela Teologia medieval.

Sobretudo no teatro, o tema é amplamente frequente, disposto a atingir um grande público. Entre 1500 e 1580, mais de 30 peças inglesas trataram de vários casos de morte voluntária. Em 1600, o mais célebre texto sobre o assunto – *Hamlet* de Shakespeare<sup>31</sup> – consegue dizer tudo em poucas palavras...

“Ser ou não ser. Eis a questão. Será melhor nobreza de alma sofrer a fundo os reveses de uma sorte ultrajante ou agarrar em armas contra um mal de infortúnios? Morrer, dormir, nada mais”.

---

<sup>30</sup> Donne, J. in Minois, G. *História do suicídio*, p. 121.

<sup>31</sup> SHAKESPEARE, William; *Hamlet*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2007.

A tentação do suicídio, a tragédia da dúvida, o desespero do solitário príncipe, a violência do mundo, expressa em Hamlet, marcaram o pensamento inglês da época. De acordo com Minois, ao longo de 40 anos – 1580 e 1620 – o teatro inglês colocaria em cena mais de 200 suicídios numa centena de peças.

A repressão ao suicídio não se fez esperar. Uma vigorosa reação é colocada em prática por parte das autoridades religiosas, morais e judiciais que se opunham a este despertar de novas preocupações com a questão levantada por Hamlet. A resposta católica a esta legitimidade do suicídio foi rápida: a partir do Século XVI os teólogos católicos são unânimes na intransigência. Reforça-se a explicação medieval da morte voluntária pelo desespero, tornando-se, na escala dos pecados, uma das faltas mais graves. Por outro lado, a severidade do mundo protestante não era menor. Para Lutero, o suicídio era um crime cometido pelo diabo sobre o homem...

“A mais do que uma pessoa quebra o pescoço ou faz perder a razão; a outros afoga-os e inúmeros são aqueles que conduz ao suicídio e a muitos outros males terríveis”.<sup>32</sup>

Por conta disso, aquele que se suicida está possuído pelo diabo. Calvino, assim como todos os teólogos e moralistas protestantes, reiteraram a interdição do suicídio. Na Inglaterra, anglicanos e puritanos diabolizaram o suicídio e serviram-se dele como arma apologética. Assim, tanto para católicos, quanto para luteranos, calvinistas e anglicanos, a morte voluntária fazia parte das lutas religiosas.

#### **1.4 – O DEBATE NO SÉCULO DAS LUZES**

O debate continua por todo o Século XVII e a partir do Século XVIII torna-se público, com os filósofos do Século das Luzes contribuindo com seus escritos para este debate, chegando mesmo a serem acusados por um suposto aumento no número de mortes voluntárias. Apesar do interesse de todos os filósofos pelo tema, nenhum pode ser acusado de o ter incentivado nos seus escritos. Apenas não podiam ficar indiferentes a um problema tão polêmico que se colocava entre a religião, a justiça e os costumes. Ademais,

---

<sup>32</sup> Lutero in Minois, G. *História do suicídio*, p. 93.

embora todos se interessassem pelo assunto, nem todos o aprovavam; pelo contrário, alguns o condenavam claramente, enquanto outros se interrogavam, se contradiziam, hesitavam ou se mostravam tolerantes.<sup>33</sup>

Mesmo entre os mais indulgentes, como Holbach, o desejo de se destruir nasce num homem atormentado, que já não dispondo da razão ou da esperança toma tão violenta resolução. A morte interromperia a velhice e as suas misérias, pois a soma dos males se sobrepõe à dos bens da vida. Ele acreditava que mesmo os ricos e respeitáveis são infelizes, visto que estão sujeitos à inveja e às paixões, não existindo um, entre dez homens, que seja realmente feliz. Assim como a Igreja, Holbach condena o duelo, comparável aos sacrifícios humanos.<sup>34</sup> Montesquieu, longe de fazer apologia da morte voluntária, limita-se a analisar as razões que levam as pessoas a praticar tal ato, embora procure demonstrar que tal ato não é delito. Esforçando-se para demonstrar que o suicídio não causa nenhum mal à sociedade nem à Providência, afirma que se a vida foi dada como um bem, mas este bem já não pode ser sentido, pode-se acabar com ela. Na verdade, acrescenta, seria o orgulho que levaria a pensar que o ser humano é importante e que sua morte mudaria a ordem da Natureza.<sup>35</sup> Voltaire, a quem o suicídio desperta mais curiosidade que simpatia, acredita que muitos casos derivam da loucura, enquanto outros exprimem uma doença que levaria ao suicídio por razões que não o justificam. Os seus sarcasmos são dirigidos às sanções religiosas e civis infligidas ao cadáver e que penalizam a família do suicida. Para ele, o suicídio é um problema de liberdade individual que não causa nenhum mal à natureza, nem à sociedade, acreditando mesmo ser necessário uma extraordinária força de caráter para praticá-lo, não sendo, portanto, um ato de covardia. Mesmo assim, afirma que o homem que tem esperança e crença preferiria suportar todos os sofrimentos em vez de se suprimir. Numa passagem de *Cândido ou o otimismo* isto pode ser verificado através da personagem da Velha...

“Envelheci na miséria e no opróbrio, tendo apenas metade do traseiro, lembrando-me sempre de que era filha de um papa, tentada cem vezes a suicidar-me, mas amando ainda a vida. Essa fraqueza ridícula é talvez uma das nossas inclinações mais funestas. Haverá coisa mais tola do que suportar continuamente um fardo que se desejaria alijar, de abominar

---

<sup>33</sup> Nota-se que a posição dos filósofos revela-se muitas vezes ambígua, mostrando dificuldades em encontrar uma posição coerente, com o “ser ou não ser” de Hamlet sempre presente.

<sup>34</sup> Holbach in Minois, G. *História do suicídio*, p. 276.

<sup>35</sup> Montesquieu in Minois, G. *História do Suicídio*, p. 285.

o próprio ser e, no entanto, apegar-se a ele, acariciar, enfim, a serpente que nos devora, que até rói o coração?”<sup>36</sup>

Por não ser um apologista do suicídio, Voltaire chega a desaconselhá-lo aos amigos com tal pretensão...

”(...) as pessoas amáveis não se matam, isso acontece apenas com os espíritos insociáveis como Catão, Bruto... mas é preciso que as gentes bem educadas continuem a estar vivas”.

Mostrando-se nitidamente hostil ao suicídio, Diderot declara que...

“O desgosto da vida é falso e apenas existe numa cabeça desarranjada ou mal organizada, ainda que seja momentâneo”.

Dessa forma, ele tenta afastar sem apelo a tentação do suicídio. Declara ainda que cada pessoa pertence à sua família e aos seus amigos, exigindo dos filósofos favoráveis ao suicídio uma atitude mais responsável. A redução dos casos de suicídios passaria por certas condições sociais, políticas e culturais e o governo deveria tomar determinadas medidas para afastar as principais causas do suicídio: a injustiça, a tirania, a ignorância, a superstição e a exaltação da morte e do além.<sup>37</sup>

O Tratado de David Hume, publicado em 1770 na França e em 1777, na Inglaterra, é considerado a contribuição mais importante da literatura filosófica favorável ao suicídio, conforme o historiador Georges Minois. Dividido em três partes, procura demonstrar que o suicídio não vai de encontro aos nossos deveres para com Deus, ao nosso semelhante e a nós mesmos. O suicídio não é uma ofensa a Deus porque todos os seres criados, no intuito de mudar, de assegurar o seu bem-estar, receberam o poder e a autorização para mudar o curso natural das coisas. O suicídio seria um ato voluntário qualquer que altera o rumo da natureza, assim como cada uma das nossas ações. Para ele, o suicídio também não seria prejudicial à sociedade, pois o encarava como um mal menor, uma vez que o homem que o pratica não faz mal à sociedade, apenas deixa de fazer o bem. Com relação a ser uma ofensa a nós mesmos, afirma que nenhum homem rejeita a vida quando esta vale a pena ser mantida...

---

<sup>36</sup> VOLTAIRE; *Cândido ou o Otimismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001, p. 57.

<sup>37</sup> DIDEROT in MINOIS, G. *História do suicídio*, p. 292.

“A prudência e a coragem nos animam a acabar com nossa existência quando essa resulta em uma carga muito pesada para ser carregada”.<sup>38</sup>

Se no plano filosófico o suicídio era motivado por uma reflexão intelectual, o suicídio romântico do final do Século XVIII e princípios do Século XIX, foi guiado pelo sentimento, foi acima de tudo um suicídio de amor. Este tema permitiu a Rousseau escrever as suas duas famosas cartas sobre suicídio, incluídas em 1761 em *A nova Heloísa*. Expondo seus argumentos através das duas personagens do romance – Saint-Preux e milorde Edouard, fica difícil conhecer o verdadeiro sentimento do autor, pois enquanto Saint-Preux declara estar cansado da vida e que todo homem é livre para por fim à sua existência, milorde Edouard responde que não se pode pensar em Deus sem se pensar na tarefa a ser cumprida, que nossos males são passageiros e, por isso, não temos o direito de revoltarmos contra o nosso Criador. Ao final, o suicídio não acontece e o personagem agradece os bons conselhos do amigo. De acordo com Minois, a história do suicídio de Rousseau é pura lenda, apesar das várias tentativas que fez em 1761, 1763 e 1767.

Considerado mestre do suicídio romântico por sua obra *Os sofrimentos do jovem Werther*<sup>39</sup> e do suicídio filosófico por *Fausto*<sup>40</sup>, Goethe merece, sem dúvida, este título, embora o mesmo tenha lhe causado alguns aborrecimentos. Foi acusado de ter provocado a morte voluntária de vários jovens, inspirados no personagem central do livro. A obra conta a história de Werther, moço sensível que a incompreensão e o desamor levaram ao suicídio causando furor e fazendo do seu autor um homem famoso aos vinte e cinco anos. A “werthemania” tomou aspectos impressionantes e o livro foi proibido em várias regiões. Os ataques se multiplicavam e Goethe se inquietava com os efeitos do livro a ponto de declarar: “Deus me proteja para nunca ter de escrever um novo Werther”.

Igualmente estudioso do suicídio filosófico, retoma o tema no *Fausto*, sua obra mais famosa, à qual trabalhara desde a juventude. A partir da lenda faustiana, Goethe tratou do conflito de um homem desesperado por não poder alcançar o conhecimento universal, igualando-se dessa forma a Deus, o que confirma a inutilidade dos seus estudos e do seu saber. *Fausto* quer ser Deus, mas compreende a inutilidade da sua vontade.

---

<sup>38</sup> HUME, David in MINOIS, G. *História do suicídio*, p. 314.

<sup>39</sup> Goethe; *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

<sup>40</sup> Goethe; *Fausto*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

“Filosofia, leis e Medicina, Teologia até, com pena o digo, tudo, tudo estudei com vivo empenho: e eis-me aqui agora, pobre tolo, tão sábio como dantes! É verdade que sou mestre, doutor, e há já dez anos que discípulos levo, a meu talante, à esquerda, à direita, ao sul ou norte, mas reconheço que nada sabemos”.<sup>41</sup>

Embora tenha vendido a alma ao diabo em troca de saber e prestígio sobrenaturais, Fausto sabe que um homem não pode dominar o saber universal, a verdade. Por isso, escolhe destruir-se, mesmo correndo o risco de encontrar o inferno ou o nada...

“Carro de fogo por mim flutua, com ligeiro oscilar! Sinto-me pronto por novo trilho a penetrar o éter, até a esfera da pura criatividade, este alto viver, prazer de Deus, verme ind há pouco, julgas tu merecê-lo? Pois sim: ousa somente desta terra ao adorado sol voltar as costas! Ousa romper com energia ardente as portas que tremendo os mais evitam! Agora é tempo de provar com fatos – que dos Deuses não cede a majestade – a dignidade do homem, arrostando – com esse antro terrível em que a mente, - de si mesma tormento, se condena, - até a passagem penetrando estrita, - em torno a cuja boca ruge o inferno; - é ousando transpô-lo ardidamente, - embora o risco de passar ao Nada”.<sup>42</sup>

Fausto, assim como Werther, são vistos como um modelo admirável, apesar de que os jovens que se suicidam entre 1770 e 1780 estejam mais próximos de Werther.<sup>43</sup> A morte voluntária é vista como uma libertação, mais do que como aniquilamento.

A partir do Século XVIII, começa a se notar um recuo das condenações aos suicidas. Na França, a prioridade agora é a discrição, com a polícia tendo o cuidado de esconder do povo os casos de suicídio; o inquérito é estabelecido sem dar muito nas vistas e o morto é enterrado sem ruído. O mesmo é observado na Inglaterra, onde as reações são cada vez mais hostis à confiscação dos bens dos suicidas. A exceção, tanto na França como na Inglaterra, fica por conta dos condenados e acusados que se matam para escapar da justiça. A criação de associações de auxílio na reintegração dos que escapam da morte voluntária, é outra prova da mudança de atitude para com o suicídio. O papel do diabo vai, pouco a pouco, sendo eliminado e o ato passa a ser encarado como uma tentativa racional, humanamente explicável. Se até o Século XVIII a morte voluntária foi tratada pelo viés filosófico-moral-religioso, a partir do Século XIX ela passa a ter um novo foco:

---

<sup>41</sup> GOETHE. *Fausto*, p. 41.

<sup>42</sup> GOETHE. *Fausto*, pp. 51/52.

<sup>43</sup> Vários jovens suicidas são encontrados tendo um exemplar do Werther próximo do corpo.

experimentar entendê-la sob aspectos diferentes, buscando-se uma abordagem mais científica, como poderá ser visto no próximo capítulo.

## 1.5 - O SUICÍDIO NO BRASIL

A última estatística oficial brasileira sobre o suicídio, datada de 2002, mostra que houve um aumento nas taxas, passando de 3,2/100.000 em 1980 para 4,3/100.000 em 2002. Mesmo assim, elas são consideradas abaixo do índice mundial que é de 16 por cem mil habitantes<sup>44</sup>.

No Brasil, a carência de pesquisas na área e a ausência de um número maior de trabalhos sobre o tema contribuem para fazer do suicídio um problema ainda pouco discutido, sendo considerado também nos dias atuais um assunto tabu por excelência, não só no Brasil, mas para grande parte do mundo. A dificuldade que a sociedade tem para lidar com o tema e o mal-estar que cerca a morte voluntária, continua a fazer do suicídio uma idéia que assusta; por conta disso, maneiras de evitar o assunto são inventadas, não só pela imprensa, mas por toda a sociedade. O fato de o suicídio poder ser transmitido como uma doença colabora para o fato dele ser tratado com todo o cuidado que uma doença contagiosa requer para evitar a sua disseminação, preservando, conseqüentemente, a saúde humana.

Atualmente, existe uma grande preocupação por parte do governo brasileiro, através do Ministério da Saúde, de prevenir e tratar prováveis suicidas, considerando o suicídio como um problema de saúde pública. Esta preocupação já é manifestada na Tese de Medicina Legal do médico baiano Quintino Castelar da Costa, de 1927...

“A Medicina se quizer dominar e vencer o mal tem que estabelecer a therapeutica psychica ou então pouca coisa alcançará de útil e proveitoso”.(sic)<sup>45</sup>

Para Costa, leis repressoras não aplicadas levariam o indivíduo a tentar o suicídio até conseguir o seu intento. Por conta disso, ele é a favor de uma profilaxia rigorosa para tentar ajudar uma...

---

<sup>44</sup> OMS, 2008, disponível em [www.who.int/heath.topics/suicide/end/](http://www.who.int/heath.topics/suicide/end/)

<sup>45</sup> COSTA, Quintino Castelar da; *Do suicídio e sua profilaxia*, p. 7.

“(...) classe tão sofredora como é dos que pretendem sahir da vida pela auto-destruição material”.

Dentre as medidas aconselhadas como preventivas, ele aponta:

. *Therapeutica psiquiátrica* ou espiritual, visando:

- o próprio doente;
- o obsessor, quando existir;
- . Combate ao alcoolismo;
- . Combate às doenças venéreas;
- . Desenvolvimento das fontes de trabalho e produção;
- . Proteção, por parte dos governos, aos operários e empregados;
- . Propaganda da união entre os jovens, pelo matrimônio;
- . Combate à ociosidade, especialmente entre as mulheres;
- . Considerar o suicídio como um crime, punindo severamente as tentativas.

O seu trabalho, apoiado em dados estatísticos sobre o suicídio no Brasil (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo) e em algumas partes do mundo (a exemplo do Japão e da Rússia), analisa as causas que levariam um indivíduo a querer se matar, assim como os meios mais utilizados para se alcançar tal objetivo. Embora este trabalho tenha sido realizado por um ângulo muito religioso, sem levar em conta as outras visões existentes sobre o tema, ele não deixa de ser importante para quem se interessa pela morte voluntária, pois mostra a preocupação do autor para com o fenômeno do suicídio nos anos 1920.

Um grande problema enfrentado por quem se interessa pelo tema é a confiabilidade da notificação de eventos como o suicídio e as tentativas de suicídios, fato ocorrido desde sempre tanto no Brasil, como em muitos outros países. Vários motivos poderiam ser apontados para justificar tal situação, porém existem dois que podem ser citados como os principais: o primeiro consistiria na imprecisão das informações sobre todo tipo de morte violenta e o segundo seria explicado pelo comportamento da família da vítima, muitas vezes tentando confundir e esconder o ato. Se a morte natural ou acidental já causa desconforto e mal-estar aos parentes próximos, na morte voluntária é ainda pior; vergonha

e remorso se juntam à dor da perda, principalmente quando alguém é acusado de ser o motivo para tal ato.<sup>46</sup>

A falta de publicações específicas sobre o tema, no Brasil, prejudica quem se interessa pelo assunto. Por exemplo, o suicídio em populações indígenas brasileiras ainda é muito pouco estudado, mesmo sabendo-se, através da imprensa, de verdadeira epidemia de suicídios que ataca estas populações, sendo importante estudos mais sistemáticos para uma melhor compreensão do fenômeno.<sup>47</sup>

Com relação ao suicídio de escravos, a historiografia brasileira vem mantendo um diálogo com os chamados viajantes, intelectuais estrangeiros que através dos seus relatos de viagem fornecem suas percepções de homens brancos, europeus ou norte-americanos, sobre o comportamento, a moralidade e a mentalidade de raças para eles primitivas. A condição de vida destes escravos e suas doenças físicas e mentais são narradas por estes viajantes, com referências ao *banzo* e ao suicídio. Através destas narrativas, percebe-se ter sido alta a frequência de suicídios entre os cativos, relacionados quase sempre a reações nostálgicas por conta da perda da liberdade e de vínculos com a terra e grupo social de origem, bem como aos severos castigos impostos pelos senhores.

Para Ana Maria G. R. Oda que estuda o suicídio entre escravos e libertos nas províncias da Bahia e de São Paulo<sup>48</sup>, esta interlocução entre a historiografia brasileira e os viajantes está longe de se esgotar e pode ser muito fecunda, desde que observados alguns cuidados ao se fazer a leitura destas obras. É importante que se tenha em mente aspectos específicos dos contextos históricos em que viveram seus autores e as dimensões políticas e científicas dos seus relatos de viagem.

Para José Alípio Goulart que dedicou um capítulo ao tema no seu livro *Da fuga ao suicídio*, esta reação à violência do cativo era o resultado de fugas frustradas e também da crença de um retorno espiritual à terra natal (África).

---

<sup>46</sup> Para uma maior compreensão do problema, indica-se o livro da psicóloga Maria Luiza Dias – *Suicídio testemunhos do adeus*.

<sup>47</sup> O interesse pelo tema aumentou a partir dos anos 1980 após notícias veiculadas na imprensa sobre a epidemia de suicídios entre os índios Kaiowá, da reserva de Takuapiry que vivem próximos a Dourados (MS). Mesmo assim, são escassas estatísticas e estudos sobre o tema.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, S.V.; ODA, ANA MARIA GALDINI RAIMUNDO. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. *História, ciências, saúde – Manguinhos*. V. 15, 2008, pp. 10 a 20.

“O suicídio foi o mais trágico recurso de que se valeu o negro escravo para fugir aos rigores do regime que o oprimia – excesso de trabalho, maus tratos, humilhações, e, em muitos casos, para eliminar juntamente com a própria vida o banzo, isto é, aquela irreprimível saudade da pátria distante, para sempre fisicamente perdida, à qual só tornaria a voltar graças ao processo de ressurreição, como acreditava. Além de constituir na abreviação dos sofrimentos físicos e morais que o atormentavam, o negro via no suicídio, por igual passo, certa modalidade de vingança contra o detestado senhor”.<sup>49</sup>

Para se matar, o escravo utilizava vários meios: baleavam-se, esfaqueavam-se, estrangulavam-se, degolavam-se e também suicidavam-se comendo terra ou barro. Observa Gilberto Freyre, no seu *Casa-Grande e senzala*<sup>50</sup>:

“Mas não foi tôda de alegria a vida dos negros escravos dos ioiôs e das iaiás brancos. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandigueiros”. (sic)

Porém, o mais curioso meio era o de engolir a própria língua, obstruindo a glote e provocando asfíxia.

Dentre os motivos para a auto-eliminação, o principal era o receio dos castigos a que estavam sujeitos. O suicídio seria uma forma de reação, de vingança e da vontade de ser livre. O caráter violento da escravidão, enfatizado a partir de estudos da década de 1970, associam o suicídio, o homicídio e as agressões físicas às condições do cativo. Alguns autores vêem estes atos como uma manifestação de rebeldia.

“Assim, os suicídios, as fugas e a fúria assassina dirigida aos senhores e feitores são entendidos como sinais de rebelião individual, assim como os quilombos e as insurreições o seriam de rebeldia coletiva”.<sup>51</sup>

Jackson Ferreira, no seu artigo “*Por hoje se acaba a lida*”,<sup>52</sup> afirma que...

“Uma melhor compreensão do suicídio praticado pelos escravos se beneficia não apenas das novas discussões sobre a escravidão, mas, também, dos estudos sobre temas correlatos, como as atitudes diante da morte, as concepções culturais africanas sobre suicídio e também pesquisas sobre este fenômeno entendido de forma mais ampla”.

<sup>49</sup> GOULART, JOSÉ ALÍPIO; *Da fuga ao suicídio – Aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, INL, 1972.

<sup>50</sup> FREYRE, Gilberto; *Casa-Grande e senzala*. 6ª ed., II, p. 752, Rio de Janeiro, 1950

<sup>51</sup> MATOSO, KÁTIA; *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 155.

<sup>52</sup> FERREIRA, Jackson. *Por hoje se acaba a lida*. Documento eletrônico disponível em [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31\\_12\\_porhoje.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_12_porhoje.pdf). Acesso em 10.11.2008.

O seu artigo, ao procurar mapear diversos aspectos envolvendo o suicídio de escravos (lugar, método e motivo do ato: gênero, naturalidade, estatuto legal do suicida), busca compreender as concepções culturais na Bahia, durante a segunda metade do século XIX. Embora tendo que lidar com a fragilidade das fontes policiais do período, os dados estatísticos apresentados, assim como os relatos sobre suicídios e tentativas analisados, são, como ele mesmo diz...

“(...) de grande utilidade para compor um quadro dos principais motivos que levaram dezenas de escravos ao suicídio”.

Para se tentar explicar um suicídio é comum se buscar um motivo para o ato. No caso dos escravos, eles realmente desejavam a morte voluntária ou uma vida onde não houvesse infortúnios e incertezas? Na tentativa de responder estas questões, Ferreira analisa os motivos alegados para as tentativas e os suicídios, colhidos pelas autoridades competentes através das informações prestadas por terceiros ou pelas próprias vítimas. No resultado, se depara com casos de suicídios relacionados há mais de um motivo, o que confirmaria a opinião da jornalista Paula Fontenelle de que...

“Por trás da autodestruição raramente existe apenas uma causa, e sim várias”.<sup>53</sup>

Dentre os motivos apontados para o suicídio de escravos, os que estão mais relacionados com a condição do cativo seriam a captura após a fuga, castigo e ameaça de venda. Outro motivo recorrente é a “alienação mental”, o que para Ferreira seria fruto das condições do cativo. Por outro lado, este autor, concordando com João José Reis<sup>54</sup>, afirma que a alienação era muitas vezes usada como um argumento para escapar de sanções morais e religiosas, visando dar ao suicida um funeral cristão, ou para desqualificar o ato diante da comunidade escrava da qual a vítima fazia parte, objetivando evitar novas ocorrências.

---

<sup>53</sup> FONTENELLE, Paula; *Suicídio, o futuro interrompido*. São Paulo: Geração Editorial, 2008, p. 230/231.

<sup>54</sup> REIS, João José; *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991, p. 193.

Ao discutir o suicídio como mecanismo de resistência e negociação, utilizado por diversos escravos para obter a sua liberdade ou alguma autonomia, Ferreira utilizou dados quantitativos e relatos sobre suicídio de escravos na província da Bahia, concluindo que:

“O suicídio não pode ser analisado levando-se em conta apenas as estatísticas de relatórios presidenciais das províncias, muito menos os números retirados de livros de entrada de pacientes nos hospitais e relatos de viajantes europeus. Não que estes não sejam importantes, mas devem ser contrapostos com outros dados colhidos dos maços policiais, depoimentos das vítimas ou dos seus parentes e vizinhos. É neste tipo de documentação que os escravos mais aparecem, expressando suas dores, seus desejos e necessidades, mesmo que para isso tivessem que utilizar gestos violentos e extremados, ou a “voz” e a “escrita” dos dominadores. Seus atos suicidas foram mais que expressões e mecanismo de desespero, mas formas de negociar melhores condições, de resistir às condições de cativeiro ou libertar-se dele”.

Num trabalho de 1930 – Suicídio e Mimetismo – o médico baiano Florisval Alves Seraine<sup>55</sup>, demonstrando preocupação com os diversos casos de suicídio praticados na época, afirma que não há acordo entre os cientistas no modo de encarar o suicídio, pois enquanto para alguns o indivíduo não atentaria nunca contra a própria vida senão em estado de desequilíbrio mental (todo suicida seria louco), outros, porém, negam a existência patológica para certos casos.

Baseado em estatísticas realizadas no Instituto de Medicina Legal (IML), Seraine enumera uma série de razões para o indivíduo tentar o suicídio, chegando a algumas conclusões que merecem atenção, pois traçam um perfil do suicídio nos anos 1920/1930, na Bahia e em São Paulo. Entre os homens (confirmando tendência mundial) estava o maior número de casos e a idade variava entre os 20 a 30 anos. Entre as mulheres, mais meretrizes ou moças solteiras, com idade que variava dos 15 aos 25 anos. Enquanto os homens se matavam mais, as mulheres faziam mais tentativas. Outro dado interessante apontado pelo autor diz respeito ao suicídio a dois, frequente na época. O envenenamento aparece como o meio mais comum para quem queria se matar.

Seraine também afirma que as leituras podiam ser apontadas como responsáveis pela morte voluntária, uma vez que a narração de um suicídio poderia servir de exemplo para outros casos, deixando claro a sua opinião sobre o “contágio” e concordando com a tese de que a influência da leitura é bastante nociva, pois pode gerar outras mortes.

---

<sup>55</sup> SERAINE, Florisval Alves. *Suicídio e Mimetismo*. Tese em Medicina Legal. UFBA, Bahia, 1930.

Sua definição para o suicídio passa pela teoria freudiana de que todo indivíduo tem dentro de si dois instintos – um que exerce pressão no sentido da morte e o outro no sentido de um prolongamento da vida.

“Suicídio, morte voluntária ou autocídio designarão, portanto, a mesma coisa, isto é, a morte efetuada por elle próprio – resultado de uma luta secreta, em que o instinto fundamental de conservação acaba dominado inteiramente pelo instinto de destruição”.<sup>56</sup>(sic)

Num trabalho mais recente que busca entender o que leva tanta gente a abreviar a própria vida, a psicóloga e socióloga Maria Luiza Dias<sup>57</sup> realizou um estudo em torno de cartas, bilhetes e fitas cassete deixados por suicidas. Este trabalho, resultado de pesquisa efetuada durante os anos de 1986 e 1987 no Instituto de Criminalística de São Paulo, tenta...

“(...) enfatizar como o indivíduo nunca está descompromissado com o meio social e com os vínculos que nele estabelece (embora ele próprio acredite que sim), estando o ato suicida sempre voltado ao mundo em que tal pessoa se insere”.

Numa tentativa de interpretar o fenômeno do suicídio através destas mensagens de adeus, a autora se propõe a analisar o discurso suicida recorrendo a uma abordagem social (estes documentos reconstruiriam o diálogo entre o indivíduo e seu meio social) e, também, a conceitos da psicanálise (a exemplo do narcisismo, identificação e luto, entre outros).

Neste único trabalho brasileiro a analisar o problema do suicídio através de notas suicidas, que buscam projetar uma existência para o futuro, para além da morte, fica clara a idéia de que o suicida na verdade não sabe se quer morrer ou apenas se livrar de um problema, de um sofrimento insuportável, real ou fantasiado, interno ou externo. Neste caso, a idéia de morte não tem a ver com a extinção da vida, com o fim da existência. Segundo Dias, para o indivíduo que se suicida...,

“(...) a morte representa uma passagem, uma entrada para um outro estado também vivo, certamente mais prazeroso que este aqui”.

---

<sup>56</sup> SERAINE, Florisval Alves. *Suicídio e Mimetismo*.

<sup>57</sup> DIAS, Maria Luiza; *Suicídio, testemunhos de adeus*, p. 39.

Não que o indivíduo deseje continuar vivo; o que realmente ele quer é desligar-se da vida daqui, aspirando um outro tipo de existência, ou seja, entrar para uma eternidade desejada na vida. O “saio da vida para entrar na História” de Getúlio Vargas é um bom exemplo desse objetivo, pois, segundo a autora, em sua fantasia ele continuava vivo.



Figura 2 - “Morreu para encontrar Lúcia Maria na Eternidade”. Diário de Pernambuco, 21/10/58.

De acordo com Paula Fontenelle...

“As palavras contidas em uma carta deixada por alguém que tirou a própria vida dizem muito sobre o gatilho que o impulsionou à morte”.<sup>58</sup>

O tom da mensagem deixada revelaria os sentimentos, as angústias e os conflitos vivenciados pelo indivíduo no ato de sua morte. Liberado para falar, ele expressa, através destas mensagens, seus sentimentos, revela segredos, faz acusações. Tom Hunt<sup>59</sup> qualifica as mensagens de adeus em: acusatórias, explicativas, práticas e as que contém pedido de desculpas. Nas acusatórias, as palavras são ditadas pela raiva; a explicativa é uma tentativa

<sup>58</sup> FONTENELLE, Paula. *Suicídio o futuro interrompido*, p. 168.

<sup>59</sup> HUNT, Tom in Fontenelle. Paula. *Suicídio o futuro interrompido*, p. 170.

de justificar a decisão, enquanto a prática detalha o que deverá ser feito após a morte. Por último, as que se desculpam pela dor que está a causar aos que ficam nesta vida, como se reconhecesse que está praticando algo proibido, inadequado, interdito.

Mesmo não sendo muito frequentes, foram encontradas algumas notas e cartas publicadas nos jornais pesquisados no Recife dos anos 1950 que ilustram bem esta qualificação feita por Hunt, embora em muitos casos, numa mesma carta ou nota, pode-se perceber uma mistura de trechos explicativos, práticos, acusatórios e de desculpa.

“B, 60 anos, viúvo, aposentado, antes de se matar por enforcamento, na parece do quarto deixou escritas a carvão as seguintes palavras: Foi “Tiza” a culpada da minha morte, porque queria morar comigo a pulso. Humberto, meu instituto fica para minha neta. Tenho duas roupas, dois sapatos e uma maleta. Salva esta alma do cadáver”<sup>60</sup>.



Figura 3 - “Por causa de Tiza – Enforcou-se o popular aos 60 anos de idade”. Diário de Pernambuco, 30/11.58.

<sup>60</sup> Diário de Pernambuco – 30/11/58 – p. 5.

“R, 30 anos, sargento da Aeronáutica, se matou com um tiro de revólver e deixou o seguinte bilhete: No caso de minha morte, todos os meus pertences são de minha noiva; bem entendido, caso não tenha casado”.<sup>61</sup>

“A, solteiro, 22 anos, estudante, atirou-se do 6º andar do edifício do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes – IAPC. Deixou dois bilhetes onde diz: não culpem ninguém, o culpado sou eu”.<sup>62</sup>

Ao se suicidar, com um tiro no coração, o presidente Getúlio Vargas deixou aquela que seria a mais famosa carta de despedida escrita no Brasil. Reproduzida por rádios e jornais logo após a sua morte, a carta-testamento justificava o seu gesto não como um pecado, um ato covarde ou de alguém desesperado pela difícil situação política vivida pelo país<sup>63</sup>, mas como um sacrifício feito pelo povo, pelo Brasil. Verdadeira peça literária, esta carta consegue incluir o seu suicídio na lista dos suicídios altruístas - onde o indivíduo é levado ao suicídio por um excessivo altruísmo e sentimento de dever - conforme a divisão feita por Durkheim. Suas últimas palavras emocionaram até os seus opositores...

“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam – e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instalei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.

Ao ódio, respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram, respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não será mais escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia, não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> Diário de Pernambuco, 26/02/58.

<sup>62</sup> Ibid, 10/09/54.

<sup>63</sup> Diante das pressões militares para que renunciasse, Getúlio preferiu o suicídio. No dia 24 de agosto de 1954, um tiro no coração colocava um fim trágico ao domínio getulista. Na carta-testamento deixada à Nação, Getúlio denunciava ter sido vítima dos que combatiam suas qualidades – os inimigos do trabalhismo e do nacionalismo. O povo, emocionado e enfurecido, foi às ruas para protestar pela morte do “pai dos pobres” que, com sua política paternalista, havia feito o nível de emprego crescer, o salário e a estabilidade no trabalho aumentarem.

<sup>64</sup> Nosso Século. Abril Cultural, 1980.



Figura 4 - “Suicidou-se Getúlio Vargas com um tiro no coração”. Diário de Pernambuco, 24/10/54.

Por outro lado, conforme Fontenelle, a forma de expressão escolhida para transmitir a última mensagem em vida muitas vezes tem a ver com a maneira como o indivíduo melhor se comunica com os outros, podendo vir por meio da pintura, música, literatura e desenho. Foi o caso, por exemplo, de Torquato Neto, poeta e letrista piauiense, que se suicidou em 10 de novembro de 1972, aos 28 anos de idade. Embora tenha deixado uma nota suicida onde diz que...

“Tenho saudade, como os cariocas, do dia em que sentia e achava que era dia de cego. De modo que fico sossegado por aqui mesmo, enquanto durar. Prá mim, chega. Não sacudam demais o Thiago, que ele pode acordar”.

É, porém, na letra da composição *Prá dizer adeus*, em parceria com o compositor Edu Lobo, em que fica clara a sua intenção de praticar o ato. Só após a sua morte, os amigos e parentes perceberam que se tratava de uma despedida.

Adeus, vou prá não voltar  
E onde quer que eu vá  
Sei que vou sozinho  
Tão sozinho amor  
Nem é bom pensar  
Que eu não volto mais  
Desse meu caminho

Ah! Pena eu não saber  
Como te contar  
Que o amor foi tanto  
E no entanto eu queria dizer  
Vem, eu só sei dizer  
Vem, nem que seja só  
Prá dizer adeus

Outro exemplo que pode ser citado é o caso do cartunista pernambucano Péricles de Andrade Maranhão, famoso nas décadas de 1940/1950 por seu personagem *O amigo da onça*. As suas charges, famosas, publicadas na revista *O Cruzeiro*, divertiam adultos e crianças com seu humor negro. No dia 31 de dezembro de 1961, culpando apenas a solidão pelo seu gesto extremo, Péricles abriu o gás e pregou na porta aquela que seria sua última charge: “não risquem fósforos”.

A música, tanto estrangeira como brasileira, também trata do tema. Vários compositores, através de suas letras e da morbidez das melodias, descrevem abertamente o suicídio. Como exemplo, atente-se para os versos da canção “Mãe Solteira”, composta em 1954...

Hoje não tem ensaio  
Na escola de samba  
O morro está triste  
E o pandeiro calado  
Maria da Penha  
A porta-bandeira  
Ateou fogo às vestes  
Por causa do namorado

O seu desespero  
Foi por causa de um véu  
Dizem que essas Marias  
Não tem entrada no céu  
Parecia uma tocha humana  
Rolando pela ribanceira  
A pobre infeliz  
Teve vergonha de ser mãe solteira

Os autores desse samba – Wilson Batista e Jorge de Castro – trataram o suicídio por duas vias: a religiosa e a moral. Por outro lado, os compositores de um modo geral embora tratando do tema em suas canções, assim como fizeram os filósofos do Século das Luzes em seus escritos, não podem ser considerados apologistas do suicídio. Na letra da composição “*Don't try suicide*” de Freddie Mercury líder da banda inglesa Queen, observa-se que o autor deixa claro que o suicídio não vale a pena. Atente-se para os versos desta canção...

A-one two three four one/Yeah/ OK/ Don't do it don't you try it baby  
Don't do that don't don't don't/Don't do that /You got a good thing going now  
Don't do it don't do it /Don't /Don't try suicide/Nobody's worth it  
Don't try suicide/Nobody cares/Don't try suicide/You're just gonna hate it/Don't try suicide  
Nobody gives a damn/So you think it's the easy way out?/Think you're gonna slash your wrists  
This time/Baby when you do it all you do is/Get on my tits/Don't do that try try try baby  
Don't do that - you got a good thing going now/Don't do it don't do it/Don't Don't try suicide  
Nobody's worth it/Don't try suicide/Nobody cares/Don't try suicide/You're just gonna hate it  
Don't try suicide/Nobody gives a damn/You need help/Look at yourself you need help  
You need life/So don't hang yourself /It's ok ok ok ok /You just can't be a prick teaser all of the time  
A little bit attention - you got it/Need some affection - you got it/Suicide suicide suicide bid  
Suicide suicide suicide bid/Suicide/Don't do it don't do it don't do it babe (yeah)  
Don't do it don't do it don't - do it/Yeah/Don't put your neck on the line

Don't drown on me babe/Blow your brains out –Don't do that (yeah)

Don't do that - you got a good thing going baby/Don't do it (no) don't do it (no) don't

Don't try suicide/Nobody's worth it/Don't try suicide

Nobody cares/Don't try suicide/You're just gonna hate it

Don't try suicide/Nobody gives - nobody cares/Nobody gives a damn/OK<sup>65</sup>

Na poesia o tema também se faz presente, como em Manuel Bandeira no “Poema tirado de uma notícia de jornal” e no “Último poema”.

João gostoso era carregador de feira livre e

Morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar vinte de novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado<sup>66</sup>

---

65

A-um dois três quatro um/Yeah/Ok/Não faça nem tente isto, baby  
Não faça isto não não não/Não faça isto/Você tem algo bom acontecendo  
Não o faça não o faça/Não/Não tente se suicidar/Ninguém dá valor  
Não tente se suicidar/Ninguém se importa/Não tente se suicidar  
Você simplesmente irá odiar/Não tente se suicidar/Ninguém dá a mínima  
Então você acha que é esse é o caminho fácil para sair?/Pense quando você cortar seus pulsos  
Agora/Baby, Quando você fizer isto tudo você/Me tirará do sério  
Não faz isso –não tente não tente não tente – baby  
Não faça isso - você tem algo bom acontecendo/Não o faça não o faça/Não  
Não tente se suicidar/Ninguém dá valor/Não tente se suicidar/Ninguém se importa  
Não tente se suicidar/Você simplesmente irá odiar/Não tente se suicidar  
Ninguém dá a mínima/Você precisa de ajuda/Olhe para você mesmo você precisa de ajuda  
Você precisa de vida/Então não se deixe abater/Está ok ok ok ok  
Você só não pode ser tão chamativa o tempo todo/Um pouco de atenção – você tem  
Precisa de um pouco de afeição – você tem/Suicida suicida suicida proposta  
Suicida suicida suicida proposta/Suicídio  
Não o faça não o faça não o faça, babe (yeah)/Não o faça não o faça não – o faça/Yeah  
Não coloque seu pescoço na linha/Não desconte em mim, babe/Explodir seu cérebro fora –  
Não o faça (yeah)/Não faça isso – você tem algo bom algo bom, baby  
Não o faça (no) não o faça (no) não/Não tente se suicidar  
Ninguém dá valor/Não tente se suicidar/Ninguém se importa/Não tente se suicidar  
Você simplesmente irá odiar/Não tente se suicidar/Ninguém dá a mínima/Ok

<sup>66</sup> BANDEIRA, Manuel; *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 9ª edição, 1977, p. 73.

Assim eu queria o meu último poema  
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais  
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas  
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume  
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos  
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação<sup>67</sup>

No Brasil dos anos 1950, o suicídio, por ser considerado um caso de polícia, gerava ocorrências policiais posteriormente transformadas em inquéritos, embora a morte voluntária não fosse mais vista como crime desde princípios do século XX. Conforme o Código Penal Brasileiro...

**Induzimento, instigação ou auxílio a suicídio.**

Art. 122 – Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça:

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, se a tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

Parágrafo único – A pena é duplicada:

**Aumento da pena**

I – se o crime é praticado por motivo egoístico;

II – se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência.

Conforme previsto no código Penal, nos casos de indução o responsável era devidamente punido, desde que fosse comprovada a sua culpa, conforme demonstrado no exemplo de M., 13 anos, casada, que por conta dos maus-tratos do marido, tentou o suicídio...

“Levou a esposa a tentar contra a vida. Casada há pouco e ainda uma menina, M. adoeceu e pediu ao marido para levá-la ao médico. Este, aborrecido, a proibiu de contar o caso a qualquer pessoa, chegando a ameaçá-la de morte se ela assim o fizesse. Não suportando mais a doença e os maus-tratos, M. tentou matar-se ingerindo inseticida. O marido foi preso e vai ser julgado”<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> BADEIRA, Manuel; *Antologia Poética*, p. 83.

<sup>68</sup> Diário de Pernambuco, 03 de setembro de 1954.

Vários outros casos de suspeita de indução foram encontrados nas pesquisas realizadas, com a polícia prendendo o suspeito para averiguações e posterior indiciamento.

Com relação à questão religiosa, parecia existir alguma tolerância e flexibilidade da Igreja Católica, principalmente após o Papa Bento XV, em 1918, ter admitido a insanidade mental dos suicidas. Associado à possibilidade de um arrependimento à hora da morte, este fato poderia permitir, assim, um funeral católico. Todos os casos coletados para a pesquisa tiveram sepultamento em cemitérios públicos, conforme anunciado nos jornais, não tendo sido encontrada nenhuma menção a qualquer interdição de enterro em campo santo devido à natureza da morte.

## CAPÍTULO II

### **SOBRE O SUICÍDIO: AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS TRABALHADAS PELA PSIQUIATRIA, PELA SOCIOLOGIA E PELA PSICANÁLISE**

“Não é difícil morrer nesta vida:  
viver é muito mais difícil”.<sup>69</sup>

Embora o suicídio continue sendo tratado como tabu até os dias atuais, a literatura mundial sobre o assunto é numerosa, apesar de que, no Brasil, persiste uma carência de pesquisas na área, fazendo com que o assunto seja ainda pouco estudado. Tão grande é o tabu sobre o suicídio que as pessoas evitam dizer a palavra, os jornais restringem as notícias sobre ele e mesmo cientistas o evitam como objeto de pesquisas, causando estranheza quando alguém se interessa pelo assunto. O lamentável fato de que homens e mulheres se matam requer estudos e pesquisas sobre a matéria. Infelizmente, não é o que acontece. O interesse deste trabalho pelo assunto nasceu do espanto e da curiosidade diante desse tabu e do número de casos ocorridos no Recife, nos anos 1950.

Os trabalhos sobre a morte voluntária, de um modo geral, procuram definir o que é o suicídio, os motivos que levam alguém a se matar e como este problema pode ser tratado e prevenido. O assunto é grande demais para ser analisado em um único trabalho, até porque as abordagens e enfoques de análise são os mais variados. No presente capítulo, será dada ênfase às abordagens apresentadas pela Psiquiatria, pela Sociologia e pela Psicanálise.

---

<sup>69</sup> Vladimir Maiakóvski, que se matou no dia 14 de abril de 1930.

## 2.1 - A TEORIA PSIQUIÁTRICA

A partir do Século XIX o suicídio passa a ter um novo foco: busca-se entendê-lo sob aspectos diferentes, basicamente numa abordagem mais científica, com Esquirol na Psiquiatria e Durkheim na Sociologia.

A primeira teoria a tentar explicar o suicídio, a psiquiátrica, surgiu em princípios do século XIX, com Pinel e Esquirol. Para Pinel, a tendência para o suicídio se aproximava de uma fraqueza de espírito, fazendo com que os indivíduos exagerassem os acontecimentos desagradáveis da sua vida.

“Um estado habitual de doença, a lesão grave de uma ou de várias vísceras, um enfraquecimento progressivo podem ainda agravar o sentimento penoso da existência e fazer apressar uma morte voluntária”.

Por não acreditar na eficácia dos tratamentos suaves, Pinel afirmava que um choque violento poderia ajudar alguém inclinado para o suicídio. Ele via na repressão o melhor meio de curar as tendências suicidárias, deslizando, desse modo, do sentido médico para o moral.

“Alguns meios enérgicos de repressão e um processo que imponha o terror, devem secundar os outros efeitos do tratamento médico e do regime.”<sup>70</sup>

Nota-se, na Medicina do começo do século XIX, uma tendência para culpabilizar a melancolia depressiva e a inclinação para o suicídio, para isso utilizando um tratamento moral, baseado na punição, também usado para qualquer outro vício. Alguns sedativos morais são aconselhados, a exemplo do isolamento, da fome, da sede, das ameaças e dos ataques ao amor-próprio. De um jeito ou de outro, o suicídio é considerado como uma forma de loucura, devido a certas causas sociais e o tratamento sugerido é o de isolar o doente.

A teoria psiquiátrica do suicídio foi fundamentada, sobretudo, pelos textos de Esquirol, que também atribui a certas razões morais a angústia suicidária...

---

<sup>70</sup> PINEL in MINOIS, G. *História do suicídio*. p. 303.

“Se o homem nunca fortificou a sua alma pelas crenças religiosas, pelos preceitos da moral, pelos hábitos da ordem e da conduta regular, se não aprendeu a respeitar as leis, a cumprir os deveres da sociedade, a suportar as vicissitudes da vida, se aprendeu antes a desprezar os seus semelhantes, a desdenhar dos autores dos seus dias, a ser obstinado nos seus desejos e caprichos, porque aliás as coisas são idênticas, está certamente mais disposto do que qualquer outro a acabar voluntariamente a sua existência desde que sofra penas ou revezes. O homem tem necessidade de uma autoridade que dirija as suas paixões e governe os seus atos. Entregue à sua própria fraqueza, mergulha na indiferença e depois na dúvida; nada sustenta a sua coragem e ele sente-se desarmado contra os sofrimentos da vida, contra as angústias do coração”.

Por outro lado, Esquirol deixa claro no seu livro *Des maladies mentales: considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico legal*<sup>71</sup>, como pretendia estudar o suicídio.

*“Avant de tracer l’histoire du suicide, peut-être bon d’indiquer les circonstances principales qui portent l’homme à mettre fin à son existence. De ces considerations préliminaires, nous passerons à l’exposition des symptômes, la recherche des causes, à l’ouverture des cadavres: enfin nous terminerons par quelques vues générales sur les moyens propres à prévenir le suicide et à combattre la funeste impulsion qui possue l’homme à mettre fin à son existence”*.<sup>72</sup>

Acreditando que o suicídio apresenta todas as características mentais, pois o ser humano só atenta contra a vida quando está mergulhado no delírio, conclui que os suicidas são alienados. Por esse raciocínio, o suicídio seria algo involuntário e, por conta disso, não deveria ser punido pela lei. Por ser considerado um delito perante a lei civil, sanções eram impostas às vítimas (quando das tentativas) ou aos familiares (quando do fato consumado). Assim, o suicídio era severamente reprimido pelo suplício do cadáver, pela recusa da sepultura em terra sagrada, pela certeza da condenação eterna e pela confiscação dos bens.

*“...Cependant, l’opinion générale qui fait regarder le suicide ou comme une action indifferente ou comme l’effet d’une maladie ou d’un delire, semble avoir prévalu de nos jours, même contre le texte des lois religieuses et civiles. Il n’est point de mon sujet de traiter*

---

<sup>71</sup> ESQUIROL, J.; *Des maladies mentales: considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico legal*, tomo II, 1995. Documento eletrônico (Reprodução da edição: Paris, Bailliére, 1838. Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em 19.09.2008.

<sup>72</sup> Antes de traçar a história do suicídio, talvez seja bom indicar as circunstâncias principais que fazem o homem pôr fim à sua existência. Destas considerações preliminares, passaremos à exposição dos sintomas, à procura das causas, à abertura dos cadáveres: enfim, terminaremos por algumas visões gerais a respeito dos meios próprios a prevenir o suicídio e a combater este impulso funesto que faz o homem pôr fim à sua existência.

*du suicide sous le rapport legal, par conséquent de sa criminalité; je dois me borner à faire connaître le suicide comme un des objets les plus importants de la médecine classique*".<sup>73</sup>

No século XIX tornou-se mais forte a associação dos motivos do suicídio à alienação mental, como também a certos conflitos entre a moral e a civilização ou ainda às exigências impostas aos indivíduos pelas transformações da modernidade, todos estes fatores sendo vistos como causadores de transtornos mentais que no seu extremo levariam ao auto-extermínio. Por outro lado, observa-se que o discurso entre os alienistas não era unânime quando se tratava de admitir as causas da morte voluntária. Até mesmo Esquirol, com sua "*monomanie suicide*", admitia outras possibilidades para o suicídio, fazendo com que o debate sobre as relações constantes e necessárias entre a perturbação mental e o suicídio se tornasse divergente entre eles.<sup>74</sup>

"A partir dos trabalhos, principalmente de Esquirol, os médicos vão disputar três concepções diferentes sobre a etiologia do suicídio. A primeira, aquela de Esquirol, dizia que o suicídio seria secundário a uma alienação não específica; a segunda, defendida por Bourdin (*Du suicide comme Maladie*-1845), associava todos os suicídios a uma doença mental específica, a *monomanie suicide*; finalmente a terceira, que se tornou majoritária na segunda metade do século XIX, separava o suicídio em diferentes causas: a alienação mental era reconhecida, entretanto, como a mais comum".<sup>75</sup>

No seu livro *Eros e Tânatos* o psiquiatra e psicanalista Karl Menninger<sup>76</sup> afirma que...

"(...) o suicídio deve ser considerado como uma espécie peculiar de morte que envolve três elementos internos: o elemento de morrer, o elemento de matar e o elemento de ser morto".

Estes três componentes para o ato suicida, portanto, faria com que o suicídio fosse um ato no qual o indivíduo é vítima e assassino ao mesmo tempo. Isto porque nenhum

---

<sup>73</sup> ...Porém, a opinião geral que faz perceber o suicídio ou como uma ação indiferente, ou como o efeito de uma doença ou de um delírio, parece ter prevalecido nos nossos dias, mesmo contra os textos de leis religiosas e civis.

Não é objetivo meu tratar o suicídio em relação a aspectos legais, por consequência, como ato criminoso; eu devo fazer conhecer o suicídio como um dos objetos mais importantes da medicina clássica.

<sup>74</sup> OLIVEIRA, S.V.; ODA, ANA MARIA G.R. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas décadas da escravidão.

<sup>75</sup> CORRÊA/BARRERO; *Suicídio uma morte evitável*. p. 38.

<sup>76</sup> MENNINGER, Karl; *Eros e Tânatos – O homem contra si próprio*. São Paulo: IBRASA, 1970.

suicídio é consumado a menos que, além de seu desejo de matar e de ser morto, o suicida deseje também morrer.

Por este raciocínio, **o desejo de matar** se manifesta através de impulsos destrutivos dirigidos para fora ou voltado para o eu. No primeiro caso, o sentimento chamado de “identificação” trata uma pessoa como se ela fosse outra pessoa. No segundo caso, aconteceria a “introjeção”, ou seja, a identificação de outra pessoa com o eu, neste caso, o eu passa a ser tratado como se fosse um objeto externo, caso comum na melancolia, doença originada pela perda de uma pessoa amada. Nesse caso, o paciente melancólico voltaria contra si as hostilidades que sente em relação ao objeto amado, uma vez que este objeto está introjetado no seu ego, o que o levaria a praticar o suicídio, ao desejo de matar aquele objeto.

No **desejo de ser morto**, o suicídio é cometido por quem não quer morrer ou matar, mas ser morto, forma extrema de submissão. Obter prazer através da punição (masoquismo). Nesse caso, a pessoa procura a forma passiva de um método de cometer suicídio sem aceitar a responsabilidade dele. Por exemplo, deixar de tratar de uma doença, deixar de tomar remédios, etc. A explicação para este desejo é encontrada na natureza da consciência, espécie de juiz ou rei interior. Para cada ataque destrutivo dirigido ao exterior, a consciência, ou superego, dirige um ataque da mesma natureza contra o ego. Assim, quem alimenta desejos homicidas sente também, pelo menos inconscientemente, a necessidade de punição. Para Menninger, seriam homicídios deslocados, no caso da melancolia, por conta da introjeção. Ou seja, os melancólicos raramente matam alguém que não seja a si próprio, muito embora o motivo impulsor seja o desejo de matar alguém, ou outra pessoa.

O **desejo de morrer** se manifesta no suicida que tendo cedido a repentino impulso, logo se arrepende e “muda de idéia”, implorando para que lhe salvem a vida. É como se para estas pessoas a tentativa de suicídio fosse apenas uma forma de chamar a atenção, não havendo realmente o desejo de morrer. Segundo Menninger, esta ausência de desejo de morrer aparece frequentemente nas tentativas de suicídio que malogram por falha técnica.

Menninger também definiu as atitudes destrutivas em três tipos de suicídio:

O **Crônico**, nas quais o indivíduo comete o ato lentamente, a exemplo do alcoolismo, do martírio, do ascetismo, do comportamento anti-social e da psicose.

Em segundo lugar, o **suicídio focal**, onde a atitude auto-destrutiva se concentra sobre o corpo, geralmente sobre uma parte limitada do corpo. Pertenceriam a esta espécie a auto-mutilação, simulação de doença, policirurgia compulsiva, certos acidentes inconscientemente propositais que causam ferimento local e impotência sexual.

“Todos estes fenômenos clínicos seriam determinados em geral pelos mesmos motivos e mecanismos delineados para o suicídio propriamente dito, exceto quanto ao grau de participação do instinto de morte”.

Por último, o **suicídio orgânico** que associa fatores psicológicos a doenças diversas. A expressão suicídio orgânico é usada pelo autor no sentido de auto-destruição por meio de doença somática, ou seja, aquelas doenças influenciadas pelo estado emocional. Neste caso, a doença seria usada como uma forma de auto-destruição.

Conforme Menninger, todos estes comportamentos constituiriam maneiras sutis pelas quais as pessoas abreviam ou limitam suas vidas.

A teoria psiquiátrica manteve-se presente no pensamento médico, principalmente no psiquiátrico, e conserva a vigência na atualidade, apesar de que nem todos que cometem suicídio tenham um transtorno mental, porém a mortalidade por suicídio nas pessoas com tal transtorno é maior do que a mortalidade registrada no resto da população.

“Por esse motivo, as doenças psiquiátricas são um fator de risco conhecido e seu tratamento adequado é um dos pilares da prevenção do suicídio”.<sup>77</sup>

## 2.2 - AS TEORIAS SOCIOLÓGICAS

Se até o século XIX o suicídio era encarado como uma questão filosófica, a partir de então ele se constitui como um problema, e problema social. Pela abordagem social, o suicídio não poderia ser focalizado apenas nos estados mentais dos indivíduos, mas

---

<sup>77</sup> CORRÊA, Sergio/BARRERO, Humberto. *Suicídio uma morte evitável*. P. 41.

também no estado da sociedade, ou seja, a sua explicação estaria associada não só a motivações individuais, mas também a fatos sociais. Deste modo, os aspectos da vida de indivíduos que os levam, num momento de depressão ou raiva, a cometerem o suicídio, têm que ser analisados levando-se em consideração os padrões de relações sociais que poderiam ter estimulado tais ações. Émile Durkheim se torna o principal mentor desta explicação com sua obra *O Suicídio*.

Acreditando em sérias dificuldades que poderiam acontecer nas relações indivíduo/sociedade, Durkheim demonstrou que o suicídio é mais que um simples ato individual de desespero, resultante de uma desordem psíquica, como se pensava na época. Pelo contrário, as taxas de suicídio seriam influenciadas por forças sociais. O seu argumento baseava-se no fato de que o comportamento humano é moldado por fatos sociais ou pelo contexto social das pessoas, e foi constituído a partir do exame da associação entre as taxas de suicídio e as taxas de problemas psíquicos de diferentes grupos. A idéia de que desordens psíquicas poderiam causar suicídios só se sustentaria se as taxas de suicídio fossem altas onde fossem altas as de desordens psíquicas e baixas onde as de desordens psíquicas fossem baixas. Porém, suas análises estatísticas de países europeus e de prontuários hospitalares não confirmaram esta tendência. Pelo contrário, estas análises mostraram que as taxas de suicídio e de desordens psíquicas não aumentavam e diminuía juntas. Em suas análises, por exemplo, ele descobriu que mais mulheres eram internadas em hospitais psiquiátricos, levando a crer que a população de alienados compreende mais mulheres que homens. No entanto, para cada quatro homens que cometiam suicídio, só uma mulher se matava, donde conclui que o suicídio era uma manifestação essencialmente masculina.

“Cada sexo tem, portanto, uma propensão definida para o suicídio, que é constante até mesmo para cada meio social. Mas a intensidade dessa propensão de modo algum varia com o fator psicopático”.<sup>78</sup>

O problema deste argumento está na operacionalização do “fator psicopático”. Operacionalizado pela quantidade de pessoas internadas em hospitais psiquiátricos, sem discriminação do tipo de doença, não encontra uma correlação positiva significativa com o

---

<sup>78</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 47

suicídio. Com efeito, nada indica que pessoas com outras neuroses ou outras psicoses, se suicidem significativamente mais do que a média da população. Se, porém, ele correlacionasse o diagnóstico de “depressões graves”, de natureza neurótica ou psicótica, internadas ou não em hospitais psiquiátricos, com o suicídio, ele encontraria certamente uma correlação positiva altamente significativa. (Considere-se que muitos deprimidos não são internados e o internamento, com sua vigilância, diminui significativamente o risco de suicídio). Diga-se, em favor de Durkheim, que a Psiquiatria de sua época era pouco precisa em relação ao diagnóstico de depressão.

A questão do gênero é uma outra questão que remete, certamente, a fatores sociológicos, isto é, o que uma determinada cultura espera de homens e de mulheres e como, deste modo, condiciona suas diferentes estruturas psíquicas e seus específicos modos de defesa. Constata-se, por exemplo, na clientela psicanalítica que na infância predominam os meninos; na adolescência os dois gêneros; entre adultos predominam as mulheres. Daí a concluir que as mulheres tendam a ser mais doentes do que os homens é um passo temerário. Considere-se uma família em que o pai é alcoólatra e, alcoolizado, espanca a mulher, maltrata os filhos varões e assedia sexualmente as filhas. Depois de algum tempo todos estão psicologicamente doentes. Mas há uma grande probabilidade de que o único que não procurará ajuda terapêutica será o pai, causa desse grande desajuste. A estatística, porém, registrará que a mulher e os filhos são doentes e o pai, sadio porque não terá procurado ajuda terapêutica. A questão é, portanto, complexa quando se trata de analisar estatísticas.

Não se nega, porém, que haja um fator sociológico na predominância de suicídio entre os homens. Jurandir Freire Costa, psicanalista pernambucano, constatou que, entre operários, verifica-se uma alta correlação entre desemprego e depressão. Na classe social deles, um “homem bom”, um “marido bom”, não é o que não bate na mulher, que não se embriaga ou que não a trai em aventuras fortuitas. Um “homem bom” é o que faz a feira que permite alimentar a família. Quando o desemprego o impossibilita de cumprir essa função, quando deixa de ser um “homem bom”, entra muito facilmente em depressão. Entretanto, sua mulher, que suporta melhor esse tipo de infortúnio, talvez se vire com alguma lavagem de roupa. Nesse segmento social, o desempregado, não podendo corresponder ao que a sociedade espera dele, deprime-se. A mulher, ao procurar uma

lavagem de roupa, poderá ser vista como uma “boa mulher”. O fenômeno é, porém, bem menos nítido na classe média, onde um homem desempregado não deixa de ser um “homem bom”, nem o empregado o é necessariamente. É apenas um exemplo de como há que considerar as variáveis intervenientes nos dados estatísticos.

Embora, aparentemente, o fenômeno do suicídio consistisse num fato pessoal, na visão de Durkheim ele só seria explicável no contexto social a que pertencia, ou seja, cada sociedade tinha uma inclinação coletiva ao suicídio que permaneceria constante enquanto a estrutura dessa sociedade não mudasse. Desse modo, as taxas de suicídio variam por conta das diferenças no grau de solidariedade social nos diferentes grupos. Por este raciocínio, ele esperava que grupos com graus mais altos de solidariedade apresentassem menores taxas que os que apresentassem baixo grau de solidariedade. Embasando seu argumento, Durkheim mostrou que as pessoas casadas têm menos chances de cometer o suicídio por conta dos laços sociais que o casamento cria; as mulheres, por se envolverem mais nas relações familiares, são menos propensas a cometer o suicídio, enquanto os idosos são mais predispostos a acabar com suas vidas, provavelmente porque vivam sós, sem o cônjuge.

Generalizando, Durkheim afirmou que...

“(...) o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte”.

Por esta afirmativa, a propensão de um indivíduo cometer o suicídio diminuiria conforme a frequência e a intensidade de interação existente no grau de compartilhamento de crenças e valores entre os membros de um mesmo grupo.

Para explicar as taxas de suicídio, Durkheim dividiu o suicídio em três tipos sociais: o suicídio **egoísta**, o **altruísta** e o **anômico**. A cada uma destas três modalidades corresponderia o tipo de perturbação existente entre o indivíduo e a sociedade. Para Durkheim, a sociedade prevalece sobre o indivíduo e a incidência de suicídios dependeria do nível de integração social e das regulamentações existentes em cada sociedade, que produziria em seu interior uma certa dose de egoísmo, de altruísmo e de anomia. Existiria, ainda, um quarto tipo de suicídio, o **fatalista**, que se opõe ao anômico. Resultante de um excesso de regulamentação...

“(…) é cometido por indivíduos cujo futuro é uma incógnita completa e cujas paixões são reprimidas violentamente por uma disciplina opressiva. É o suicídio dos casados muito jovens, da mulher casada sem filhos”.<sup>79</sup>

A pouca atenção dada por Durkheim a esse tipo de suicídio foi devida à pouca importância e à dificuldade de encontrar outros exemplos, além dos citados, não valendo a pena, pois, debruçar-se sobre ele. Como exemplo de suicídio fatalista, são citados os casos de suicídios de escravos, indivíduos reprimidos violentamente por uma disciplina opressiva.

No **suicídio egoísta**, existe um transtorno do indivíduo na relação com sua coletividade social e um excesso de individualização da pessoa, ou seja, é um suicídio praticado por quem já não vê razão de ser na vida por se ver desligado da sociedade. Carente de vínculos que lhe sirvam de apoio e o mantenham preso à vida, o eu individual se sobrepõe ao eu social, levando o indivíduo a praticar o suicídio.

“Quanto mais enfraquecidos os grupos aos quais pertence, menos dependerá deles e tanto mais, por conseguinte, dependerá exclusivamente dele e passará a reconhecer unicamente as regras de comportamento que se baseiam em seus interesses particulares. Se conviermos, portanto, em chamar “egoísmo” a esse estado em que o eu individual se sobrepõe exageradamente ao eu social e o prejudica, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individualização excessiva”.<sup>80</sup>

Das pesquisas realizadas sobre os casos de suicídio no Recife dos anos 1950, observe-se o exemplo ilustrativo.

C, 20 anos, não suportando os maus-tratos do marido, foge para o Recife com um jovem de sua cidade. Aqui, esta relação não dá certo e termina, o que faz com que fique só, numa cidade estranha. Algum tempo depois, começa um novo relacionamento, não apoiado pela família do amante. Nesse ínterim, ela perde dois dos seus quatro filhos que tinham ficado com sua mãe em sua cidade natal: um de morte natural, outro afogado num **tanque**. Além do mais, seu pai fora assassinado em plena praça pública. Mesmo assim, C. tenta levar sua vida se preparando para um emprego na Casa Sloper (casa comercial elegante da época), porém o amante termina o relacionamento o que a leva a se desesperar (só contava com ele). O desespero a conduz, com um tiro no coração, a destruir uma vida marcada por uma seqüência de tragédias. Deixa duas cartas onde explica as razões que a levaram a cometer o suicídio. Em ambas, isenta o amante de toda e qualquer culpa, por considerá-lo a única pessoa que a ajudou, tendo sido ao mesmo tempo pai, marido, companheiro, família. Na carta deixada para a mãe, culpa o irmão mais velho pelo seu ato.

<sup>79</sup> DURKHEIM. *O suicídio*, p. 300.

<sup>80</sup> *Ibid*, p. 221.



Figura 5 - “Com um tiro no coração, Cilene destruiu uma vida marcada por uma seqüência de tragédias”. Diário de Pernambuco, 31/10/58.

Nesse exemplo, fica clara a falta de vínculos que pudessem servir de apoio à vítima. Só, sem poder contar com a família (todos morando numa cidade de outro Estado nordestino), numa terra estranha e vivendo numa pensão com pessoas desconhecidas, conclui-se que nada mais a prendia a esta vida, uma vez que ela se encontrava insuficientemente integrada à sociedade.

“Se, como acabamos de verificar, uma individualização excessiva leva ao suicídio, uma individualização insuficiente produz os mesmos efeitos. O homem se mata facilmente quando está desligado da sociedade, mas também se mata se estiver por demais integrado nela”<sup>81</sup>.

<sup>81</sup> DURKHEIM, E. *O suicídio*, p. 229.

O que seria o caso do suicídio altruísta. **No suicídio altruísta**, o eu, ao contrário, não pertence ao indivíduo por estar exclusivamente integrado à sociedade com a qual ele se relaciona, isto é, integrado demais a ela. Desse modo, muitas vezes o motivo dessa morte voluntária é considerado louvável o bastante para não ser qualificado de suicídio. Para Durkheim, este tipo é mais comum em sociedades inferiores ou primitivas e orientais. Sendo um suicídio pedido pela sociedade que fixa as condições e as circunstâncias em que o ato deva ser cumprido, o não cumprimento traria prejuízos para o indivíduo ou sua família. Exemplo típico deste tipo é o *haraquiri* no Japão antigo e o sacrifício das viúvas indianas na fogueira do esposo falecido.

Um comerciante que sempre honrou suas dívidas pode dar um tiro na cabeça quando se configura a impossibilidade de pagar seus compromissos financeiros. Para preservar a imagem do homem que sempre pagou suas contas, ele pode ser levado a sacrificar o indivíduo biológico. Neste caso, a preservação é de uma imagem do eu – alguém que sempre honrou seus compromissos – e não do indivíduo biológico, miseravelmente assassinado com um tiro na cabeça.

Em nossas pesquisas, no âmbito da família, poderíamos citar como exemplo de suicídio altruísta o caso abaixo...

“P., comerciante bem sucedido, “premidado por dificuldades financeiras, deu um tiro na cabeça.<sup>82</sup> Deixou quatro cartas, onde acusa os amigos, a quem ajudara financeiramente, por sua morte. No início de uma das cartas, ele diz que prefere morrer a passar vergonha. Pelo que foi apurado, este comerciante tinha um grande prestígio na praça e uma excelente condição financeira. Morava numa bela casa na Av. Rosa e Silva (Aflitos) e tinha um alto padrão de vida. Quando se viu arruinado financeiramente, temendo não só a sua desonra, como a vergonha da família, comete o suicídio. Neste caso, o não suicidar-se seria uma desonra e traria prejuízos para o indivíduo e para a sua família”.

---

<sup>82</sup> Diário de Pernambuco. 21 de novembro de 1958.



Figura 6 - “Comerciante disparou um tiro no ouvido tendo morte imediata”. Diário de Pernambuco, 21/11/58.

O suicídio do tipo **anômico**, para Durkheim, decorre de que as atividades dos homens estão desregradas e que isto os faz sofrerem. Neste caso, o suicídio não depende do isolamento nem da integração do indivíduo com a sociedade, mas da maneira pela qual ela o regulamenta. A anomia seria a ausência de lei ou regra na vida do cidadão, o que levaria a ruptura do equilíbrio entre a sociedade e o indivíduo, ou seja, o indivíduo encontra-se desprovido de proteção e as tendências suicidas da sociedade encontram-se sem mecanismos de controle e preservação. As rápidas transformações das sociedades industriais e o ritmo desenfreado do desenvolvimento tecnológico são fenômenos que podem explicar este tipo de suicídio, onde regras antigas perdem a validade e os novos setores não estão ainda devidamente organizados para a elaboração de normas adequadas à presente situação. Deste modo, não só o desemprego e a miséria levariam o indivíduo a se

matar, mas também os períodos de prosperidade, uma vez que ambos geram muitas mudanças.

“Se, portanto, as crises industriais ou financeiras fazem aumentar os suicídios, não é porque elas façam empobrecer, uma vez que as crises de prosperidade têm o mesmo resultado; é porque se trata de crises, isto é, perturbações da ordem coletiva. Qualquer ruptura de equilíbrio, ainda que dela resulte um bem estar coletivo maior e uma maior vitalidade geral, incita à morte voluntária. Todas as vezes que no corpo social são produzidas graves modificações, devam-se elas a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclisma inesperado, o homem mata-se mais facilmente”<sup>83</sup>.

Exemplos de suicídio anômico foram produzidos no famoso *crack* da bolsa de Nova York, no ano de 1929, onde ficou constatado um significativo aumento das taxas de suicídio no território norte-americano. Atualmente, as maiores taxas de suicídio do mundo estão nos países do leste europeu, particularmente nos que faziam parte da antiga União Soviética, tendência verificada desde os anos 1990. Um dos motivos apontados para os altos índices de suicídio nestes países seriam as profundas mudanças sócio-econômicas ocorridas após a dissolução da União Soviética, o que teria gerado um desequilíbrio nestas comunidades.

Nas pesquisas realizadas, foram encontrados casos de suicídios entre separados e viúvos, explicados, segundo Durkheim, por uma anomia doméstica. Observe-se o exemplo abaixo.

F, viúva, dona de casa, desesperada com a morte do marido, com cinco filhos para criar e sem a menor condição financeira, tenta o suicídio tomando um poderoso tóxico. À Polícia, F. declarou que o motivo que a levou a praticar tal ato fora a perda do marido. Com sua morte, ela se viu sozinha para arcar com a responsabilidade de criar os cinco filhos, além de estar desolada com a perda do companheiro.

Neste caso, a tentativa de suicídio deveu-se ao rompimento de um equilíbrio preexistente, o que resultou da perda da proteção que esta pessoa contava na sua vida e que, de repente, lhe faltou. Ademais, esta pessoa não havia trabalhado a possibilidade de situações deste tipo acontecerem, o que a levou a uma crise que culminou com a tentativa de suicídio.

---

<sup>83</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, pp. 264/265.

Conforme dito anteriormente, o suicídio do tipo **fatalista** caracteriza-se por uma excessiva regulação, um controle excessivo e insuportável que faz com que a pessoa que o comete não consiga ver um futuro a sua frente, ou quando o vê, ele se apresenta limitado. Dois casos acontecidos no Recife dos anos 1950 poderiam exemplificar o suicídio fatalista.

“M, 13 anos, acabrunhada com os constantes maus-tratos que sofria por parte de sua mãe, tocou fogo às vestes. A tresloucada menor sofreu queimaduras de 1º, 2º e 3º graus e seu estado é considerado gravíssimo”.<sup>84</sup>

C, 16 anos, atormentada com as constantes brigas com o seu pai que a proibia de ter amigos e de se comportar como as outras jovens de sua idade, tocou fogo às vestes”.<sup>85</sup>

Em ambos os casos, nota-se que o excesso de rigor com a qual as jovens eram tratadas, as levaram a praticar o suicídio. A falta de liberdade e os maus-tratos constantes impediram que elas conseguissem ver um futuro para suas vidas, lembrando os casos de suicídio entre os escravos, também inseridos por Durkheim no tipo fatalista.

Baseado em estatísticas, a obra de Durkheim revela conclusões, embora muito criticadas, que conservam uma grande força explicativa, tornando-se referência obrigatória quando se estuda o suicídio. Mais de cem anos depois de sua primeira edição, em 1897, seu livro permanece leitura indispensável a todos que desejem aprofundar-se no campo da suicidologia, com sua teoria acerca da integração social do indivíduo permanecendo atual e importante, apesar de algumas ressalvas que possa sofrer nas outras abordagens sobre o tema.

A teoria sociológica foi completada por Maurice Halbwachs, em 1930. O seu livro *Les causes du suicide*<sup>86</sup> estabelece a solidão como ponto comum de todos os tipos de suicídio...

“O sentimento de uma solidão definitiva e sem recurso é a única causa do suicídio”.

---

<sup>84</sup> Diário de Pernambuco – 27/01/57 – p. 5.

<sup>85</sup> Diário de Pernambuco – 02/08/55 – p. 5.

<sup>86</sup> HALBWACHS, Maurice; *Les causes du Suicide*. Paris: Felix Alcan, 1930. Documento eletrônico disponível em <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em 18.09.2008.

Halbwachs, que critica em vários pontos a obra de Durkheim, contribui para um melhor entendimento sobre os aspectos sociológicos do suicídio, mesmo que não se possa falar em continuidade entre os dois autores. No prefácio do seu livro, escrito por um discípulo de Durkheim (Mauss), é dito que...

*“il serait imprudent, peu scientifique, absurde, quand on se sert du Suicide de Durkheim de ne pas se reporter constamment aux Causes du Suicide de M. Halbwachs.”*<sup>87</sup>

Enquanto Durkheim afirmava não existir suicídio quando o indivíduo estava bem ancorado em sua comunidade, Halbwachs vai além e se aprofunda nos fatores extra-sociais que levariam a esta falta de ancoragem, argumentando...

*“la thèse de Durkheim serait vraisemblable s’il n’existait aucun rapport entre l’action de tels motifs et celle qui résulte de l’ébranlement des sentiments collectifs. Mais il n’en est rien. Lorsqu’on passe en revue les divers motifs particuliers du suicide, on aperçoit que, si les hommes se tuent, c’est toujours à la suite d’un événement ou sous l’influence d’un état survenu soit au dehors, soit au dedans (dans corps ou dans leur esprit), qui les détache ou les exclut du milieu social, et leur impose le sentiment insupportable de leur solitude, [...] il n’y a donc pas de différence essentielle entre ce qu’il appelle les motifs et les causes, [...] ce sont deux états de même nature qui se superposent, ce sont des forces du Même genre qui combinent leur action”*.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Seria imprudente, pouco científico, absurdo, ao nos fixarmos no Suicídio de Durkheim não se reportar constantemente às Causas do Suicídio de M. Halbwachs.

<sup>88</sup> A tese de Durkheim seria passível de ser verdade se não existisse alguma relação entre a ação de seus motivos e aquela que resulta da junção dos sentimentos coletivos. Ao rever os diversos motivos particulares do suicídio, percebemos que se os homens se matam, é sempre após um acontecimento ou sob a influência de um estado seja interno ou externo (corpo ou espírito) que os fazem romper ou se excluir do meio social e os impõem ao sentimento insuportável da solidão. [...] não há portanto diferença no que chamamos de motivos e causas [...] são dois estados da mesma natureza que se superpõe, ou seja, são forças do mesmo gênero que combinam suas ações.

## 2.3 - A EXPLICAÇÃO PSICANALÍTICA: FREUD E O SUICÍDIO

Conforme dito anteriormente, Freud não dedicou nenhuma obra diretamente à questão do suicídio. O único texto específico sobre o tema – “*Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*” – escrito em 1910, é relacionado à área de educação e rebate a acusação de que as escolas impeliam seus alunos ao suicídio.

“A escola secundária toma o lugar dos traumas com que outros adolescentes se defrontam em outras condições de vida. Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela lhes deve dar o desejo de viver e devia lhes oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família.”<sup>89</sup>

Ao falharem neste projeto, as escolas deixariam de cumprir...

“(...) seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertar o interesse pela vida do mundo exterior”.<sup>90</sup>

O texto, a despeito da promessa implícita no título, não contribui efetivamente para uma discussão sobre o suicídio, mas arrisca uma primeira explicação com relação ao tema.

“Estávamos ansiosos sobretudo em saber como seria possível subjugar-se o extraordinariamente poderoso instinto de vida: se isto pode apenas acontecer com o auxílio de uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar à sua auto-preservação, por seus próprios motivos egoístas. Pode ser que tenhamos deixado de responder a esta indagação psicológica porque não temos meios adequados para abordá-la.”<sup>91</sup>

O ponto de partida, usado por Freud, para tentar responder a esta indagação, será a condição de melancolia, que lhe é tão familiar clinicamente, e uma comparação entre ela e o afeto do luto.

---

<sup>89</sup> FREUD, Sigmund. *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*; v. 11, p. 217-8, 1910. In: *Obras completas*, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 218.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 218.

A partir de 1915, com os artigos metapsicológicos, em especial com *Luto e Melancolia* (1917)<sup>92</sup>, a questão do suicídio começa a ser respondida, embora bem antes destes artigos o suicídio fosse associado à melancolia, através da análise de alguns casos clínicos.

Em *Luto e Melancolia*, Freud começa por justificar as semelhanças entre os dois estados.

“O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas – que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez de luto. Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo”.<sup>93</sup>

À semelhança do luto, mais propriamente do “luto profundo”,

“a melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral da capacidade de realizar tarefas”.<sup>94</sup>

Uma única característica da melancolia permite diferenciá-la do “luto profundo”: a “depreciação do sentimento-de-Si”<sup>95</sup> ou, em termos correntes, do amor próprio, da auto-estima, depreciação que se manifesta...

“(…) por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido”.<sup>96</sup>

Dada a semelhança entre os dois quadros, impõem-se a compreensão do luto – o qual, por familiar que seja, está longe de ser evidente – para chegar à compreensão da melancolia.

---

<sup>92</sup> FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*; . In: Obras psicológicas de Sigmund Freud. V. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. pp. 99-122.

<sup>93</sup> Ibid, p. 103.

<sup>94</sup> Ibid, p. 103.

<sup>95</sup> Ibid, p. 104.

<sup>96</sup> Ibid, p. 104.

“O teste de realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, de modo que o respeito pela realidade passa a exigir a retirada de toda a libido das relações anteriormente mantidas com esse objeto. Contra isso ergue-se então uma compreensível oposição. Afinal, como se pode observar, de modo geral o ser humano (...) nunca abandona de bom grado uma posição libidinal antes ocupada (...). Ao final, o normal é que o respeito pela realidade saia vitorioso. Entretanto, essas exigências da realidade não são atendidas de imediato. Ao contrário, isso só ocorre pouco a pouco e com grande dispêndio de tempo e energia, enquanto, em paralelo, a existência psíquica do objeto perdido continua a ser sustentada. Cada uma das lembranças e expectativas que vinculavam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga (...). Em cada um dos vínculos vai se processando então uma paulatina dissolução dos laços de libido (...). Após completar o trabalho do luto, o Eu se torna efetivamente livre e volta a funcionar sem inibições”.<sup>97</sup>

O luto não é um simples esquecimento, mas o resultado de um trabalho que demanda “grande dispêndio de tempo e energia”.

“Também a melancolia pode ser a reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (...). Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe *quem* ele perdeu, não sabe dizer o que se perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de um objeto que escapa à consciência, diferente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente”.<sup>98</sup>

Além disso, e como foi dito...

“O melancólico nos mostra uma característica ausente no luto: a extraordinária depreciação do sentimento-de-Si, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi a próprio Eu que se empobreceu. O doente nos descreve seu Eu como não tendo valor, como sendo incapaz e moralmente reprovável. Ele faz auto-censuras e insulta a si mesmo e espera ser rejeitado e punido. Rebaixa-se perante qualquer outra pessoa e lamenta pelos seus parentes, por estarem ligados a uma pessoa tão indigna como ele. O doente não chega a pensar que uma mudança das circunstâncias de vida se tenha abatido sobre ele; ao contrário, estende sua autocrítica ao passado e afirma, em verdade, nunca ter sido melhor. O quadro desse delírio de insignificância – predominantemente moral – é complementado por insônia, pela recusa em alimentar-se e por um processo que do ponto de vista psicológico é muito peculiar: a pulsão que compele todo ser vivo a apegar-se à vida é subjugada”.<sup>99</sup>

Como se pode constatar pela descrição da sintomatologia da melancolia, o suicídio, neste caso, insere-se num quadro de auto-depreciação e de auto-agressão do qual ele é a

---

<sup>97</sup> FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia, pp. 104-105.

<sup>98</sup> Ibid, p. 105.

<sup>99</sup> Ibid, p. 105-106.

natural conseqüência e o arremate final. Para além disso, o quadro revela algo sobre a constituição do Eu humano.

“Uma parte do Eu do paciente se contrapõe à outra de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora objeto (...). Assim, de fato, temos bons motivos para distinguir essa instância do restante do Eu. Na realidade, o que se nos apresenta aqui é a instância comumente denominada *consciência moral*”.<sup>100</sup>

Se a consciência moral critica, quem ela critica?

“Ao ouvirmos pacientemente as múltiplas auto-recriminações do melancólico, não temos como evitar a impressão de que as mais graves acusações com freqüência não se encaixam exatamente à própria pessoa, mas que (...) se aplicam perfeitamente a uma outra pessoa que o doente ama, amou ou deveria amar (...). Assim, tem-se nas mãos a chave para o quadro da doença: as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu. (...) O comportamento desses pacientes torna-se agora compreensível: seus lamentos e queixas são acusações”.<sup>101</sup>

Na melancolia, uma parte do Eu, a consciência *moral*, ataca outra parte, para a qual foram desviadas as acusações dirigidas ao objeto perdido. Pode-se, então, reconstruir o processo.

“Havia ocorrido uma escolha de objeto, isto é, o enlaçamento da libido a uma determinada pessoa. Entretanto, uma *ofensa real* ou *decepção* proveniente da pessoa amada causou um estremecimento dessa relação com o objeto. O resultado não foi um processo normal de retirada da libido desse objeto e a seguir seu deslocamento para outro objeto, mas sim algo diverso, que para ocorrer parece exigir a presença de determinadas condições (...). A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá, essa libido (...) foi utilizada para (...) produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação”.<sup>102</sup>

Quais são afinal as condições para a libido retirada ao objeto, em vez de ser transferida a outro objeto, como é o caso no luto, seja recolhida ao Eu para aí produzir uma identificação com o objeto abandonado?

---

<sup>100</sup> FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*, p. 107.

<sup>101</sup> Ibid, pp. 107-108.

<sup>102</sup> Ibid, p. 108.

“Parece necessário (...) que a seleção do objeto tenha sido feita numa base narcísica, de forma que (...) o investimento de carga depositado no objeto possa regredir ao narcisismo. A partir daí, a identificação narcísica com o objeto torna-se um substituto do investimento amoroso anteriormente depositado, permitindo que – apesar do conflito com o objeto de amor – não seja mais preciso renunciar à relação amorosa em si”.<sup>103</sup>

Resumindo: o luto e a melancolia supõem a reação do Eu à perda de um objeto fortemente investido. A diferença entre os dois quadros reside no tipo de escolha desse objeto. Na melancolia essa *escolha de objeto* foi de tipo *narcísico*, o que significa dizer que o objeto não tinha alteridade. A reação de muitas pessoas a uma perda amorosa ilustra essa falta de alteridade do objeto: “ele (ou ela) não podia ter feito isso comigo!” “Não podia” porque os laços que uniam o sujeito ao objeto não podiam, supostamente, ser rompidos. Como se o desejo do outro estivesse inextricavelmente confundido com o próprio desejo. Ora, a perda do objeto vem desmentir essa crença narcísica. Como reação, uma *identificação* ao objeto perdido, uma *introjeção* do objeto no Eu.

O poeta português Augusto Gil, no final de “Noiva”, um poema dirigido a uma ex-namorada que ia casar com outro, ilustra poeticamente essa introjeção do objeto perdido:

“ .....

Ciúmes? Ele é que há de tê-los  
Quando por noites de luar silente  
Ouvir vibrar uma voz cantando  
Os versos que te fiz, devotamente

Versos para te ungirem os ouvidos  
E os lábios de anêmica e de santa  
Tão pobres, tão ingênuos, tão sentidos  
Que o povo humilde os acolheu e os canta.

Então, se te olhar bem, logo adivinha  
Logo sombriamente se convence  
Que a tua alma se fundiu na minha  
E apenas o teu corpo lhe pertence”.

---

<sup>103</sup> FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*, pp. 108-109.

É contra esse objeto, cuja perda é negada pela sua introjeção no Eu, que se volta agora a fúria do que Freud denomina, aqui, *consciência moral* e que mais tarde será o *Supra-Eu*, estreitamente relacionado com o Eu-ideal.<sup>104</sup> Paroxismo dessa agressividade, o suicídio é, na verdade, o homicídio do objeto introjetado. Ilustram-no, frequentemente, as formas extremamente violentas de pôr fim à própria vida.

No caso da escolha de objeto de natureza narcísica, porém, na medida em que o *Supra-Eu* está estreitamente relacionado ao *Eu-Ideal*, a perda do outro, ao revelar a falta que ele faz, desvela a incompletude do próprio Eu. A auto-agressão não é, pois, apenas a agressão contra o objeto introjetado, mas também a agressão contra esse Eu que se pretendia narcisicamente completo. Ilustra-o a feroz invectiva imaginária do *Supra Eu* ao *Eu...*

“Não te pretendeste autônomo frente ao destino do objeto?! Não pretendeste jamais sofrer pela sua a perda?! E, no entanto, eis que soffres. Odeio-te e desprezo-te, vil objeto, miseravelmente dependente do amor dos outros”!<sup>105</sup>

Em 1920, com a publicação de *Além do princípio de prazer*<sup>106</sup>, inicia-se a guinada que vai marcar o último Freud, com uma nova teoria pulsional e uma nova tópica. A questão que nesta obra se coloca é a da *compulsão de repetição*, tal como pode ser observada nos sonhos das neuroses traumáticas, nas brincadeiras das crianças e na transferência. Ao repetirem o desprazer, estes quadros vêm questionar a dominância do *princípio de prazer* e apontar para um *além* desse princípio.

Com a introdução do narcisismo na teoria (1910-1914), a dualidade pulsional até então vigente, que opunha as *pulsões do Eu* ou de auto-conservação às *pulsões sexuais* – a fome e o amor – em eco à dualidade biológica entre *instintos de auto-conservação* e *instintos de conservação da espécie*, vai fazer-se problemática. Pois o Eu que, até então, se opunha à sexualidade, ao desvelar seu caráter narcísico, revelava sua natureza sexual. Freud enxergou nesta sexualização das *pulsões do Eu* e, conseqüentemente, no caráter sexual dos dois grupos de pulsões, uma redução ao monismo pulsional de Jung. Tratava-

---

<sup>104</sup> “O Eu e o Id” in Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. 3, Rio, Imago, 2007. p. 40.

<sup>105</sup> MAIA, Luís, “Sobre um princípio negado de funcionamento psíquico”, Cadernos de Psicanálise, Ano VII, abril de 1991, nº 1, pp. 37-41.

<sup>106</sup> “Além do Princípio de Prazer”, in Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. 2, Rio, Imago, 2006. pp. 123-198.

se, pois, em *Além do princípio de prazer*, de introduzir uma nova dualidade pulsional: *pulsões de vida versus pulsão de morte*. Ou, na perspectiva platônica, Eros, que junta todas as coisas, contra Tânatos que as separa.

Introduzida como uma especulação sem maiores consequências, a nova dualidade pulsional vai ganhar pregnância no devir da obra, a ponto de Freud constatar que ela se fizera indispensável. Mas a esta consolidação do conceito corresponde uma derivação do seu sentido: a *compulsão de repetição* que em *Além do princípio de prazer* ocupava o núcleo da trama problemática, passa para um segundo plano, dando lugar à *destrutividade*. A Platão sucede Empédocles com o amor e a discórdia.<sup>107</sup>

A *pulsão de morte* é desde o início, reflexa, dirigida contra o próprio sujeito. Sua derivação para um outro, para o exterior, em forma de *destrutividade*, constitui um progresso na medida em que poupa o próprio indivíduo. A outra possibilidade consiste na sua fusão com Eros, que tem como resultado temperar seu poder mortífero. Sadismo e masoquismo exemplificariam esta fusão pulsional entre o erótico e o destrutivo.

Depois deste percurso do conceito, que vai da *compulsão de repetição* à *destrutividade*, Freud retorna, então, à melancolia para caracterizar como “uma pura cultura da pulsão de morte”. Quando Eros deserta, a habitualmente silenciosas *pulsão de morte* manifesta-se, sem atenuantes nem disfarces, no suicídio.

A posteridade freudiana mostrou, desde o início, extrema reserva para integrar a *pulsão de morte*. Os poucos que a aceitaram, como Melanie Klein, fizeram-no ao preço de uma redução pura e simples à agressividade. Os outros dividiram-se nas tentativas de interpretá-la. Jones, por exemplo, vê nela a expressão das angústias pessoais de Freud – a brutalidade da guerra, a penúria do pós-guerra, a morte da filha Sofia, o câncer. Entre os que tentaram situá-la no contexto e na dinâmica da obra, são tantas as interpretações quanto os intérpretes.

Não cabendo, neste trabalho, um aprofundamento desta densa problemática, procurou-se pontuar, tomando por base trabalho recente do psicanalista Luís Maia<sup>108</sup>, alguns dos aspectos mais relevantes da questão.

---

<sup>107</sup> “*O mal-estar na civilização*” (1930) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, Rio, Imago, 1974, pp. 75-171.

<sup>108</sup> MAIA, Luís, “*Le recours à la phylogénèse chez Freud*”, Journées Internationales Jean Laplanche, Lanzarote, julho de 2008.

Freud não necessitou do conceito de *pulsão de morte* para elaborar sua notável teorização sobre a melancolia e o suicídio, em *Luto e Melancolia*. É a questão do narcisismo que aí se faz relevante. Laplanche, com efeito, já destacara que a pulsão de morte aparece no vazio deixado na obra pela ausência de um desenvolvimento sobre o narcisismo.

A *compulsão de repetição*, tal como ela se manifesta, por exemplo, nos sonhos das neuroses traumáticas – em que o sonhador revive, com intensa angústia, as circunstâncias do trauma – pode ser melhor compreendida em termos de uma *pulsão* (narcísica) de *apoderamento* ou de *domínio*, pela qual o sonhador retorna ao trauma para dominar o pânico que ele provocou e reparar, assim, a humilhação narcísica em que esse pânico se constituiu.

Na esteira de Hobbes e de toda uma tradição de moralistas, Freud vai reafirmar que “o homem é o lobo do homem”, sem atentar para a injustiça para com o lobo implícita na sentença. Pois nem o lobo, nem nenhum outro animal, fere ou mata pelo prazer de ferir ou matar. Nos animais, a agressividade é funcionalmente dependente ou da *auto-conservação* - fome – ou da *conservação da espécie* – reprodução. No homem, porém, a agressividade, que ele compartilha com os outros animais, pode perverter-se em *destrutividade*, e então ele fere ou mata pelo prazer de ferir ou matar. Inútil procurar aí uma animalidade que a natureza se recusa a confirmar. É novamente no narcisismo que há que buscar a resposta. Pois a alteridade do outro, enquanto o outro é aquele que me pode dizer não, enquanto um limite à minha onipotência, pode constituir-se numa *humilhação narcísica*.

Finalmente, postular uma *pulsão de morte*, de caráter auto-agressivo, como explicação do suicídio, é uma redundância e não uma explicação. O que haveria que explicar, se Freud já não a tivesse antecipado em *Luto e Melancolia*, seria a razão de ser deste impulso para a morte em que o suicídio se constitui. A *pulsão de morte*, como explicação do suicídio, perde assim seu caráter fundador, porquanto ela própria carece de fundamento.

## 2.4 – DEFININDO O SUICÍDIO.

Embora, aparentemente, o significado da palavra suicídio possa parecer claro do ponto de vista etimológico, sua definição apresenta dificuldade e tem sido objeto de muita controvérsia e de muito debate.

Ao que tudo indica, a palavra suicídio, derivada do latim a partir de *sui*=si mesmo e *caedes*=ação de matar, significaria “morte de si mesmo”. No dicionário Houaiss, suicídio significa ato ou efeito de suicidar-se, pôr termo à própria vida, matar-se. Porém, se em alguns casos a decisão de tirar a própria vida é inquestionável, pois o indivíduo o faz de forma consciente, intencional, usando um meio que acredita vai conseguir seu objetivo, em outros, no entanto, questionamentos são feitos uma vez que fica difícil saber o que de fato ocorreu no momento da morte.

Para Durkheim, “o suicídio é, vulgarmente e antes de mais nada, o ato de desespero de um indivíduo a quem a vida já não interessa”. Numa formulação definitiva que diferencia o suicídio da tentativa, Durkheim chama de...

*“(...) suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte”*.<sup>109</sup>

Enquanto Durkheim inclui na lista de suicidas aqueles que fazem um sacrifício de suas próprias vidas – caso do suicídio altruísta – para Halbwachs o suicídio seria...

*“(...) todo caso de morte que resulta de um ato realizado pela própria vítima, com a intenção de ou visando se matar, e que não é um sacrifício”*.<sup>110</sup>

A explicação freudiana começa fazendo a diferença entre tentativa de suicídio e suicídio para valer. Se a maioria dos suicídios acontece numa fase melancólica, ou, pelo menos, depressiva, as tentativas de suicídio acontecem entre personalidades histéricas.

---

<sup>109</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 15.

<sup>110</sup> HALBWACHS, Maurice. *Les causes du Suicide*, 33.

Com freqüência a tentativa é uma mensagem: “Olha quanto estou sofrendo!”, “Eu não posso viver sem ti!”, “Quero que te sintas culpado!”. A fantasia de suicídio, tão comum na adolescência, vai exatamente nesse sentido: “Se eu morresse, todos sentiriam a minha falta e, então, sofreriam e chorariam por mim”.

Já o suicídio para valer é, conforme Freud, o homicídio do objeto interiorizado. Todo este comentário em *Luto e Melancolia* é uma tentativa de explicá-lo. O objeto perdido é internalizado. A partir daí aparece a cisão no Eu: a consciência moral ataca aquela parte do Eu que internalizou o objeto perdido. O ápice desse ataque é precisamente a morte desse objeto internalizado. A violência de algumas formas de suicídio – pelo fogo, por exemplo, tão comum nos anos 1950 – ou a sua radicalidade – jogar-se do alto de um prédio ou de um precipício – atestam a intensidade dessa raiva contra o objeto interiorizado.

Para muitos pesquisadores, uma morte só pode ser considerada como voluntária quando o indivíduo a pratica de forma consciente, intencional, usando um meio que ele acredita seja eficaz e que vai colocar fim à sua vida. É o pensamento, por exemplo, dos médicos psiquiatras Humberto Corrêa e Sergio Barrero que definem o suicídio como sendo...

“(...) todo ato, executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a sua morte, através de um meio no qual o indivíduo acredita resultar no fim da sua vida”.<sup>111</sup>

Para eles, os pontos centrais que definiriam o suicídio seria a intenção de morrer, o uso de um método que o indivíduo acredita resultar em morte. Em outras palavras...

“(...) é a intenção que vai definir se um ato teve como objetivo procurar a morte ou um outro objetivo qualquer, independentemente das conseqüências advindas desse ato”.<sup>112</sup>

Para a psicóloga e socióloga Maria Luisa Dias as abordagens e enfoques de análise do suicídio são bem variados, com trabalhos nas áreas de Psiquiatria, Psicologia, Filosofia - além do que teriam que ser considerados os aspectos éticos, psicodinâmicos,

---

<sup>111</sup> CORRÊA/BARRERO. *Suicídio uma morte evitável*, p. 30.

<sup>112</sup> *Ibid*, p. 30.

epidemiológicos, preventivos, religiosos, tornando-se difícil, neste contexto todo, determinar o que se chama de “suicidabilidade”. Por conta disso, entenderia...

“(…) por suicídio a morte que alguém provoca a si próprio de forma consciente, deliberada e intencional”<sup>113</sup>.

Para o presente trabalho, arriscando-se numa definição e com base nas pesquisas realizadas, o suicídio seria a morte gerada por um ato de livre vontade que resulta na própria morte, não sendo visto como um fim, mas uma saída, uma solução para um problema.

Como se pode notar, definir o suicídio não é algo fácil, pelo contrário, é algo complexo que vem sendo tentado ao longo da História por filósofos, sociólogos, psicanalistas, psiquiatras. Esta tentativa que perdura até os dias atuais, tem gerado um debate tão grande quanto o assunto em si. Percebe-se que no centro das discussões está a questão da intencionalidade. Para alguns estudiosos do suicídio, a exemplo de Durkheim, há situações em que fica difícil determinar se o desejo de morrer era consciente ou não, já que muito íntimo, para outros, no entanto, o ponto central que define o suicídio é a intenção de morrer, mesmo que seja tarefa difícil mensurar ou comprovar esta intenção.

## **2.5 – OS MOTIVOS QUE LEVAM AO SUICÍDIO.**

À primeira vista, parece ser simples oferecer uma explicação para o suicídio. Vários são os motivos apontados, principalmente pela imprensa, para tentar explicar uma morte voluntária. Assim, de acordo com essa fonte, o suicídio seria uma consequência simples e lógica de doenças, problemas financeiros, frustração ou amor não correspondido, humilhação, desemprego. Mas, será tarefa fácil chegar ao real motivo pelo qual um indivíduo acaba com sua vida?

Por trás da autodestruição raramente existe um único motivo, mas várias causas que combinadas podem levar uma pessoa ao ato de matar-se. Por outro lado, tanto os

---

<sup>113</sup> DIAS, Maria Luiza. *Suicídio testemunhos de adeus*, pp. 15-16.

suicídios como as tentativas de suicídio têm sido constantemente associados às doenças psiquiátricas. De acordo com os médicos psiquiatras Sergio Corrêa e Humberto Barrero...

“Autópsias psicológicas de suicidas e entrevistas diagnósticas com pessoas que fizeram tentativas sérias de suicídio mostram que pelo menos 90% dessas pessoas teriam algum transtorno psiquiátrico”.<sup>114</sup>

As explicações para o suicídio, além de apresentadas continuamente, são aceitas prontamente e sem discussão, não se levando em conta que a experiência cotidiana, assim como a ciência, confirma que o óbvio não merece confiança. De acordo com Meninger, a análise popular do suicídio poderia ser reduzida à seguinte fórmula:

“O suicídio é uma fuga de uma situação de vida intolerável. Se a situação é externa, visível, o suicídio é corajoso; se a luta é interna, invisível, o suicídio é loucura”.<sup>115</sup>

Assim, por esta concepção, a autodestruição seria uma espécie de fuga da realidade, da doença, da desgraça, da pobreza ou de coisas semelhantes, tornando-se sedutora por conta da sua simplicidade e equiparando-se a outras fugas: embriaguez, drogas, retiros, férias, sono, etc. Porém, Meninger alerta para uma diferença essencial entre essas fugas, todas de natureza temporária, e o suicídio, de caráter não temporário. No caso da morte voluntária, a fuga representaria a troca de alguma coisa por nada. Por isso, a análise popular do suicídio estaria mais próxima da verdade se fosse esboçada de modo a dizer que “o suicídio é uma *tentativa* de fuga de uma situação de vida intolerável”, o que faria com que se desse uma maior atenção para a irracionalidade do ato e para o poder exercido pela fantasia em prováveis suicidas.

Por outro lado, nunca provêm inteiramente de fora as forças que conduzem à fuga, uma vez que o comportamento nunca é determinado apenas por forças externas, tendo que ser considerado os impulsos internos, invisíveis, que ao não se ajustarem à realidade exterior, cria situações dolorosas e intoleráveis para alguns. Em outras palavras, para atingir seus propósitos inconscientes, a pessoa encontra na realidade externa uma explicação para a auto-destruição.

---

<sup>114</sup> CORRÊA/BARRERO. *Suicídio uma morte evitável*, p. 25.

<sup>115</sup> MENINGER, Karl. *Eros e Tânatos – o homem contra si próprio*, p. 30.

Para Meninger, um problema a ser considerado por quem se interessa pelo estudo do suicídio é “a presunção popular de suas ligações causais simples”. Antes de mais nada é preciso eliminar a noção, ingênua, de que...

“(...) o suicídio é um ato simples e reconhecer que do ponto de vista psicológico é muito complexo, independentemente do que possa parecer”.<sup>116</sup>

Nas pesquisas realizadas nos jornais pernambucanos dos anos 1950, nota-se que a notícia vem sempre acompanhada por um “motivo”, o que pode levar à simplificação do ato. De acordo com a jornalista Paula Fontenelle, na entrevista com familiares e amigos tem que ser levado em conta que...

“(...) eles também estão em processo de entendimento do ocorrido, portanto, procuram o mesmo culpado individual (...) qualquer resposta pode confundir ainda mais a compreensão do ato”.<sup>117</sup>

Conclui-se que a análise dos motivos que levam um indivíduo a querer se matar torna-se difícil devido não somente à insegurança dos motivos conscientes e óbvios, mas, principalmente nos casos consumados, pelo fato dos indivíduos já terem falecido, tornando-se impossível obter a informação diretamente, mesmo que atualmente estudos possam ser realizados através de entrevistas com familiares e conhecidos dos indivíduos, incluindo as autópsias psicológicas. Porém, mesmo que estes estudos apontem detalhes sobre o acontecido, eles ficam limitados à lembrança dos entrevistados, muitas vezes falha e sem conhecimento dos dados desejados pelo pesquisador.

## **2.6 – COMO O SUICÍDIO PODE SER TRATADO E PREVENIDO.**

Conforme visto anteriormente, são inúmeros os motivos que podem levar uma pessoa ao suicídio, devido à causas externas (desemprego, maus-tratos, doenças) e à

---

<sup>116</sup> MENINGER, Karl. *Eros e Tânatos – o homem contra si próprio*, p. 32.

<sup>117</sup> Quando seu pai se matou com um tiro, esta jornalista partiu em busca de respostas para compreender o que o levava a este ato definitivo e cruel, daí surgindo o livro *Suicídio – Um futuro interrompido*.

causas internas (sentimentos, emoções, conflitos, insegurança). Porém, os especialistas alertam para os principais fatores que predisõem uma pessoa ao suicídio: tentativa anterior, transtornos mentais e uso abusivo de substâncias psicoativas. O conhecimento desses fatores é uma estratégia valiosa na prevenção do suicídio.

Os psiquiatras Sergio Corrêa e Humberto Barrero alertam para algumas considerações sobre os fatores de risco: em primeiro lugar, eles são individuais, ou seja, representam risco para alguns indivíduos e para outros não; em segundo lugar, são geracionais, isto é, podem representar risco na infância e não necessariamente na adolescência, ou na fase adulta e idosa; em terceiro lugar, dependem do gênero, pois os fatores de risco para a mulher podem ser diferentes nos homens; e, por último, esses fatores de risco podem ser importantes em determinadas culturas e em outras não, além do que dependem de uma patologia psiquiátrica e da biologia do indivíduo.

Mesmo prevalecendo no senso comum a idéia de que a pessoa que ameaça se suicidar não tenha coragem para completar o ato, dados revelam que esta afirmação não é verdadeira...

“Embora não existam estatísticas padronizadas oficiais sobre tentativas de suicídio como há para os óbitos, estudos comunitários revelam que nada menos que 1% a 5% das pessoas poderão tentar suicídio em algum momento da vida”.<sup>118</sup>

Assim, uma tentativa prévia talvez seja o mais importante fator de risco para um suicídio completo, uma vez que 30% a 60% dos suicídios são cometidos após uma série de tentativas.

O suicídio e as tentativas de suicídio são constantemente associados à doença psiquiátrica. Por isso, algum transtorno mental encontra-se presente na maioria dos casos, tornando-se importante um diagnóstico precoce na prevenção do suicídio.

Entre as patologias associadas ao comportamento suicida estão a depressão, o transtorno bipolar e a esquizofrenia.

*“A relação entre suicídio e depressão é estreita, a ponto do suicídio ser, ainda hoje, considerado por muitos um sintoma ou uma consequência exclusiva da depressão”.*<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> CORRÊA/BARRERO. *Suicídio – uma morte evitável*, p. 25.

<sup>119</sup> *Ibid*, p. 121.

Com relação ao transtorno bipolar, o suicídio estaria na terceira causa de morte nesse grupo de pacientes. Quanto à esquizofrenia, doença mental grave e devastadora, ela é a principal causa de morte nos pacientes portadores desse transtorno.<sup>120</sup>

Embora sendo os transtornos mentais o fator de risco mais grave, os especialistas alertam para o fato de que o suicídio para acontecer não precisa necessariamente estar associado a um problema de ordem psíquica. Estão na linha do perigo os indivíduos que sofrem perdas de parentes, que têm uma via familiar conturbada ou que agem por impulsividade.

Vários são os riscos associados ao uso das substâncias psicoativas. Segundo Fontenelle...

“A forma como cada um lida com a dor o leva a caminhos diversos, um deles é a tentativa de anestesiá-la, de fugir do sofrimento. Esse é um dos principais papéis das drogas, incluindo o álcool”.<sup>121</sup>

Nota-se que a droga psicoativa funcionaria como um analgésico, como um bloqueio para a dor.

O álcool, uma das drogas mais antigas utilizadas pelo ser humano, é comumente associado ao suicídio, tanto na questão do seu consumo crônico (dependência), quanto ao seu consumo agudo (várias pessoas fazem uso dessa substância nos momentos que antecedem o suicídio). Ademais, o seu consumo associado a outras drogas ou a doenças psiquiátricas, como a depressão, potencializa o risco de suicídio, embora nem todos concordem com este argumento.

Durkheim, por exemplo, através de dados estatísticos, conclui que tais dados não provam que o abuso das bebidas alcoólicas exerça uma forte influência sobre a taxa de suicídios.

“Assim, não existe um estado psicopático que mantenha com o suicídio uma relação regular e incontestável. Não é porque uma sociedade tem um número maior ou menor de alcoólicos que ela terá mais ou menos suicídios”.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> CORRÊA/BARRERO; *Suicídio – uma morte evitável*, p. 130.

<sup>121</sup> FONTENELLE, Paula. *Suicídio o futuro interrompido*, p. 77.

<sup>122</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 62.

No entanto, para Meninger, o alcoolismo é um suicídio crônico, referindo-se aos alcoolistas como pessoas depressivas que buscavam alívio temporário na bebida.

“A adição ao álcool pode, portanto, ser considerada como uma forma de autodestruição, usada para evitar uma autodestruição maior, derivada de elementos de agressividade excitados por frustração, erotismo não satisfeito e sentimento de uma necessidade de punição resultante de um sentimento de culpa relacionado com a agressividade. Sua outra qualidade é que em sentido prático a autodestruição é realizada *apesar do e ao mesmo tempo* por meio do mesmo recurso usado pela vítima para aliviar seu sofrimento e evitar a temida destruição”.<sup>123</sup>

Por ter se tornado uma questão de saúde pública, o suicídio começa a ganhar ações preventivas através do Ministério da Saúde. O alerta em relação aos fatores de risco estão entre as estratégias brasileiras para o tratamento e a prevenção dos suicídios e das tentativas.

“Muitos suicídios entre pacientes psiquiátricos podem ser evitados, visto que praticamente todas as vítimas de suicídio têm um transtorno psiquiátrico, tratável e a grande maioria das pessoas suicidas comunica suas intenções auto-destrutivas aos que a rodeiam, incluindo seus médicos. As pessoas alcoólicas, como sabemos, estão em risco aumentado para o suicídio. O paciente alcoolista pode ser abordado desde a sala de emergência de um hospital geral, unidades de desintoxicação de serviços de dependência química, ambulatório, através de procura espontânea ou geralmente encaminhado de outras unidades clínicas, familiares ou pessoas envolvidas solicitando orientações”.<sup>124</sup>

No campo da psicologia clínica, a preocupação é lidar com a tentativa de suicídio ocorrida e entendê-la para uma atuação na pós- crise, desenvolvendo um acompanhamento terapêutico neste período difícil.

Na área clínica, conforme Maria Luiza Dias, é importante também frisar a distinção criada por Stenguel entre suicídio e tentativa de suicídio...

“No primeiro caso, a morte se consuma, no segundo, ela fracassa e o indivíduo é salvo. O trabalho terapêutico, portanto, com o indivíduo – no caso da tentativa – e com a família do suicida – nas duas situações – terá uma abordagem específica”.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> MENINGER, Karl. *Eros e Tânatos – o homem contra si próprio*, p. 169.

<sup>124</sup> CORREA/BARRERO. *Suicídio uma morte evitável*, p. 140.

<sup>125</sup> DIAS, Maria Luiza. *Suicídio testemunhos de adeus*, p. 16.

Nos anos 1950, a única forma de tratamento ou prevenção observado nas pesquisas realizadas era o encaminhamento da vítima ao hospital dos alienados. Como o suicídio estava sempre fortemente associado à loucura, no próprio atendimento do hospital da Fernandes Vieira (Pronto Socorro), a equipe que atendia as vítimas já diagnosticava a “loucura” e já as encaminhava ao hospital psiquiátrico. Conforme visto nos casos de suicídio entre escravos, a “alienação mental” era muitas vezes usada não só pela imprensa – praticamente quase todos os casos noticiados eram transformados em “tresloucados gestos” – como pela própria família da vítima que no intuito de encontrar uma causa para o suicídio, optava por aquela que permitiria escapar de sanções morais e religiosas, visando um funeral cristão e também uma desculpa perante a sociedade.

Abaixo, alguns exemplos coletados nos jornais pesquisados que evidenciam a prática de associar o suicídio à loucura.

“M. J., doméstica, 45 anos, casada, após perder a razão, abriu a porta de casa e atirou-se na frente de um ônibus. Após ser medicada, foi internada no Hospital de Alienados”.<sup>126</sup>

“P., 46 anos, casado, atirou-se na frente do ônibus. Segundo parentes, vinha sofrendo há dias de alienação mental”.<sup>127</sup>

“V., 23 anos, casada, por conta de problemas com o marido, tentou matar-se ingerindo tóxico. Foi encaminhada ao Hospital de Alienados, pois o marido declarou que a moça era maluca e não o deixava em paz”.<sup>128</sup>

Embora atualmente já exista uma certa preocupação com relação ao suicídio e às tentativas de suicídio – situação bem diferente daquela vivida por aqueles que tentaram ou conseguiram matar-se nos anos 1950 – ainda é muito difícil o acesso ao tratamento dos fatores de risco aqui apresentados. O alto custo dos medicamentos, a terapia de longa duração, o tabu, a falta de médicos especializados nos sistemas públicos de saúde, são empecilhos encontrados por quem procura ajuda, fazendo com que o Brasil ainda esteja engatinhando quando o assunto é prevenção do suicídio.

---

<sup>126</sup> Diário de Pernambuco. 29.09.54.

<sup>127</sup> Diário de Pernambuco. 30.05.58.

<sup>128</sup> Diário de Pernambuco. 12.09.53.

### CAPÍTULO III

#### A MORTE VOLUNTÁRIA NO RECIFE DOS ANOS 1950

“Pecou contra a existência  
Num humilde barracão  
Joana de tal, por causa de um tal João

Depois de medicada,  
Retirou-se pro seu lar.  
Aí a noticia carece de exatidão,  
O lar não mais existe  
Ninguém volta ao que acabou  
Joana é mais uma mulata triste que errou.

Errou na dose  
Errou no amor  
Joana errou de João  
Ninguém notou  
Ninguém morou na dor que era o seu mal  
A dor da gente não sai no jornal”.<sup>129</sup>

Assim como no restante do país, a morte voluntária continua sendo tratada como tabu no Recife, o que não se diferencia muito do tratamento dado a ela nos anos 1950. Embora a imprensa pernambucana desse muito destaque aos casos acontecidos, não são encontrados crônicas ou artigos comentando o assunto. Nem mesmo a Igreja Católica, que possuía colunas nos principais jornais da época, onde tratava dos mais variados assuntos (a exemplo do comportamento da mulher, da família, aconselhamento político, cotação moral dos filmes que estavam sendo apresentados nos cinemas da cidade, etc.), não aborda o tema, calando-se frente ao assunto, o mesmo acontecendo nas colunas sobre medicina e saúde, tão preocupadas e zelosas com a saúde dos pernambucanos também nada comentam sobre os inúmeros casos de suicídios praticados na cidade.

---

<sup>129</sup> *Notícia de Jornal*. Composição de Chico Buarque de Holanda.

**3.1 – A CIDADE SE APRESENTA: BELA E SUDUTORA OU CRUEL E DESUMANA?**



**Figura 7 - Praça Rio Branco, bairro do Recife. Acervo Museu da Cidade do Recife.**



**Figura 8 – Alagado e Mocambo do Recife. Acervo Museu da Cidade do Recife**

Embora bastante atrativo nos anos 1950, o Recife apresentava também uma dura realidade para boa parte da sua população; o descompasso entre sonho e realidade dividia a sua paisagem. Sem estrutura para acolher devidamente seus habitantes, a capital pernambucana assistia a chegada de muita gente do campo e de outras cidades da região, esperando usufruir de alguma prosperidade. De um lado, a cidade se apresentava sedutora: indústria em crescimento, um bom comércio, cafés e restaurantes, teatros e cinemas luxuosos, grandes palacetes e mansões, lugares aprazíveis como o Derby e a praia de Boa Viagem. Do outro, uma dura realidade se fazia presente, pois a economia não absorvia toda a mão-de-obra disponível, o que fazia crescer o contingente de excluídos empurrados para os subúrbios, morros ou alagados. Diferenciada e segregada, assim se apresentava a cidade do Recife na década de 1950: havia lugares onde se localizavam as empresas comerciais, bancárias e industriais, lugares para habitações das classes médias altas, e lugares de favelas e mocambos, conforme Pontual.<sup>130</sup> Era a cidade dos contrastes.

Foi nos anos 1950 que o Recife teve o seu esboço traçado e assumiu a forma da cidade na atualidade:

“A identificação e a explicitação das modificações da ocupação do território, ao longo da década de 1950, têm por suposição o fato de ter sido nesta década a definição da forma urbana do Recife na atualidade”.<sup>131</sup>

Nos bairros centrais (São José, Santo Antonio e Boa Vista) modificações aconteceram não só na arquitetura, como também na sua ocupação. O bairro de Santo Antonio, depois das obras de alargamento, na década anterior, da Avenida 10 de Novembro (atual Guararapes), assiste à concentração das edificações verticalizadas e dos estabelecimentos do comércio varejista e de luxo. É neste bairro, também, onde se encontram construções ligadas ao Estado (Palácio do Governo e da Justiça), à Igreja (Capela Dourada, Igrejas de Santo Antonio e Conceição dos Militares) e à vida cultural (Teatro Santa Isabel). O bairro de São José, apesar de continuar com uma ocupação diversificada, onde convivem residências, comércio e indústrias, vai vendo estas últimas se transferindo para outras partes da cidade, atendendo ao novo regulamento para funcionamento das indústrias. Alguns prédios na Praça da Independência são derrubados para abertura da primeira etapa da Avenida Dantas Barreto. O bairro da Boa Vista, onde se

---

<sup>130</sup> PONTUAL, Virgínia; *Uma cidade e dois prefeitos*. Recife: Ed. Da UFPE, 2001, p. 54.

<sup>131</sup> *Ibid*, p. 25.

localizavam as melhores residências, passa a dividir o seu espaço com as atividades de negócios da cidade. É também nesta década que começam os trabalhos de alargamento da Avenida Conde da Boa Vista.

O bairro do Recife, que já sofrera alterações na reforma de 1910-1913, era ocupado por parte do comércio de grosso e varejo, empresas de navegação e cabotagem, exportação e importação, repartições federais, estabelecimentos bancários, escritórios mercantis, consulados, residências, além do Porto. Sua principal característica, na década de 1950, ficava por conta da enorme quantidade de bares, boates e pensões que abrigavam os boêmios da cidade e as mulheres de “vida fácil” ou prostitutas bonitas para a gente namorar, como diz Manuel Bandeira no seu poema *Pasárgada*. Eram as famosas “raparigas”, algumas até falando inglês (de beira de cais) devido ao convívio constante com marinheiros estrangeiros.

Aos demais bairros da cidade restavam só a função residencial, com poucos contando com algum centro comercial. A exceção ficava por conta dos centros comerciais localizados no Largo da Encruzilhada, em Casa Amarela (em torno do mercado público) e no Largo da Paz, em Afogados. Se no centro o Recife era metrópole, terceira cidade brasileira já em 1950, nos subúrbios a atmosfera era provinciana, com ruas calmas e tranquilas, porém sofrendo sérios problemas de infra-estrutura; entre outros, precariedade no abastecimento d’água, dificuldade de acesso aos bairros centrais, ausência de galerias, canais e pontes, coleta de lixo deficiente e mais uma série de problemas que afetavam o cotidiano suburbano no que dizia respeito à alimentação, educação, cultura e habitação. A “Veneza brasileira” dos poetas, era também a *veneza severina* para grande parte da população.

Por outro lado, os anos 1950 em Pernambuco foram marcados por mudanças políticas e uma grande efervescência cultural. Logo no início da década, no ano de 1952, nas eleições para governador, o Partido Socialista Brasileiro (PSB), lança a candidatura do jornalista Osório Borba que alcança expressiva votação na capital e em Olinda, fortalecendo o prestígio da esquerda, apesar da vitória do candidato do Partido Social Democrata (PSD), Agamenon Magalhães. Era o início da Frente do Recife, movimento que reuniu comunistas, socialistas, trabalhistas e outras tendências de esquerda, e que

levou o engenheiro Pelópidas Silveira à Prefeitura do Recife, pelo voto direto, nas eleições de 1955.

Essa frente que “surge como uma aliança político partidária em torno de idéias nacionalistas e democráticas”<sup>132</sup>, propunha um modelo de desenvolvimento nacional que considerasse uma melhor distribuição de renda, a reforma agrária, a democratização da educação, a independência do país frente aos Estados Unidos, entre outros grandes assuntos nacionais. Segundo o sociólogo José Arlindo Soares...

“A Frente do Recife colocou, pela primeira vez na História do Brasil, uma proposta de aliança entre setores das classes operária e média – e até da burguesia urbana – em defesa das reformas de base”.<sup>133</sup>

Embora gerada dentro do clima do nacional-desenvolvimentismo que repercutia por todo o país e, por isso, sofrendo suas influências, para a professora Virgínia Pontual...

“As articulações e os arranjos políticos em Pernambuco e, em particular, no Recife, apresentaram certa autonomia relativa”.<sup>134</sup>

A administração municipal de Pelópidas – popular, democrática e participativa - foi decisiva para a grande vitória da Frente nas eleições de 1958, quando o usineiro Cid Sampaio foi eleito governador tendo como vice o próprio Pelópidas Silveira. A experiência eleitoral de 1955 resultou numa grande coalizão política onde UDN, PCB, PSB e PTB, juntamente com industriais, sindicalistas, comunistas e socialistas, reuniram-se num grande acordo desenvolvimentista para o Estado. Sem nunca ter ocupado um cargo político, Cid Sampaio fora indicado para concorrer às eleições após ter participado ativamente de um movimento contra o Código Tributário estabelecido pelo governo de Cordeiro de Farias (1954/1958).

Com a derrota do candidato Jarbas Maranhão nas eleições de 1958, a máquina pessedista ficou destruída e, após mais de 20 anos no poder, a elite estadonovista perdia o controle político do Estado. Embora tendo que administrar a crise do regime em Pernambuco e as tendências oposicionistas do Recife, o PSD conseguira eleger Agamenon

---

<sup>132</sup> PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos*, p. 126.

<sup>133</sup> SOARES, Arlindo. In *Jornal do Commercio-Um século que valeu por vinte*. Recife:2000, p. 8

<sup>134</sup> PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos*, p. 126.

Magalhães para governador, em 1951, que voltava ao comando do governo através do voto direto. A popularidade de Agamenon fora conseguida por conta das medidas reformadoras/ renovadoras postas em prática durante o Estado Novo, quando esteve à frente do Estado como Interventor. O discurso da volta, que prometia a recuperação social e econômica de Pernambuco, não pode ser cumprido por conta de sua morte prematura. Em 1954, o PSD ganha mais uma eleição; o marechal Cordeiro de Farias é eleito governador. Com a vitória da Frente em 1958, o Estado assiste a derrota da potente máquina partidária do PSD, idealizada por Agamenon e legada a Etelvino Lins. “Era a vitória do povo contra a opressão”.<sup>135</sup>

Esta grande vitória da oposição pode ser creditada à insatisfação do povo que via Pernambuco e o Nordeste à margem do resto do país. O plano de industrialização do presidente Juscelino Kubitschek não contemplava a região nordestina, somente os Estados do sul e sudeste. Por outro lado, uma grande disputa ideológica marcou a década de 1950: de um lado, a visão conservadora, agrarista e ruralista do PSD e, do outro, o pensamento nacional desenvolvimentista defendido por uma frente política-partidária que reunia industriais, classe média, militares nacionalistas, comunistas, socialistas, católicos progressistas, trabalhadores, camponeses e estudantes. Como se vê, o nacional desenvolvimentismo se assentava num pacto político de classes diferentes que pendeu para a esquerda, o que levou a um afastamento do PSD pernambucano dessa agenda desenvolvimentista.

O mandato de Cid Sampaio destacou-se pela implantação de algumas indústrias no Estado, caso da COPERBO, vista na ocasião como a obra redentora da economia pernambucana e, por isso, colocada como marco desenvolvimentista da sua administração. Enquanto isso, na administração de Pelópidas Silveira frente à Prefeitura, a cidade assiste ao embelezamento, à valorização do espaço público e à promoção da modernização.

“A implantação de parques, praças e jardins, da arborização e da iluminação pública teve o mesmo objetivo que a de galerias e canis, pontes e pontilhões. Esse conjunto de atos dispendendo as coisas públicas, embelezando e valorizando o espaço público, atendeu as concepções dos urbanistas e efetivou os compromissos de Pelópidas Silveira. Essa convergência das idéias dos urbanistas para os atos do governo promoveu a modernização da cidade e atualizou táticas governamentais fundadas na confiança popular e no desenvolvimento regional”.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> MORAIS, Clodomir; *Queda de uma oligarquia*. Recife: Graf. Ed. Do Recife S/A, 1959, p. 63.

<sup>136</sup> PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos*, pp. 193/194.

Se, até então, o Recife fora considerado centro comercial e financeiro da região, a partir dos anos 1950 a cidade assiste também à consolidação da representação de Metrópole Regional.

“Há mais de três séculos que o Recife suporta as conseqüências de ser a metrópole regional do Nordeste. Desde que os holandeses incendiaram Olinda, em novembro de 1631, o Recife passou a ser de “fato” a capital de Pernambuco (...). Mas, àquele tempo, o antigo ancoradouro de Olinda já garantira para a povoação quinhentista, que surgira à sua margem, o papel de metrópole de toda uma região brasileira, que o Recife nunca mais perdeu”.<sup>137</sup>

No fim dos anos 1950, o Recife recebeu um grande impulso com a instalação da SUDENE (1959)<sup>138</sup> cujo edifício-sede, construído na avenida Dantas Barreto, foi inaugurado em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek. Dois anos antes, em 1958, era entregue ao público o Aeroporto Internacional dos Guararapes que substituía o antigo campo de pouso do Ibura, de precárias condições e muito distante da cidade. A população recifense que era de 512.370 habitantes em 1950, passou para 797.234, dez anos depois.<sup>139</sup>

No cenário acima descrito, onde por um lado se apresentava uma cidade tentando algum progresso no processo de desenvolvimento, mas não conseguindo sair totalmente do atraso e da miséria, assistindo a um fluxo migratório que atraído pelo seu atrativo e empurrado pela seca, resulta no “inchaço” do seu território, onde as oportunidades não são para todos e a desigualdade social só faz aumentar, é neste cenário que as pesquisas sobre os casos de suicídio foram realizadas e o trabalho será focalizado.

---

<sup>137</sup> ROCHA, Tadeu. In Diário de Pernambuco. Recife: 20.04.58.

<sup>138</sup> Considerada como um dos resultados do Congresso de Salvação do Nordeste, realizado entre 20 e 27 de agosto de 1955 e que teve por objetivo estudar, debater e indicar soluções para os problemas dos Estados nordestinos.

<sup>139</sup> “Nosso Século”, Abril Cultural, 1980.

### 3.2 – DEU NO JORNAL: O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA



**Figura 9 - “Mais outro suicídio foi registrado ontem, no Recife” – “Foi abandonada pelo amante e suicidou-se”. Diário de Pernambuco, 22/11/58.**

A forma como a imprensa em geral trata a questão do suicídio vem sofrendo alterações ao longo dos tempos. Desde fins do Século XVII a imprensa atinge um público cada vez maior, contribuindo para secularizar a visão do suicídio, mostrando-o sob uma perspectiva exclusivamente humana.

“Todos os relatos, na sua maioria neutrais, criam o hábito de encarar o suicídio apenas como resultado de circunstâncias sociais ou psicológicas e pouco a pouco é desculpabilizado na opinião pública. O suicídio é assim progressivamente integrado na categoria das vulgares calamidades sociais de que os autores são mais vítimas do que culpados”.<sup>140</sup>

<sup>140</sup> MINOIS, G. *História do suicídio*, p. 230.

Um exemplo da banalização da idéia de morte voluntária aparece, em 1789, no jornal londrino *Times* que declara ser o suicídio “agora um assunto geral de conversa em todas as classes sociais”. No mesmo jornal, anúncios de debates sobre o tema se tornam frequentes e convidam as pessoas para deles participarem. Os jornais divulgam com detalhes suicídios que acontecem por males de amor, problemas conjugais, dramas familiares, lutos, violação, vergonha e remorso. A proliferação de jornais diários, semanais e de revistas mensais, e o aumento de pessoas alfabetizadas, acabaram criando um novo modo de comunicação, ajudando a formar uma consciência política.

Mas, se o nascente mercado de jornais ajudou a consolidar a passagem do tema da esfera religiosa para a esfera leiga, a competição entre os jornais levou-os a se aventurar no campo ficcional na hora de informar os casos de suicídio. Essa cultura sensacionalista chega até ao Brasil dos anos 1950, onde jornais brasileiros, tentando “furar” a concorrência, apuram os casos diretamente na Delegacia de polícia e, muitas vezes, no próprio local do ocorrido, antes mesmo da chegada das autoridades policiais competentes. Parentes das vítimas eram entrevistados, fotos e cartas de despedida, publicados. Muitos casos de suicídio eram acompanhados pelo jornal como uma pequena novela.

“Os vizinhos eram ouvidos. Fofocas abundavam no quarteirão, o que permitia ao repórter abanar-se com um vasto leque de suposições. Como se não bastasse, era estimulado, quase intimado, pela chefia a mentir descaradamente. De volta à redação, o repórter despejava o material na mesa do redator e este esfregava as mãos antes de exercer sobre ele os seus pendoros de ficcionista”.<sup>141</sup>

Com as redações dos jornais colocando em prática essa cultura ficcionista e sensacionalista, todos os casos de suicídio eram fartamente noticiados, não importando se se tratava do suicídio do presidente Getúlio Vargas – de grande relevância pública para o país por conta das consequências do seu gesto para a sociedade – ou da morte do estudante recifense que se atirou de um prédio, no centro da cidade, no dia 10 de setembro de 1954, cuja morte os jornais deram grande destaque, com fotos e bilhetes publicados.

---

<sup>141</sup> CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.



Figura 10 - “Adeus ao mundo envolta em chamas”. Jornal Pequeno, 20/11/52.

Embora não exista qualquer imposição oficial de silêncio sobre o tema, as redações dos jornais foram, aos poucos, por uma questão de ética, deixando de noticiar os casos de suicídio, só o fazendo quando eles preenchem os pré-requisitos de relevância jornalística. Tal medida deve-se, principalmente, ao temor de que a publicação sirva de inspiração para outros casos. Desde 1829, os *Annales d’hygiène* escrevem:

“Os jornais deveriam abster-se de noticiar um suicídio qualquer que ele seja. Temos muitas razões para acreditar que semelhante publicidade tem por mais de uma vez levado muitos indivíduos, já perturbados, a abreviar o termo da sua vida”.<sup>142</sup>

A importância da imprensa na questão se deve, principalmente, por ser ela quem dá a notícia à sociedade. Em *Morreu na contramão*, o jornalista e escritor brasileiro Arthur

<sup>142</sup> MINOIS, G. *História do suicídio*, p. 391.

Dapieve<sup>143</sup>, trata deste assunto tabu por excelência: a morte voluntária. Pelos olhos da imprensa, o seu livro mostra, entre outras coisas, a dificuldade que a sociedade tem de lidar com o termo, representada pela forma como a imprensa em geral trata a questão. Por outro lado, para Dapieve...

“No caso da morte voluntária, o noticiário habilitou a vasta audiência a formar seu próprio juízo”.

Mas em que medida uma notícia de jornal pode afetar as taxas de suicídio? Para alguns especialistas a imprensa deve se abster de publicar notícias sobre suicídio para evitar que ela sirva de inspiração para outras pessoas. O temor de que a notícia seja perigosa e, portanto, “contagiosa”, fez com que a partir dos anos 1960 as redações dos jornais brasileiros passassem a trabalhar com o tema suicídio como uma “questão de ética”, ou seja, através das normas de seus manuais de redação os jornais foram alertados para evitar noticiar casos de suicídio, na tentativa de evitar que ele sirva de inspiração para alguém.

Diferentemente dos anos 1950, quando a imprensa brasileira não se intimidava diante da morte voluntária, atualmente ela só vira notícia quando:

- O suicida é uma figura pública;
- O suicídio foi precedido por um homicídio;
- Decorrente de atos terroristas. Neste caso, evita-se a palavra suicídio relacionada aos homens-bomba, por exemplo, que morrem juntamente com as vítimas do atentado.
- O suicídio causa algum problema coletivo.

A teoria defendida por diversos especialistas de que a veiculação do suicídio pode desencadear um processo de imitação do ato é também encampada pela Organização Mundial de Saúde por considerar que cuidados por parte da imprensa ao noticiar suicídios são um dos seis pilares na sua prevenção.

---

<sup>143</sup> DAPIEVE, Arthur; *Morreu na contramão – o suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

“A maioria das pessoas que cogitam se suicidar são ambivalentes. Eles não têm certeza de que querem morrer. Um dos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável ao suicídio é a publicação de suicídios na mídia. A forma como a imprensa reporta casos de suicídio pode influenciar outros suicídios”.<sup>144</sup>

Notícias sensacionalistas sobre o suicídio de uma personalidade, acreditam os especialistas, podem provocar ou precipitar o suicídio de pessoas vulneráveis, principalmente de jovens e adolescentes. O caso mais citado para exemplificar tal afirmação é o da morte da atriz Marilyn Monroe, em 05 de agosto de 1962, considerado por muitos como um suicídio “contagioso”. A notícia de sua morte se espalhou rapidamente pelo mundo. Pesquisas indicam que no mês seguinte à sua morte, houve um aumento de 12% na mortalidade por suicídio nos Estados Unidos. Algumas dessas vítimas foram encontradas com cartas que mencionavam a atriz.

Por causa disso, acreditam alguns, a imprensa e os profissionais de comunicação têm importância fundamental sobre o problema do suicídio, exigindo desses profissionais cuidados especiais na forma de abordar o tema.

Se no Brasil, a partir dos anos 1960, a notícia sobre o assunto começa a sofrer algumas mudanças, nos anos 1950 a ordem era para que a notícia fosse dada com bastante destaque, chegando mesmo a ocupar as primeiras páginas dos jornais. A imprensa mergulhava nos detalhes do ato em si, descrevendo-o com minúcias e ilustrando-o, muitas vezes, com fotos. Manchetes do tipo: “Tentou o suicídio de maneira impressionante”, “Suicidou-se o menor de 17 anos com um tiro de fuzil no ouvido”, “Com um tiro no coração, C. destruiu uma vida marcada por uma sequência de tragédias”, eram normais e corriqueiras, não se importando com o fator “imitação” ou “contágio”, talvez influenciados pela teoria de Durkheim que não via na imitação uma forma de afetar a taxa social dos suicídios.

“(…) se é correto que o suicídio seja contagioso de indivíduo para indivíduo, nunca se vê a imitação propagá-lo de maneira a afetar a taxa social dos suicídios. Pode originar casos individuais mais ou menos numerosos, mas não contribui para determinar a desigualdade da propensão para o suicídio que se manifesta nas diferentes sociedades e no interior de cada sociedade. Suas conseqüências são sempre muito limitadas, e, além disso, intermitentes. Se atingem certo grau de intensidade, é apenas por um período muito curto”.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> Organização Mundial de Saúde: [http://www.who.int/health\\_topics/suicide/en/](http://www.who.int/health_topics/suicide/en/). Acesso em 05.12.2008.

<sup>145</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 133.

Desse modo, para Durkheim, salvo raras exceções, a imitação não é um fator que origine o suicídio. Por causa disso, ele era contrário à proibição da reprodução das notícias sobre o suicídio nos jornais.

“Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio (...) não é o fato de se falar deles, mas a maneira como se fala”.<sup>146</sup>

O suicídio é algo que assusta, o que fica provado na dificuldade que as pessoas têm de lidar com o tema. Para o jornalista Arthur Dapieve, esta dificuldade estaria bem representada na forma como também a imprensa lida com o tema, utilizando o problema do “contágio” para justificar a pouca atenção dada a um assunto tão complexo. Este procedimento seria o reflexo do mal-estar de toda a sociedade perante a morte voluntária, daí concluindo que a imprensa é determinada pela visão que os leitores têm desta morte. O contágio, neste caso, seria suplantado pelo “tabu”.

“O discurso da imprensa *em torno* do suicídio (mais do que *sobre* o suicídio) não se inventou como o ponto focal da idéia de transmissão do suicídio na sociedade; a própria imprensa foi contagiada pela idéia de contágio, que lhe é externa e anterior. A rigor, por sua própria função, ou seja, fazer circular fatos e conceitos pelos seus concidadãos, ela em tese poderia ser responsabilizada por virtualmente todas as idéias que pegam ou não pegam na sociedade. Tanto a que o suicídio pode ser transmitido como uma doença – e, portanto, deve ser tratado com os cuidados devidos a uma doença altamente contagiosa – quanto a contrapartida de que o homem deve preservar sua saúde e seu meio ambiente. Neste caso da morte voluntária, isolar o comportamento reticente da imprensa sob a lupa, no laboratório, implicaria ignorar toda a história da humanidade e as práticas e rituais que os homens adotara, com o passar dos milênios, para lidar com os que se decidiram por não mais ser”.<sup>147</sup>

Parafraseando Durkheim, acredita-se que é na maneira como se fala do suicídio que está o problema. Se nos anos 1950 as notícias chocam por conta da excessiva exposição dos casos, com manchetes apelativas e textos romanceados beirando à ficção, com o intuito de atrair a atenção dos leitores, atualmente um silêncio incômodo e uma mal dissimulada indiferença rodeiam o tema. A forma como a morte voluntária vem sendo tratada pela imprensa é objeto de discussão em várias partes do mundo. Os veículos de comunicação optaram por não divulgar o ato: alguns por levarem em consideração a questão do “contágio”, outros, acreditando no sensacionalismo, tiraram o tema de sua rotina diária. Para justificar tal comportamento, Dapieve explica que...

<sup>146</sup> DURKHEIM, Émile, *O suicídio*, p. 137.

<sup>147</sup> DAPIEVE, Arthur. *Morreu na contramão – o suicídio como notícia* – p. 160.

“Pelo fato de um suicídio ser considerado, em princípio, um ato íntimo, pessoal e desesperado, ele é igualado a outras notícias que o jornal opta por não publicar em respeito à privacidade”.<sup>148</sup>

O presente trabalho observou que a linha editorial dos três jornais pesquisados – Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Jornal Pequeno – não se diferenciava muito, pois os três praticamente davam a notícia de maneira chamativa, isto é, procuravam títulos bombásticos que atraíssem a atenção dos leitores, além de relatar alguns casos minuciosamente. Acredita-se que a intenção não era a de chocar a opinião pública, mas sim informar os casos com detalhes apelativos, como faziam os demais jornais brasileiros da época. A única observação a ser feita refere-se ao Jornal Pequeno que muitas vezes utilizava a primeira página do jornal para dar a notícia, diferentemente do Jornal do Commercio e do Diário de Pernambuco, mais comedidos, onde somente os suicídios e as tentativas de alguma figura pública mereciam tal destaque, a exemplo do presidente Getúlio Vargas (suicídio em 24 de agosto de 1954), da cantora Maysa (tentativa de suicídio noticiada em 4 de junho de 1958) e da viúva do ex-presidente Epitácio Pessoa (suicídio ocorrido em 3 de novembro de 1956).

### **3.3 – A PESQUISA REVELA A FACE DO SUICÍDIO**

Jean Baechler, importante autor da suicidologia do Século XX, divide as formas de se estudar o suicídio em três: filosófica, análise de casos e estatística. O presente trabalho, por conta de suas próprias limitações, não se aprofundará nas duas primeiras formas, limitando-se a tentar estudar os casos coletados nas pesquisas efetuadas nos jornais - Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno e Jornal do Commercio - através de uma análise estatística descritiva<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> DAPIEVE, Arthur. *Morreu na contramão*, p. 96.

<sup>149</sup> Estatística Descritiva é o uso de medidas-sínteses que descrevem características de um conjunto de dados, conforme Toledo, Geraldo e Ovalle, Ivo. *Estatística Básica*. São Paulo: Editora Atlas, 1995. p.15

Optou-se pela realização desta análise à luz da estrutura da notícia: Quem se suicida? Como? Onde? Quando? E por quê?

## QUEM?

Confirmando estatística mundial, desde Durkheim, existe um percentual de suicídios maior entre os homens do que entre as mulheres. Várias hipóteses foram levantadas para tentar explicar essa diferença entre os sexos. Durkheim acreditava que...

“(...) a aptidão das mulheres para a morte voluntária está longe de ser superior ou equivalente à do homem, do que se infere que o suicídio é uma manifestação essencialmente masculina”<sup>150</sup>.

Embora possa ser considerada uma idéia preconcebida do tempo em que viveu (Século XIX) e, portanto, não podendo ser provada, teorias mais recentes tentam explicar esta tendência masculina maior para o suicídio através do método empregado, muito mais letal nos homens do que nas mulheres, como será visto mais adiante.

**Tabela 1- Tabela do sexo dos suicidas e dos que tentaram suicídio**

<b>Sexo</b>	<b>Frequência % (suicidas)</b>	<b>Frequência % (tentaram suicídio)</b>
Masculino	175 55.6	209 51.9
Feminino	140 44.4	194 48.1
Total	315 100.0	403 100.0

Conforme a tabela 1 (sexo dos suicidas e dos que tentaram suicídio), esta tendência é também notada na cidade do Recife, na década de 1950. De um total de 315 casos, 175 (cerca de 55%) foram praticados pelo sexo masculino, contra 140 (ou 44%) do lado feminino. Por outro lado, esta diferença cai quando das tentativas de suicídio. De um total de 403 casos, 209 (cerca de 51%) foram praticados por homens, enquanto as mulheres respondem por 194 (ou 48%) dos casos.

<sup>150</sup> DURKHEIM, E. *O suicídio*, p. 47.

**Tabela 2- Idade dos suicidas**

<b>Total de casos</b>	<b>Média</b>	<b>Moda</b>	<b>Freqüência da Moda</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
227	31.6	19	18	13	95

A tabela 2 (idade dos suicidas) apresenta 227 casos em que foram apuradas as idades dos suicidas, pois nem sempre este dado era fornecido no jornal. Deste total, depreende-se que a idade média destes suicidas é de 31 anos. Por outro lado, a mesma tabela mostra que 19 anos é a idade com maior incidência, ou seja, num total de 227 casos, 18 pessoas tinham 19 anos. Finalmente, a menor idade dos que cometeram suicídio foi 13 anos e a maior, 95 anos; coincidentemente, ambos os casos foram praticados pelo sexo feminino.

“S, 31 anos, casado, trabalhador rural, tocou fogo às vestes. Sem motivo”.<sup>151</sup>

“I, 19 anos, solteiro, bancário, suicidou-se com um tiro, à noite, em sua residência. Motivo: questões de ordem financeira. Deixou uma declaração por escrito não publicada”.<sup>152</sup>

“C, 13 anos, solteira, estudante, tocou fogo às vestes “para não ser seduzida pelo padrasto”. Deixou carta contando sua história”.<sup>153</sup>

“C, 95 anos, viúva, doméstica, tocou fogo às vestes. Sem motivo”.<sup>154</sup>

**Tabela 3- Idade dos que tentaram suicídio**

<b>Total de casos</b>	<b>Média</b>	<b>Moda</b>	<b>Freqüência da Moda</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
291	27	19	31	13	80

A tabela 3 (idade dos que tentaram suicídio) apresenta 291 casos em que foram apuradas as idades dos que tentaram suicídio. Deste total, depreende-se que a idade média dos que tentaram é de 27 anos. Por outro lado, a mesma tabela mostra que se repete a idade de 19 anos para a maior freqüência dos que tentaram o suicídio, ou seja, dos 291 casos, 31 pessoas tinham 19 anos. Finalmente, a menor idade dos que cometeram suicídio

<sup>151</sup> Diário de Pernambuco. 15.10.59.

<sup>152</sup> Ibid,

<sup>153</sup> Ibid, 23/09/59.

<sup>154</sup> Ibid 16.09.58.

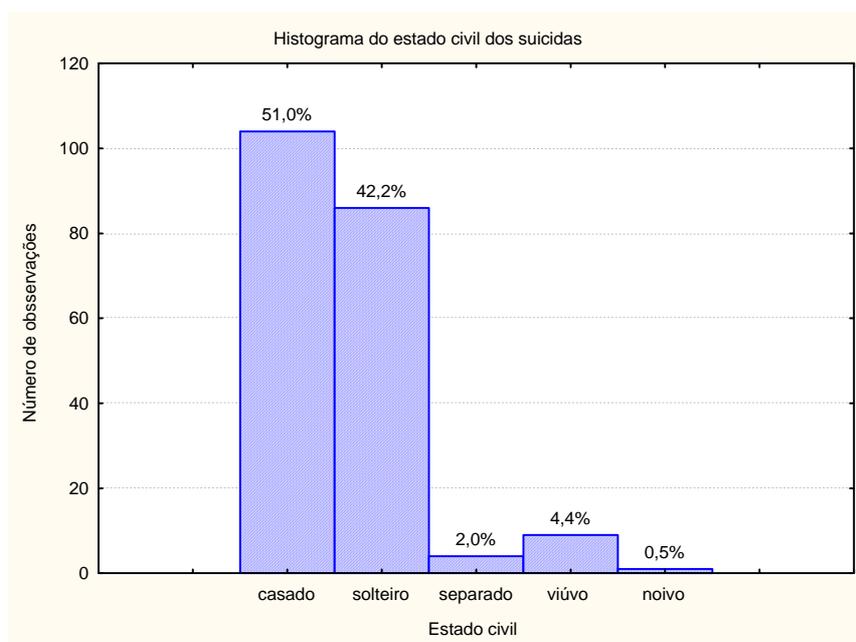
foi 13 anos – igualando-se ao resultado dos que se suicidaram (conforme tabela 3) e a maior, 80 anos.

“L, 27 anos, solteiro, comerciário, tentou o suicídio tomando tóxico. Motivo: desemprego”<sup>155</sup>

“M, 19 anos, solteira, doméstica, tentou matar-se tocando fogo às vestes. Motivo: ciúmes do amante”<sup>156</sup>

“M, 13 anos, casada, doméstica, tentou o suicídio ingerindo uma porção de tóxico. Motivo: maus-tratos do marido”<sup>157</sup>

“J, 80 anos, tentou o suicídio com arma branca. Motivo: apresentava, há tempos, sintomas de alienação mental”<sup>158</sup>



**Figura 11 - Histograma do estado civil dos suicidas**

<sup>155</sup> Diário de Pernambuco, 24/10/54.

<sup>156</sup> Ibid, 06/11/58.

<sup>157</sup> Ibid, 03/09/54.

<sup>158</sup> Ibid, 26/04/58.

A figura 11 (histograma do estado civil dos suicidas) mostra que está entre os casados o maior número de casos (51%), enquanto que os solteiros respondem por apenas 42% dos casos. O restante dos casos (7%) ficou dividido entre separados, viúvos e noivos.

A pesquisa, indo de encontro ao pensamento de Durkheim de que o casamento funcionaria como um suporte social, proporcionando estabilidade emocional, mostrou que o número de pessoas casadas que se suicidaram foi maior do que o de solteiros. Ou seja, neste caso, a imunidade de que desfrutavam as pessoas casadas que teriam menos chances de cometer o suicídio, não pode ser levada em consideração. Porém, não deve ser esquecido o fato de que na época de Durkheim, como ele mesmo fala no seu livro, o casamento realizava uma espécie de “seleção matrimonial”, isto é, uma triagem mecânica na população, onde saúde, fortuna e moralidade eram indispensáveis para se estabelecer uma família. Obviamente de fora ficavam os enfermos, os incuráveis, os muito pobres e os tarados. Concluindo, ele afirma que esta inferioridade naturalmente se manifestaria por uma maior mortalidade, por uma maior criminalidade e por uma tendência mais acentuada para o suicídio.<sup>159</sup>

Talvez este argumento de Durkheim possa ser usado para o caso abaixo...

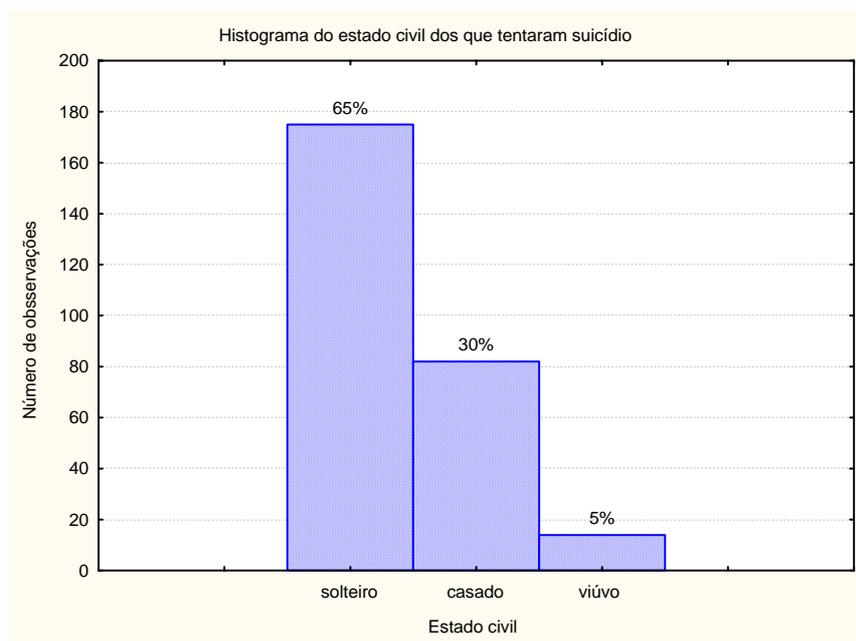
“Suicídio espetacular na Dantas Barreto”.

“F, casada, 21 anos, doméstica, atirou-se do oitavo andar do Edifício Santo Albino, localizado na Avenida Dantas Barreto. A polícia suspeita que o motivo tenha sido o marido desempregado e a família passando fome”.<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 186.

<sup>160</sup> Diário de Pernambuco, 15/09/57.



**Figura 12 - Histograma do estado Civil dos que tentaram suicídio**

A figura 12 (histograma do estado civil dos que tentaram suicídio), ao contrário da figura 1 (histograma do estado civil dos suicidas), apresenta os solteiros respondendo por 65% dos casos, enquanto os casados representam apenas 30%, quase a metade do percentual dos solteiros. O percentual de viúvos foi de 5%. Uma hipótese pode ser levantada na análise desses dados. No caso das tentativas esta inversão que aparece nos dados – solteiros respondendo por 65% dos casos – talvez possa ser explicada pelo fato de que muitos casais, embora vivendo maritalmente, não eram casados legalmente e assim apareciam como solteiros nos jornais. Atente-se para os casos abaixo...

“A, 32 anos, solteiro, agricultor, tentou matar-se com um canivete. Motivo: ciúmes da amante.<sup>161</sup>

“M, 19 anos, solteira, doméstica, tentou o suicídio ateando fogo às vestes. Motivo: ciúmes do amante.<sup>162</sup>

“I, 16 anos, solteira, doméstica, tentou o suicídio tomando tóxico. Motivo: o amante tinha outra mulher.<sup>163</sup>

“F, 18 anos, solteira, doméstica, tentou suicidar-se tomando querosene. Motivo: ciúme do companheiro”.<sup>164</sup>

<sup>161</sup> Diário de Pernambuco, 11/10/58.

<sup>162</sup> Ibid, 06/11/58.

<sup>163</sup> Ibid, 22/10/54.

<sup>164</sup> Ibid, 21/09/57.

**Tabela 4 - Tabela da profissão dos suicidas e dos que tentaram suicídio**

<b>Profissão</b>	<b>Frequência (suicidas)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentaram suicídio)</b>	<b>%</b>
Doméstica	54	17.1	85	21.1
Comerciário	19	6.0	22	5.5
Operário	18	5.7	22	5.5
Agricultor	11	3.5	9	2.2
Empregado Doméstico	9	2.9	6	1.5
Mundana	8	2.5	22	5.5
Comerciante	7	2.2	5	1.2
Funcionário Público	6	1.9	5	1.2
Outros	80	25.4	96	23.8
Não declarado	103	32.7	120	29.8
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>100.0</b>	<b>403</b>	<b>100.0</b>

Na tabela 4 (Profissão dos suicidas e dos que tentaram o suicídio), a profissão de doméstica aparece em primeiro lugar. É preciso atentar para o fato de que nos anos 1950 a maioria das mulheres, principalmente as casadas, não desempenhavam uma função formal fora de casa, sendo, por este motivo, taxadas de domésticas, que no contexto de então se referia às donas de casa de um modo geral.



**Figura 13 - “Suicidou-se a doméstica”. Diário de Pernambuco, 24/10/58.**

Observando-se os casos apresentados anteriormente, nota-se que praticamente todas as mulheres aparecem como domésticas. Além do mais, utilizavam sempre algum tipo de tóxico ou o fogo (meios mais acessíveis a uma dona de casa).

“As ocupações têm relevância principalmente no que diz respeito ao acesso aos métodos e também ao nível de estresse variável que provocam, podendo assim facilitar o ato suicida”.<sup>165</sup>

Em segundo e terceiro lugar aparecem respectivamente, as profissões de comerciário e operário, com predominância do sexo masculino. Aos homens, de um modo geral, cabiam estas profissões. O comércio do bairro de Santo Antonio, onde se concentravam os estabelecimentos comerciais a varejo e os de luxo, absorvia uma grande mão-de-obra; as fábricas de tecidos, outra grande parte. Nos anos 1950, o Recife possuía um grande parque industrial têxtil, onde se destacavam as fábricas da Macaxeira

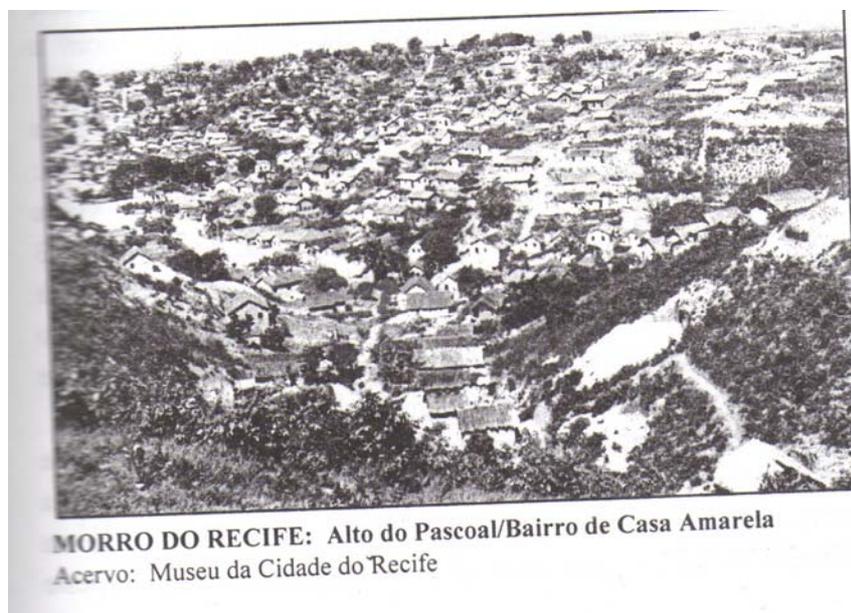
---

<sup>165</sup> CORRÊA/Humberto, BARRERO/Sergio. *Suicídio uma morte evitável*, p. 18.

(localizada em Casa Amarela), da Torre (situada no bairro do mesmo nome), a fábrica Tacaruna (em Campo Grande) e o TSAP (no bairro de Santo Amaro). Desde Durkheim as funções industriais e comerciais estão, com efeito, entre as profissões em que mais se verificam suicídios.<sup>166</sup>

**Tabela 5 - Tabela do bairro dos suicidas e dos que tentaram suicídio**

<b>Bairro</b>	<b>Frequência (suicidas)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentaram suicídio)</b>	<b>%</b>
Casa Amarela	26	8.3	26	6.5
Afogados	13	4.1	16	4.0
Pina	11	3.5	13	3.2
Campo Grande	9	2.9	14	3.5
Boa Vista	9	2.9	11	2.7
Santo Amaro	8	2.5	9	2.5
Cordeiro	7	2.2	6	1.5
Tejipió	7	2.2	7	1.7
Outros	114	36.2	137	34.0
Não declarado	111	35.2	130	32.3
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>100.0</b>	<b>403</b>	<b>100.0</b>



**Figura 14 – Morro Do Recife: Alto do Pascoal/Bairro de Casa Amarela. Acervo Museu da Cidade do Recife**

<sup>166</sup> DURKHEIM, Emile. *O suicídio*, p. 278.

A tabela 5 (bairro dos suicidas e dos que tentaram o suicídio) apresenta o Bairro de Casa Amarela como o de maior número de vítimas. Numa observação rápida, é preciso deixar claro que nos anos 1950 este bairro era o maior da cidade, pois ainda não fora desmembrado em vários outros bairros como atualmente. Na pesquisa, a incidência dos casos localizava-se na periferia deste bairro, onde se situava a maioria dos morros da cidade e concentravam-se as pessoas de menor poder aquisitivo, concluindo-se que as vítimas eram de condição social mais baixa.

“A ocupação dos morros de Casa Amarela (ao norte da Av. Norte) iniciou-se nos anos 40, como resultado da política de erradicação dos mocambos nas áreas mais centrais da cidade. Ao longo da década de 1950, ocorreu maior concentração em torno do mercado público e o espraiamento de uma ocupação sem alinhamento e sem regularidade, característica de mocambos, subindo os morros da Conceição, Alto José do Pinho, Alto José Bonifácio, Alto do Mandu, Alto da Esperança e Alto da Favela, e descendo pelos córregos do Euclides, Zeca Tatu, Saudade e Zé Grande. O bairro de Casa Amarela apresentava, no ano de 1960, 114,97 hab./há. – a mais alta densidade da cidade”.<sup>167</sup>

A concentração da terra e da propriedade nas mãos de poucos, gerava uma proletarização e pauperização de grandes contingentes que procuravam a capital do Estado em busca de melhores oportunidades. Nos bairros periféricos, a exemplo de Casa Amarela e Afogados, este quadro era agravado pela carência de moradia, de abastecimento, de lazer, enfim, problemas típicos de aglomerados humanos e que talvez pudessem ser apontados como causa para as tentativas de suicídio e dos casos consumados.

## COMO?

Uma consideração importante feita por Durkheim, é a de que a opção pelo método passa pela personalidade do indivíduo, imprimindo aos suicidas um sinal particular que os caracteriza.

“Não há suicídio, mas suicídios. Sem dúvida, o suicídio é sempre o ato de um homem que prefere a morte à vida. Mas nem sempre as causas que o determinam são da mesma natureza: por vezes chegam a se opor. (...) Cada suicida dá ao ato um cunho pessoal que exprime o seu temperamento, as condições especiais em que se encontra e que, por conseguinte, não pode ser explicado pelas causas sociais e gerais do fenômeno”.<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos*, p. 49.

<sup>168</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 303.

São múltiplas as possibilidades de como as pessoas podem se matar. Vimos, por exemplo, que entre os escravos, além dos métodos mais tradicionais – baleavam-se, esfaqueavam-se, estrangulavam-se – eles também se suicidavam comendo terra ou barro, além de um meio curioso de engolir a própria língua, obstruindo a glote e provocando asfixia. As estatísticas apontam que os homens preferem os meios mais letais, a exemplo do revolver, enquanto as mulheres recorrem a armas mais acessíveis, a exemplo do tóxico.

Um dos fatores mais importantes para a escolha do método suicida, segundo estudiosos do assunto, seria a disponibilidade e a acessibilidade do método. Por esse raciocínio, verificou-se que nos casos coletados nos anos 1950, a intoxicação e o fogo ocupam lugar de destaque, aparecendo com o percentual de 29% e 25% quando do suicídio e 43% e 28% quando das tentativas, respectivamente, o que comprovaria não só o livre acesso, como a disponibilidade desses métodos no período pesquisado. O uso de um método dependeria também, além da disponibilidade e acessibilidade, do grau de familiaridade que o indivíduo tem com ele.

**Tabela 6- Tabela dos meios utilizados pelos suicidas e dos que tentaram suicídio**

<b>Meio utilizado</b>	<b>Frequência (suicidas)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentaram suicídio)</b>	<b>%</b>
Auto-intoxicação	91	28.9	176	43.7
Fogo	79	25.1	74	28.4
Enforcamento	46	14.6	23	5.7
Arma de fogo	45	14.3	18	4.5
Precipitação	30	9.5	30	7.4
Arma branca	9	2.9	64	15.9
Auto-atropelamento	7	2.2	9	2.2
Jogou-se de um veículo ou trem	2	0.6	0	0.0
Outros	0	0.0	6	1.2
Não declarado	6	1.9	3	0.7
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>100.0</b>	<b>379</b>	<b>100.0</b>

A tabela 6 mostra os meios utilizados na morte voluntária e nas tentativas. Nota-se que a maior incidência fica por conta da auto-intoxicação (envenenamento). A facilidade de se conseguir o tóxico poderia ser explicado pelo fato de que estes produtos eram

facilmente encontrados nas próprias casas das vítimas, a exemplo da creolina, da água sanitária e do veneno para matar ratos. Além de serem os mais procurados, estes produtos estavam sempre à mão. Os jornais, em várias oportunidades, ao noticiar algum suicídio por este meio, procuravam alertar as autoridades da facilidade que era de se conseguir este tipo de tóxico; qualquer pessoa podia comprá-lo em algum armazém que os vendesse. Era comumente usado por homens e mulheres.

Em segundo lugar, aparecem os suicidas que procuravam o fogo para conseguir o seu intento, talvez o mais desumano e doloroso método empregado. O “atear fogo às vestes”, usado principalmente pelas mulheres, era altamente letal e quem o procurava tinha poucas chances de sobreviver. Era o meio mais à mão, visto que a maioria dos fogões domésticos da época funcionava à base de querosene ou álcool. Quem sobrevivia, ficava com sequelas para o resto da vida.



**Figura 15 - "Seduzida e abandonada tocou fogo nas vestes". Diário de Pernambuco, 29/11/58.**

Em terceiro lugar aparece o enforcamento, um dos meios mais antigos e letais usados quando dos casos consumados e das tentativas. Por conta dessa letalidade, o percentual de quem conseguiu o intento foi de 14,3% e dos que escaparam com vida foi de apenas 5,7%.

Em quarto lugar, entre os meios mais utilizados, estão as armas de fogo, instrumento essencialmente masculino e, por isso, sendo mais usado pelos homens.

Mesmo assim, este meio foi utilizado por várias mulheres que procuravam (quando tinham acesso) armas para conseguir o seu objetivo de matar-se. Atente-se para os casos abaixo...

“C, 20 anos, comerciária, suicidou-se com um tiro no coração. A arma pertencia ao dono da pensão onde C se hospedava.”<sup>169</sup>

“F, 23 anos, separada, matou o amante, o filho e depois se suicidou com uma arma de fogo. Deixou carta anunciando pacto de morte com o amante.”<sup>170</sup>



Figura 16 - “Suicidou-se o menor de 17 anos, com um tiro de fuzil no ouvido”. Diário de Pernambuco, 12/11/58.

Em quinto lugar aparece a precipitação, meio muito utilizado, até nos dias atuais, por quem deseja se matar. Este método, bastante letal e usado com certa frequência nos anos 1950, mereceu, por conta disso, comentários extras do jornal Diário de Pernambuco do dia 12 de outubro de 1957, ao noticiar quatro casos seguidos, em apenas três dias...

“Registra-se assim, o quarto caso de suicídio ocorrido em três dias, todos de homens e na mesma condição, nesta cidade”.<sup>171</sup>

<sup>169</sup> Diário de Pernambuco, 31/10/58.

<sup>170</sup> Ibid, 23/06/57.

Atente-se para os casos...

“M, comerciário, jogou-se do décimo terceiro andar do Edifício Duarte Coelho. Motivo: tuberculosos e atualmente sem emprego.<sup>172</sup>

“A, operário, 23 anos, precipitou-se do terceiro andar de uma pensão da Rua Vigário Tenório, no bairro do Recife. Bilhete encontrado no bolso da vítima não esclarecia coisa nenhuma”.<sup>173</sup>

“J, bacharel, 46 anos, casado, jogou-se de cima da Matriz da Soledade. Conclusão da polícia: acometido de sensível abalo mental em vista de excesso de trabalho”.<sup>174</sup>

“M, solteiro, 22 anos, comerciário, solteiro, jogou-se do terceiro andar da pensão onde vivia”.<sup>175</sup>

## ONDE?

Os dados coletados na pesquisa englobam todos os casos ocorridos no Estado de Pernambuco noticiados nos jornais analisados uma vez que estes jornais cobriam ocorrências de todo o Estado, não somente os suicídios e as tentativas acontecidos na capital. Nota-se que o Recife concentra o maior número de casos, logicamente por ter uma população mais numerosa.

Por outro lado, vários estudos apontam para uma incidência maior de suicídios e tentativas nas zonas urbanas do que nas zonas rurais, o qual dependeria de uma série de fatores sócio-culturais não analisados no presente trabalho.

**Tabela 7- Cidade onde ocorreram os suicídios e as tentativas**

<b>Cidade</b>	<b>Frequência (suicídios)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentativas)</b>	<b>%</b>
Recife	222	70.4	287	71.2
Vitória de Santo Antão	9	2.9	11	2.7
Jaboatão	7	2.2	5	1.2
Olinda	7	2.2	14	3.5
Paulista	4	1.2	3	0.7
Caruaru	3	0.9	2	0.5
Garanhuns	2	0.6	1	0.2
Outros	21	6.7	31	7.7
Não declarado	40	12.7	49	12.2
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>100.0</b>	<b>403</b>	<b>100.0</b>

<sup>171</sup> Diário de Pernambuco, 12/10/57.

<sup>172</sup> Ibid, 10/10/57.

<sup>173</sup> Ibid, 10/10/57.

<sup>174</sup> Ibid, 10/10/57.

<sup>175</sup> Ibid, 12/10/57.

A tabela 7 (porcentagem em relação à cidade onde ocorreram os suicídios e onde ocorreram as tentativas), apresenta o Recife com o maior número de casos (222 de um total de 321, quase 70% e 287 de um total de 403 casos, ultrapassando os 70%, respectivamente), como era de se esperar. Vale ressaltar que praticamente todos os casos de suicídio acontecidos no Estado de Pernambuco, assim como as tentativas de suicídio, eram encaminhados ao Hospital do Pronto Socorro da capital onde se realizavam os atendimentos emergenciais e também aconteciam os óbitos.

**Tabela 8- Local onde ocorreram os suicídios e as tentativas**

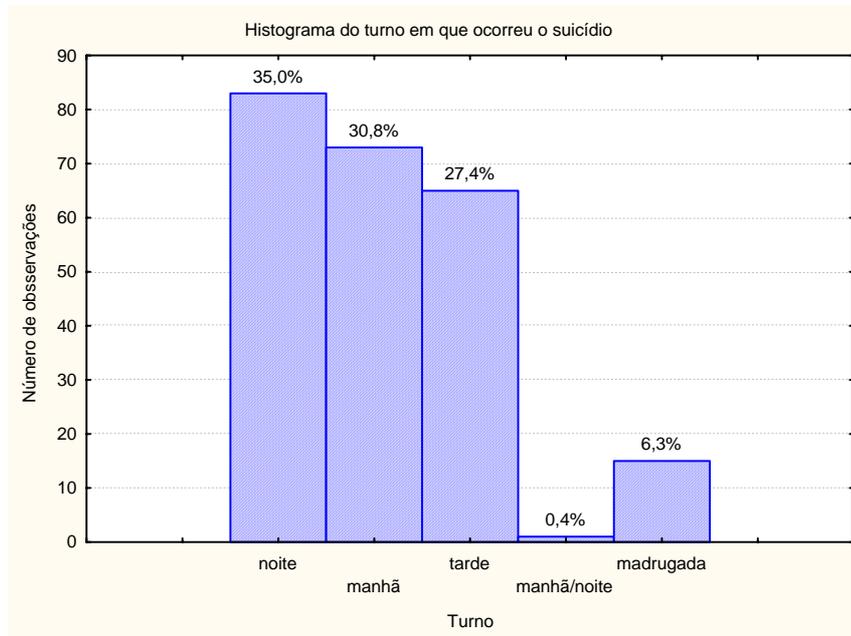
<b>Local</b>	<b>Frequência (suicídios)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentativas)</b>	<b>%</b>
Casa	119	37.8	204	50.6
Via Pública	11	3.5	12	2.9
Pensão	7	2.2	3	0.7
Hospital	6	1.9	2	0.5
Casa do Patrão	6	1.9	4	1.0
Prisão	5	1.6	1	0.2
Local de trabalho	5	1.6	4	1.0
Outros	59	18.7	35	8.7
Não declarado	97	30.8	138	34.2
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>100.0</b>	<b>403</b>	<b>100.0</b>

Normalmente, o suicídio era praticado na residência da vítima. Porém, em muitos casos, o método escolhido levava a vítima a praticá-lo fora de casa. No Recife dos anos 1950, era comum o fato das pessoas se atirarem de uma das pontes que cercam a cidade ou mesmo procurarem os prédios mais altos, concentrados nos bairros centrais, para conseguir seu intento. A tabela 8 apresenta o local de moradia com o maior número de ocorrências, confirmando quase que uma regra geral. Em segundo lugar, aparece a via pública.

“Com dois tiros na cabeça suicidou-se, em plena via pública e na presença da namorada, um tresloucado comerciário. J, solteiro, 20 anos, motivo: a namorada recusou-se a fugir com ele”.<sup>176</sup>

<sup>176</sup> Jornal Pequeno, 28/02/53.

## QUANDO?



**Figura 17 - Histograma do turno em que ocorreu o suicídio**

Alguns estudiosos demonstraram que o comportamento suicida pode sofrer influência de variáveis temporais, a exemplo da estação do ano, do mês, do dia e da hora do ocorrido.

Para Durkheim, por exemplo...

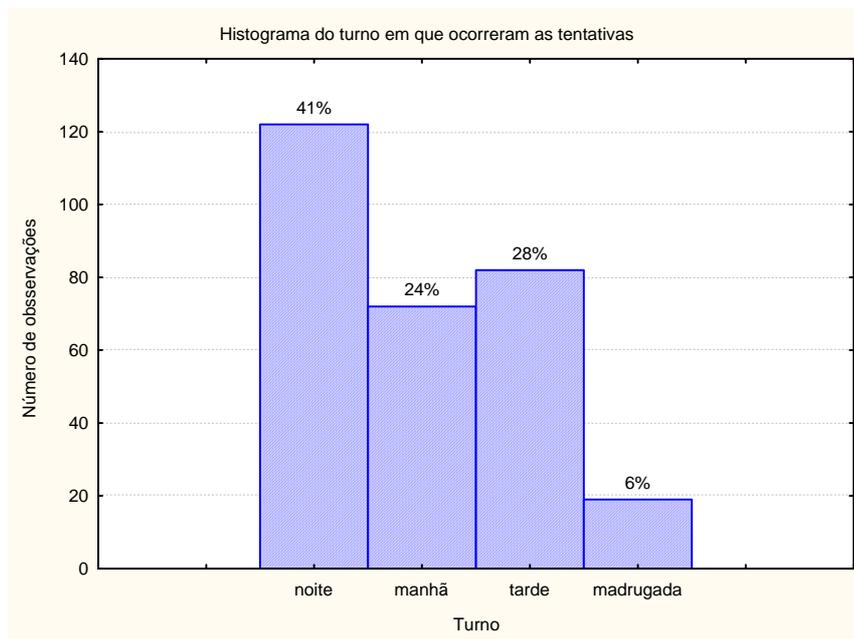
“O dia favorece o suicídio porque é o momento em que se desenvolve uma atividade maior, em que as relações humanas se cruzam e entrecruzam, em que a vida social é mais intensa”<sup>177</sup>.

A figura 17 (histograma do turno em que ocorreu o suicídio) mostra o turno da noite como o maior responsável entre os casos pesquisados, 35%. Enquanto isso, os turnos da manhã e tarde possuem 31% e 27%, respectivamente. Nesta mesma figura, há uma pequena quantidade de casos que diz respeito à dupla tentativa no mesmo dia, ou seja, os suicidas tentaram em dois turnos (manhã e noite) conseguindo o seu intento no último

<sup>177</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 105.

deles. Por último, a madrugada foi responsável por apenas 6% dos casos. No caso específico do Recife dos anos 1950, nota-se um razoável equilíbrio entre os turnos da manhã, tarde e noite em que ocorreram os casos consumados, o que contraria a conclusão de Durkheim que em suas pesquisas verificou...

“Há dois momentos do dia em que o suicídio chega ao seu auge. São precisamente aqueles em que o movimento dos negócios é mais rápido, de manhã e à tarde”.<sup>178</sup>



**Figura 18 - Histograma do turno em que ocorreram as tentativas**

A figura 4 (histograma do turno em que ocorreram as tentativas) apresenta mais uma vez o turno da noite com o maior percentual de casos 41%, enquanto o turno da manhã fica com 24% e o turno da tarde com 28%. A madrugada apresenta 6% dos casos, como no gráfico anterior, relativo aos suicídios.

No caso das tentativas, o turno da noite também aparece em primeiro lugar, só que mais distante dos turnos da manhã e da tarde. Talvez fosse o caso de se atentar para a explicação freudiana que diferencia o suicídio da tentativa. Esta última aconteceria entre

<sup>178</sup> DURKHEIM, Émile; *O suicídio*, p. 105.

personalidades históricas e representaria uma mensagem do tipo: “olha quanto estou sofrendo”.

Ao tentar o suicídio à noite (quando mais pessoas estão em casa) e dependendo do método empregado (menos letais), estas pessoas talvez não quisessem realmente morrer; o gesto representaria apenas um pedido de socorro, de ajuda. Atente-se para os casos abaixo...

“H, solteiro, 23 anos, operário, aborreceu-se em casa por questões domésticas, se desentendeu com alguma pessoa da família e ingeriu uma certa quantidade de água sanitária, à noite, em casa. Arrependido, botou a boca no mundo e disse que não queria morrer”.<sup>179</sup>

“J, operária, solteira, tentou matar-se à noite em sua casa tomando um tóxico mais violento, substância medicamentosa de nome arvesado (sic), que nem mesmo ela entendia. Engoliu quantos comprimidos teve vontade e quando viu a “coisa preta” confessou, aos berros, à sua família, que procurara suicidar-se por ter sido abandonada pelo namorado. A tresloucada permanece internada no HPS havendo possibilidade de que consiga se salvar”.<sup>180</sup>

“M, casado, 20 anos, comerciante, por questões de família se desinteressou totalmente pela vida. Empregou meios mais positivos e também mais violentos: usou substância medicamentosa para destruir o organismo num abri e fechar de olhos. Não suportando a dor, botou a boca no mundo. A tentativa foi à noite, em casa”.<sup>181</sup>

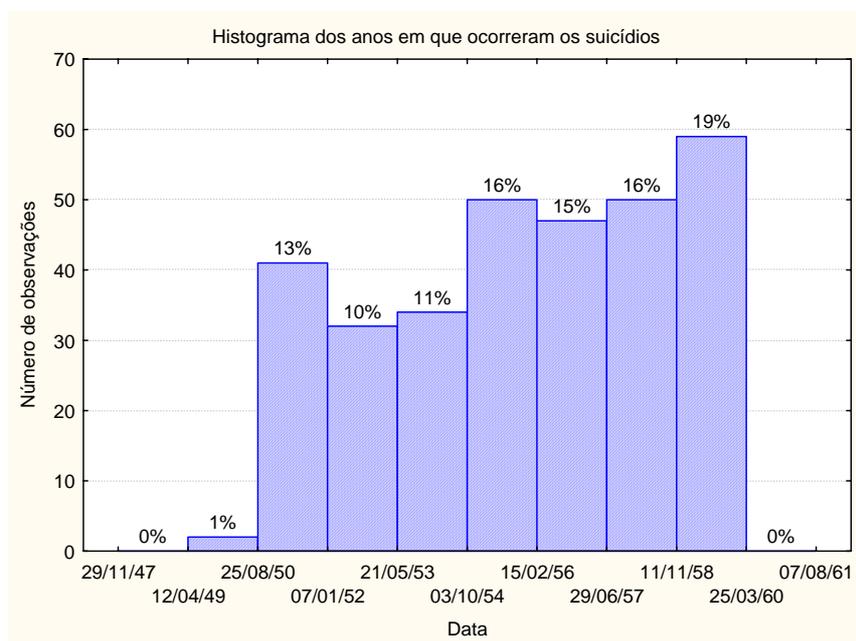


Figura 19 - Histograma dos anos em que ocorreram os suicídios

<sup>179</sup> Diário de Pernambuco, 25/11/54.

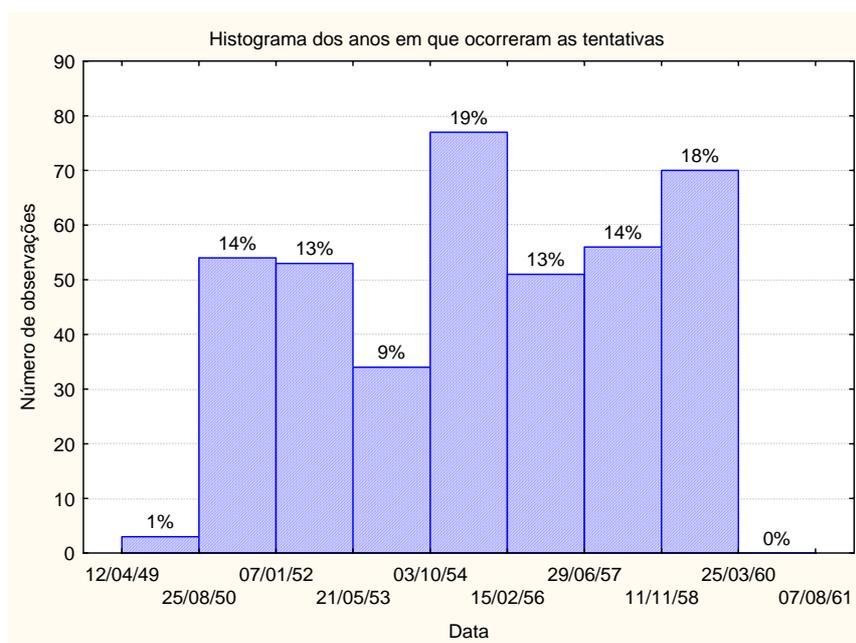
<sup>180</sup> Ibid, 25/11/54.

<sup>181</sup> Ibid, 06/11/54.

A figura 5 (histograma dos anos em que ocorreram os suicídios) apresenta o período que vai de 11 de novembro de 1958 a 31 de dezembro de 1959 como o de maior incidência de casos (quase 60 casos ou 19%), enquanto o período de 07 de janeiro de 1952 a 21 de maio de 1953 como os de menor frequência de casos (em torno de 30 casos ou 10%).

Nota-se um certo equilíbrio nos anos pesquisados, mesmo assim, o percentual máximo observado no período que começa em 11 de novembro de 1958 mereceu, no dia 30 de novembro do mesmo ano, o comentário que inicia este trabalho:

“Prosegue, intensa, a onda de suicídios no Recife”.



**Figura 20 - Histograma dos anos em que ocorreram as tentativas**

A figura 6 (histograma em que ocorreram as tentativas) apresenta o período compreendido entre 03 de outubro de 1954 a 15 de fevereiro de 1956 como o de maior

número de casos (quase 80 casos ou 19%). Por outro lado, o período de menor incidência de casos ficou entre 21 de maio de 1953 a 03 de outubro de 1954 (um pouco mais de 30 casos ou 9%).

“Pelo visto, novembro, como outubro último, será, igualmente, um mês de muitos casos de suicídios e tentativas, durante as quais vários desiludidos terminarão morrendo mesmo”.<sup>182</sup>

## **POR QUE?**

Conforme visto no capítulo dois, vários são os motivos que podem levar alguém a querer se matar, sendo arriscado apontar uma única causa para o suicídio. Mesmo assim, tanto nos suicídios consumados quanto nas tentativas, a grande pergunta que se faz é: por que ele ou ela se matou? Teria sido levado pelo grande impulso para a morte que domina todos nós? Ou, pelo contrário, o ato foi apenas uma continuidade do seu comportamento diante da vida, suas reações à dor, à perda, ao fracasso?

A busca por respostas levou Freud à formulação da teoria de um instinto de morte. Atuando em dois pólos distintos e antagônicos, o instinto de vida e o instinto de morte estão em constante conflito e interação. O equilíbrio entre os dois seria fundamental, pois quando o instinto de morte assume o controle, ocorreria o suicídio.

“De acordo com esse conceito, existem desde o início em todos nós fortes propensões à auto-destruição e essas propensões só se concretizam em verdadeiro suicídio nos casos excepcionais em que numerosas circunstâncias e fatores se combinam para torná-lo possível”.<sup>183</sup>

Por outro lado, para Durkheim...

“O suicídio é, vulgarmente e antes de mais nada, o ato de desespero de um indivíduo a quem a vida já não interessa”.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> Diário de Pernambuco, 06/11/54.

<sup>183</sup> MENINGER, Karl. *Eros e Tânatos – o homem contra si próprio*, p. 21.

<sup>184</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, p. 14.

Este desespero seria gerado pelos efeitos nocivos existentes na sociedade da qual o indivíduo faz parte. Neste caso, os motivos que levam uma pessoa a querer se matar teriam que ser procurados na sociedade, pois “não são os indivíduos que se suicidam, mas a sociedade através deles”.<sup>185</sup>

Para Camus

“Há muitas causas para o suicídio, e nem sempre as causas mais aparentes foram as mais eficazes”.<sup>186</sup>

Os jornais pesquisados falam com frequência de “aflições íntimas”, “doença incurável”, “desemprego”. Estas explicações são válidas e, por conta disso, elas compõem o quadro de análise deste trabalho.

**Tabela 9- Motivo dos suicídios e das tentativas**

<b>Motivo</b>	<b>Frequência (suicídios)</b>	<b>%</b>	<b>Frequência (tentativas)</b>	<b>%</b>
Passional	49	15.3	135	33.5
Ignorados	45	14.0	35	8.7
Íntimos	30	9.3	47	11.7
Doença	24	7.5	15	3.7
Financeiro	23	7.2	18	4.5
Loucura	15	4.7	15	3.7
Vergonha	6	1.9	2	0.5
Outros	35	10.9	79	19.6
Não declarado	94	29.3	57	14.1
<b>Total</b>	<b>321</b>	<b>100.0</b>	<b>403</b>	<b>100.0</b>

A tabela 9 (motivo dos suicídios e motivo das tentativas), mostra o suicídio passional (aí incluído os casos de amor, de ciúme, de brigas, de amores proibidos), em primeiro lugar nas duas situações.

<sup>185</sup> Durkheim, Émile. *O suicídio*, p. 46.

<sup>186</sup> CAMUS, Alberto. *O mito de Sísifo*, p. 19.



Figura 21 - “A namorada deu-lhe o fora e Arnaldo procurou a morte”. Jornal Pequeno, 18/11/52.

Em segundo lugar, estão os motivos ignorados, quando nem a família nem a polícia conseguem uma explicação para o ato.

Em terceiro lugar aparecem as questões de foro íntimo, motivação ligada a causas variadas e por isso difíceis de avaliar, pois até mesmo quando das tentativas a vítima se recusa a dizer o que realmente a levou a praticar o ato.

Em quarto e quinto lugares aparecem, respectivamente, as doenças e os problemas financeiros. A doença, quando incurável, foi apontada várias vezes como motivo do suicídio e das tentativas. Entre os motivos financeiros estava o desemprego, causador de desajustes e desencadeador de problemas na família.

“O desemprego tem impacto potencial sobre o risco de suicídio não só do indivíduo como de seus familiares. Ao deteriorar as condições econômicas da família, acaba por reduzir a auto-

estima, desencadear sentimentos pessimistas, causar ansiedade, limitar o acesso aos tratamentos e provocar tensões conjugais.”<sup>187</sup>

A loucura, que aparece na tabela 9 com 4,7% e 3,7%, respectivamente, está associada, praticamente, a todos os casos nas notícias dos jornais pesquisados, que sempre se referem ao ato como “tresloucado”. Embora os motivos que levaram o indivíduo a praticar o gesto possam ser outros, não só a imprensa, como também a família, sempre optava por mais uma causa – a loucura.

“F., servente, 24 anos, tentou o suicídio atirando-se da Ponte Buarque de Macedo. Motivo: por ter perdido o emprego no Hospital Jayme da Fonte. Apresenta sensíveis sinais de debilidade mental”.<sup>188</sup>

“E., tresloucado auxiliar do comércio, suicidou-se ingerindo tóxico. Deixou bilhete falando de doença incurável”.<sup>189</sup>

“G., solteiro, 25 anos, auxiliar de comércio, tentou o suicídio por “questões íntimas”, ingerindo tóxico. Foi internado numa casa de saúde para doentes mentais porque continua com a idéia de suicídio”.<sup>190</sup>

“D., militar, solteiro, 22 anos, suicidou-se com um tiro no quartel do Derby. Sofria dos nervos o tresloucado moço”.<sup>191</sup>

Em sétimo lugar aparece a vergonha, motivo só apresentado quando a própria vítima deixa isto por escrito. Como exemplo, observe-se o caso do comerciante P. citado na página 53, que no início de uma das cartas diz que prefere morrer a passar vergonha. É também motivo para o suicídio de algumas mulheres solteiras, abandonadas por namorados ou noivos, que lhes prometiam casamento e as deixavam, depois de as terem seduzido e em alguns casos engravidado. Temendo a vergonha que teriam que passar perante a família e a sociedade, essas mulheres procuravam no suicídio a fuga para o seu problema.

Em oitavo e nono lugares, respectivamente, aparecem Outros motivos e os não declarados. No primeiro caso, existe uma série de motivos que não oferecem dados para esta análise por serem insignificantes individualmente. Os não declarados são aqueles casos em que a própria imprensa deixa de informar. Diferentemente dos motivos

---

<sup>187</sup> CORRÊA/Humberto, BARRERO/ Sergio. *Suicídio uma morte evitável*. P. 19.

<sup>188</sup> Diário de Pernambuco, 16/07/57.

<sup>189</sup> Jornal Pequeno, 12/05/53.

<sup>190</sup> Ibid, 31/01/53.

<sup>191</sup> Ibid, 10/03/53.

ignorados que embora investigados a fundo tanto pela polícia quanto pela família, não conseguem serem desvendados.

Ao se realizar um exame mais detalhado nos dados coletados, julgou-se importante usar o conceito de Probabilidade Condicional, que é...

“(...) o estudo de como a ocorrência de um evento pode influenciar a probabilidade de ocorrência de outro evento. A idéia é tratar probabilisticamente pelo menos alguns tipos de nexos causais. Uma questão fundamental é a seguinte: admita-se que se conhece a probabilidade  $P(A)$  de ocorrência do evento  $A$ . Sabe-se também que o evento  $B$  ocorreu. Será que este último dado vai alterar a probabilidade de  $A$ ? Em princípio, se houver algum nexo causal de  $B$  para  $A$ , a resposta a esta última questão é sim. Esta probabilidade de ocorrência de um evento sujeita à hipótese de ocorrência de outro evento é chamada de probabilidade condicional.

A idéia central da probabilidade condicional é a restrição do espaço amostral”.<sup>192</sup>

## O HOMEM SUICIDA

$$P(\mu=\text{Homem})= 0,556$$

### Análise Prognóstica

- utilizavam arma de fogo e enforcamento e eram comerciários, com a maior probabilidade.

### Exemplo:

$$P(\mu=\text{homem} | \psi=\text{arma de fogo})= 0,756 (75,6\%).$$

$$P(\mu=\text{homem} | \psi=\text{enforcamento})= 0,696 (69,6\%).$$

$$P(\mu=\text{homem} | \psi=\text{fogo})= 0,21 (21\%).$$

$$P(\mu=\text{comerciário} | \psi=\text{homem})= 0,132 (13,2\%).$$

## A MULHER SUICIDA

$$P(\mu=\text{Mulher})=0,444$$

### Análise Prognóstica:

- utilizavam fogo e majoritariamente, eram domésticas.

### Exemplo:

$$P(\mu=\text{mulher} | \psi=\text{fogo})=0,7895 (78,95\%)$$

---

<sup>192</sup> SOUZA, Fernando Menezes Campello de. Probabilidade, Estatística e Processos Estocásticos. Recife: Editoração Eletrônica, 2008.

$P(\mu=\text{mulher} | \psi=\text{arma de fogo})=0,2444$  (24,44%).

$P(\mu=\text{doméstica} | \psi=\text{mulher})= 0,6386$  (63,86%)

No cruzamento dos dados pesquisados, observou-se que em sendo homem, a probabilidade do uso de arma de fogo era de 75%, enquanto os que procuraram o enforcamento, quase 70%, mostrando uma causalidade entre usar arma de fogo ou o enforcamento e o ser homem. Na análise entre sexo e profissão, embora pouco significativo, a profissão de comerciário aparecia como condicionante ao fato de ser homem.

Dado que o suicida utilizou o fogo, a probabilidade deste ser mulher é muito significativa, quase determinante, em torno de 80%. Consequência disso é a baixa probabilidade da mulher usar arma de fogo, apenas 24%.

Ao se analisar a relação profissão e sexo, constatou-se que em sendo mulher, havia alta probabilidade desta ser doméstica, quase 64%.

A análise se restringiu a estes poucos pontos, uma vez que os demais dados não apresentaram significância estatística.

### **3.4 - CONCLUSÃO**

Atualmente, o discreto tratamento do tema suicídio pela imprensa diverge frontalmente da forma como a imprensa olhava a questão nos anos 1950: os jornais pesquisados não se intimidavam frente ao problema, as notícias eram recheadas de sensacionalismo e os casos minuciosamente relatados. Destaque para as fotos publicadas, com manchetes apelativas e que chamavam tanto a atenção. O temor de que um caso pudesse levar a outro fez com que as redações dos jornais se calassem e só noticiassem os casos que, segundo eles, tivessem alguma relevância jornalística.

Concordando com especialistas de várias partes do mundo, acredita-se que o suicídio pode ser visto como de interesse jornalístico sim e tratado como tal, levando-se em consideração apenas como o assunto será reportado, não cabendo mais o sensacionalismo que cercava o tema nos anos 1950, com a imprensa mergulhando nos

detalhes do ato em si, onde preparação, método, momento da morte eram descritos de forma minuciosa.

Por outro lado, não fosse a forma como o assunto era tratado na década de 1950, esta dissertação não teria este caráter inovador: ter como fonte de análise o material jornalístico sobre o suicídio.

Ao se comentar as tabelas e os histogramas optou-se, várias vezes, por Durkheim como ponto de referência na discussão dos dados por que o seu estudo sociológico também foi baseado em estatísticas, enquanto Freud baseou a sua teoria em análise de casos. A teoria psiquiátrica está presente praticamente em quase todos os casos pelo olhar da imprensa: a associação loucura x suicídio é fortemente enfatizada nas notícias dos jornais. Procura-se, dessa forma, deixar claro que nenhuma das teorias apresentadas foi adotada pela dissertação. Conforme dito anteriormente, as três teorias que serviram de referencial teórico para o trabalho se complementam na análise deste assunto tão complexo e polêmico.

Por fim, a análise dos dados proporcionou o levantamento de algumas hipóteses que poderão ser objeto de investigação num trabalho futuro. Dado a própria limitação do presente estudo, principalmente no que se refere a tempo, os processos originados dos inquéritos policiais dos casos de suicídio e das tentativas não puderam ser consultados. Pesquisas futuras poderiam levar em consideração esta fonte, rica de informações, que podem oferecer uma investigação mais profunda sobre suicídio e tentativas, possibilitando estudar o fenômeno através da análise de casos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pode-se perceber que embora as Ciências Humanas e a Medicina tentem explicar o comportamento suicida – ao mesmo tempo embaraçoso e intrigante – o suicídio continua causando horror e...

“(...) permanece ainda como uma solução suprema ao alcance de todos e nenhuma lei ou força no mundo o pode impedir”.<sup>193</sup>

Em outras palavras, a decisão de se recorrer ao suicídio continua sendo um grande mistério e um tabu rodeado de silêncio. Se do Renascimento às Luzes, o suicídio abandona, pouco a pouco, o *gheto* dos tabus e dos atos *contra-natura*, a partir do século XIX um grande silêncio se impõe e o debate se encerra. Caberá às Ciências Humanas e à Medicina tentar explicar este fenômeno.

Nome de importância fundamental no estudo do suicídio, Durkheim, na sua obra *Suicídio*, procurou focalizar os efeitos nocivos exercidos pela sociedade sobre os indivíduos, afirmando que o número de suicídios de determinada sociedade dependeria do grau de integração social e das regulações existentes nessa sociedade, o que o levaria a concluir que “não são os indivíduos que se suicidam, mas a sociedade através deles”.<sup>194</sup>

Ou seja, a sociedade prevalece sobre o indivíduo, com suas regras de conduta existentes não criadas por ele, mas que teriam que serem acatadas na vida social e seguidas por todos. Essas regras devem ser obedecidas, pois sem elas a sociedade não existiria.

Se, aparentemente, o fenômeno do suicídio consiste num ato pessoal, para Durkheim ele somente poderia ser explicado no contexto social ao qual pertence, uma vez que...

“Todas as sociedades estão predispostas a fornecer um determinado contingente de mortos voluntários. Essa predisposição pode, portanto, ser objeto de um estudo especial e situado no âmbito da sociologia”.<sup>195</sup>

---

<sup>193</sup> MINOIS, Georges. A História do Suicídio. P. 397.

<sup>194</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. P. 46.

<sup>195</sup> Ibid, p. 23/24.

Essa inclinação coletiva do suicídio é constituída de...

“(...) correntes de egoísmo, altruísmo ou de anomia que atuam dentro de cada sociedade juntamente com as tendências para a melancolia langorosa, para a renúncia ativa ou para a lassidão exasperada, consequência daquelas. São essas tendências da coletividade que, penetrando nos indivíduos, os levam a matar-se”.<sup>196</sup>

O seu estudo sociológico, muito documentado e baseado em estatísticas de sua época, chega a conclusões que embora muito criticadas, conservam uma grande força explicativa.

Em 1915, Freud apresentou sua primeira explicação do suicídio como uma volta da agressividade contra o próprio Eu. Na impossibilidade de realizar a agressão, essa agressividade volta-se contra o Eu, identificado com o objeto agressor.

Posteriormente, em 1920, anuncia a existência, em cada indivíduo, de uma *pulsão* de morte que se oporia às *pulsões* de vida, resultando em pólos antagônicos que deveriam se manter equilibrados. Esta teoria, bastante contestada, é a que afirma existir em cada homem um *instinto* de morte, a *destrudo*, que se opõe ao *instinto* de vida e de reprodução, a *libido*, e que em alguns casos poderia impor-se se não forem sublimados os seus substitutos, como a renúncia de si na dedicação pelos outros.

Para a Medicina, o suicídio passa a ser uma doença vergonhosa, com Pinel vendo na repressão o meio mais eficaz de curar as tendências suicidas, uma vez que tratamentos suaves não surtiriam efeito. A melancolia depressiva e a propensão ao suicídio são culpabilizadas pela Medicina que utiliza o tratamento moral, baseado na punição, também indicado para qualquer outro vício. A fome, a sede, o isolamento, a “camisa” de forças, as ameaças, são alguns sedativos morais aconselhados por alguns alienistas. A severidade era a palavra de ordem. O suicídio passa, de uma maneira ou de outra, a ser considerado uma forma de loucura.

Os textos de Esquirol reforçarão a teoria psiquiátrica, pois, para ele, o homem só atenta contra os seus dias no meio do delírio e todos os suicidas se mostram alienados.

A Teoria Psiquiátrica, que apresenta o suicídio com todas as características das alienações mentais, permanece vigente até os dias atuais, embora nem todos que cometem

---

<sup>196</sup> DURKHEIM, Émile; *O suicídio*, p. 328.

o suicídio tenham um transtorno mental. No entanto, a mortalidade por suicídio é maior entre os portadores de algum tipo de transtorno e atualmente 90% das pessoas que se suicidam têm uma doença mental diagnosticável no momento que se suicidam.<sup>197</sup>

A vigência dessa teoria pode ser observada na pesquisa realizada para elaboração desse trabalho. Nos anos 1950, tanto a imprensa como as autoridades policiais, sempre se utilizavam de termos que remetiam a uma condição de loucura por parte dos suicidas. Isto se deve, principalmente, à constante presença da teoria psiquiátrica – desde sua fundação, por Esquirol, até os dias atuais. Se, em princípios do século XX, ela perdeu um pouco do seu vigor, foi por causa da influência que sofreu da Psicanálise. Por outro lado, os constantes ataques da Igreja contra a morte voluntária de uma certa forma corroboraram a tendência dominante de taxar os suicidas de alienados, uma vez que o novo Código de Direito Canônico, de 1917...

“(…) declara que a sepultura eclesiástica deve ser recusada àqueles que se entregarem à morte de forma deliberada, podendo ser concedida em caso de dúvida sobre as faculdades mentais no momento do seu ato”.<sup>198</sup>

Todas as teorias apresentadas - por se complementarem, não podem ser olhadas como excludentes - valorizam a análise do suicídio por conta da complexidade do ato. De fato, a decisão de recorrer ao suicídio continua sendo um mistério por ser resultado de inúmeros fatores, onde a escolha final será sempre do próprio indivíduo. Se impossível é compreender o que leva alguém a querer se matar, faz-se necessário que o assunto seja amplamente discutido e o debate, interrompido no século das Luzes, seja renovado. Longe de incitar o suicídio, a questão do “ser ou não ser” deve levar a alma humana a aprofundar o sentido da vida, evitando, dessa forma, que fique evidenciado o sentimento do absurdo da existência em si.

“Somente através do jogo da consciência, eu transformo em regra de vida o que era um convite à morte, e assim recuso o suicídio”.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> CORRÊA/BARRERO. *Suicídio uma morte evitável*. P. 29.

<sup>198</sup> MINOIS, Georges. *História do suicídio*, pp. 391/392.

<sup>199</sup> CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. P. 65.

## BIBLIOGRAFIA

### a) Obras publicadas

- ALVES, Antonio Sobrinho; Desenvolvimento em 78 rotações: a indústria fonográfica Rozenblit (1953-1964). Dissertação (Mestrado em História) Departamento de História, UFPE, Recife, 1993.
- ALVES, Eveline; História do Rádio. (Projeto experimental Jornalismo-UFPE 2003,1), disponível em <http://www.virtus.ufpe.br/novosite/historiador>, acesso em 8 de abril de 2004.
- AQUINO, Rubin et al. História das Sociedades. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 28 ed. 1993.
- ARISTÓTELES; Ética. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural, 1995.
- ARRUDA, José e PILETTI, Nelson. Toda a História. São Paulo: Ática, 4 ed. 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo; Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929-1989. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CAMUS, Albert; O Mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- CASSORLA, Roosevelt M.S.; O que é suicídio. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- CASTRO, Ruy. O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CLAUDIO, José; A memória do Atelier Coletivo (Recife 1952-1957). Recife: Artespaço.
- CORRÊA, Humberto – BARRERO, Sergio P.; Suicídio: uma morte evitável. São Paulo: Editora Atheneu, 2006.
- COSTA, Quintino Castelar; Do suicídio e sua profilaxia. Tese em Medicina Legal. UFBA, Bahia, 1927.

- DAPIEVE, Arthur; Morreu na contramão – o suicídio como notícia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- DIAS, Maria Luiza; Suicídio: testemunhos de adeus. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- DURKHEIM, Émile; O suicídio. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- ESQUIROL, J.; Des maladies mentales: considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico legal. Paris: Bailliére, 1838. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em 19.09.2008.
- FAUSTO, Boris (org); PIERUCI, Antonio et al. História Geral da Civilização Brasileira III. O Brasil Republicano 4. Economia e Cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 3 ed. 1995.
- FIGUEIRÔA, Alexandre; Cinema Pernambucano, uma história em ciclos. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.
- ----- O Teatro Pernambucano. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2002.
- FONTENELLE, Paula. Suicídio o futuro interrompido. São Pauo: Geração Editorial, 2008.
- FREUD, Sigmund; Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.
- -----Luto e Melancolia; v. 2. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- -----Contribuições para uma discussão acerca do suicídio; v. 11, p. 217-8, 1910. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- -----O mal-estar na civilização (1930) in Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, Rio, Imago, 1974.
- -----O Eu e o Id in Obras completas de Sigmund Freud, vol. 3, Rio, Imago, 2007.
- GOETHE; Os sofrimentos do jovem WERTHER. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- -----FAUSTO. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- GOMES, Ângela de Castro (org.), Clóvis de Faro et al; O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

- GOULART, José Alípio; Da Fuga ao suicídio – aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, INL, 1972.
- HALBWACHS, Maurice; Les causes du suicide. Paris: Felix Alcan, 1930. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em 18.09.2008.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1970.
- HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- HORA, Abelardo da; “Depoimento” in Memorial do Movimento de Cultura Popular. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986.
- MARX, Karl; Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo Editora, 2006.
- MATOSO, Kátia; Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MENDONÇA, Maria do Carmo; Memórias de uma cidade: O lazer e a cultura no Recife – 1958. Monografia (Bacharelado em História) Departamento de História, UFPE, Recife: 2004.
- MENNINGER, KARL; Eros e Tânatos – o homem contra si próprio. São Paulo: Ibrasa, 1970.
- MINOIS, Geoges; História do suicídio. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.
- MORAIS, Clodomir; Queda de uma oligarquia. Recife: Graf. Ed. Do Recife S/A, 1959.
- NOVAIS, Fernando (org.); A História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1997.
- OSCAR, Henrique; in Teatro Moderno, O auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- PAGE, Joseph; A Revolução que nunca houve – O Nordeste do Brasil 1955-1964. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- PARAÍSO, Rostand; A velha rua Nova e outras histórias. Recife: Bagaço, 2002.
- PHAELANTE, Renato; Fragmento da História do Rádio Clube de Pernambuco. Recife: CEPE, 2 ed. 1998.
- PLATÃO; Fédon ou da alma. (Os pensadores). Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural Ltda., 1996.

- PONTUAL, Virgínia; Uma cidade e dois prefeitos: Narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed. Da UFPE, 2001.
- PRIORE, Mary Del; Histórias do Cotidiano. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.
- -----História do cotidiano e da vida privada. Em: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo; Domínios da História. São Paulo; Ed. Campus, 1997.
- REIS, João José – Silva, Eduardo; Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Cia. das Letras; 1989.
- RESENDE, Antonio Paulo; O Recife. Histórias de uma cidade. Recife: FCCR, 2002.
- SANTO AGOSTINHO; A cidade de Deus. São Paulo: Editora das Américas, 1091.
- SANTOS, Joaquim Ferreira; Feliz 1958 o ano que não devia terminar. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SHAKESPEARE, William; Hamlet. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda., 2007.
- SOARES, José Arlindo; A Frente do Recife e o governo Arraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- VOLTAIRE; Cândido ou o otimismo. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

#### b) Artigos de revistas

- PAGENOTO, Maria Lígia; “Suicídio: um absurdo razoável”. Filosofia – Ciência e vida, número, II, ano i – Ed. Escala.
- LEITE, Cinthia; “Suicídio vira questão de saúde pública”. Revista JC, ano 2, número 96, Recife, 2007.
- OLIVEIRA, S.V.; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; “O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão”. História, ciências, saúde – Manguinhos. V. 15, 2008.
- MAIA, Luis; “Sobre um princípio negado de funcionamento psíquico”, Cadernos de Psicanálise, Ano VII, abril de 1991, nº 1. pp. 37-41.

- MAIA, Luis, “*Le recours à la phylogénèse chez Freud*”, Journées Internationales Jean Laplanche, Lanzarote, julho de 2008.

c) Periódicos

- Diário de Pernambuco
- Jornal do Commercio
- Jornal Pequeno

d) Obras Gerais

- “Um Século que valeu por vinte”, Jornal do Commercio, 2001.
- “NOSSO SÉCULO”, Abril cultural, 1980.

ANEXOS



Figura 22 - “Jovem senhora matou-se, jogando-se do 8º andar do Edifício Santo Albino”. Diário de Pernambuco, 15/09/57.



Figura 23 - “Atirou-se do oitavo andar do Santo Albino ao solo”. Jornal do Commercio, 15/09/57.





Figura 25 - "Incógnita para a polícia a morte de Lúcia Maria". Diário de Pernambuco, 03/07/58.



Figura 26 - "Atormentado pela lembrança da noiva, Anibal Fonseca matou-se com um tiro no coração". Diário de Pernambuco, 21/10/58.



Figura 27 “Aníbal Fonseca, três meses depois da morte de Lucinha, suicidou-se”. Jornal do Commercio, 21/10/58.



Figura 28 - “Tomada de desgosto profundo Cilene matou-se com um tiro”. Jornal do Commercio, 31/10/58.

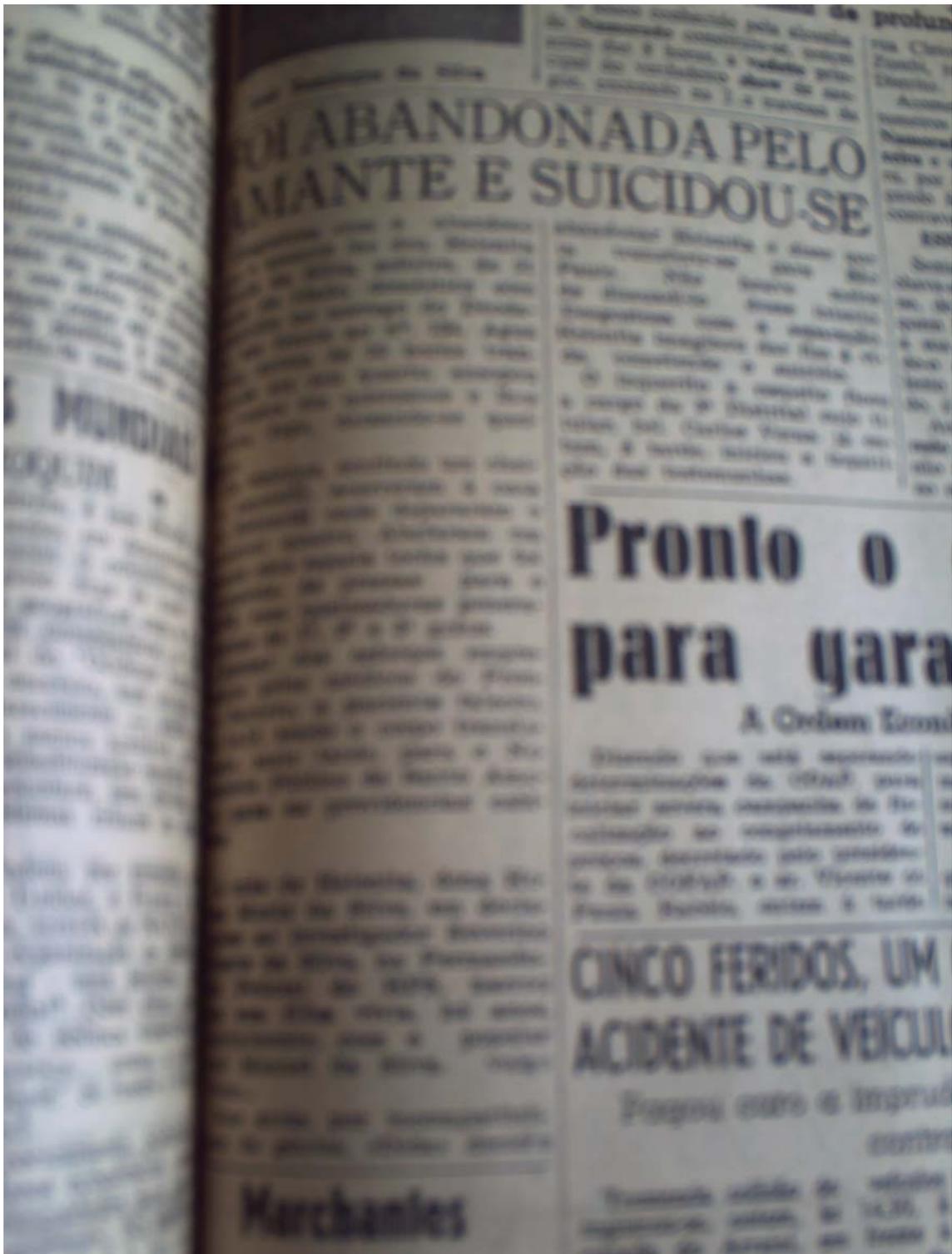


Figura 29 - “Foi abandonada pelo amante e suicidou-se”. Diário de Pernambuco, 22/11/58.

